



**PGDESIGN** | Programa de Pós-Graduação  
Mestrado | Doutorado



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ESCOLA DE ENGENHARIA**  
**FACULDADE DE ARQUITETURA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN**

Davi Frederico do Amaral Denardi

**A EXPERIÊNCIA DE LEITURA SOCIAL NO E-READER KINDLE:**  
caracterização de um modelo de experiência a partir da perspectiva dos usuários do  
grupo Amazon Kindle: Brasil no Facebook

Tese de Doutorado

Porto Alegre

2022

**DAVI FREDERICO DO AMARAL DENARDI**

**A experiência de leitura social no e-reader Kindle:** caracterização de um modelo de experiência a partir da perspectiva dos usuários do grupo Amazon Kindle: Brasil no Facebook

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Design.

Orientador: Prof. Dr. Airton Cattani

Porto Alegre

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Denardi, Davi Frederico do Amaral

A Experiência de Leitura Social no e-reader Kindle: caracterização de um modelo de experiência a partir da perspectiva dos usuários do grupo Amazon Kindle:

Brasil no Facebook / Davi Frederico do Amaral Denardi.

-- 2022.

186 f.

Orientador: Airton Cattani.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Engenharia, Programa de Pós-Graduação em Design, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Experiência de leitura. 2. Leitura social. 3. Modelo de experiência. 4. E-readers. 5. Teoria Sistêmica. I. Cattani, Airton, orient. II. Título.

DENARDI, D. F. A. **A experiência de leitura social no e-reader kindle:** caracterização de um modelo de experiência a partir da perspectiva dos usuários do grupo Amazon Kindle: Brasil no Facebook. 2022. 186 f. Tese (Doutorado em Design) – Escola de Engenharia / Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

**Davi Frederico do Amaral Denardi**

**A EXPERIÊNCIA DE LEITURA SOCIAL NO E-READER KINDLE: caracterização de um modelo de experiência a partir da perspectiva dos usuários do grupo Amazon Kindle: Brasil no Facebook**

Esta Tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de Doutor em Design, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Design da UFRGS.

Porto Alegre, 21 de novembro de 2022.

---

**Prof. Dr. Fabio Pinto da Silva**

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Design da UFRGS

**Banca Examinadora:**

---

Orientador: **Prof. Dr. Airton Cattani**

Programa de Pós-graduação em Design / UFRGS

---

**Profa. Dra. Berenice Santos Gonçalves**

Departamento de Expressão Gráfica / UFSC – Examinador Externo

---

**Prof. Dr. Sandro Roberto Fetter**

Departamento de Design e Expressão Gráfica / UFRGS – Examinador Externo

---

**Profa. Dra. Tânia Luisa Koltermann da Silva**

Programa de Pós-graduação em Design / UFRGS – Examinador Interno

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de estudar e pesquisar, e por me sustentar nos vários momentos de dificuldade e dúvida ao longo do processo deste estudo.

Agradeço aos meus pais Frederico Denardi e Rosa Elaine Porto do Amaral. Ao meu pai, agradeço por ensinar pela teoria, mas principalmente pelo exemplo, a disciplina, o amor à pesquisa científica, sendo o maior e mais próximo exemplo de pesquisador na minha vida, e cuja trajetória me orgulha profundamente. À minha mãe, agradeço pelo exemplo de paciência, gratidão e resignação em todas as partes da vida, pelo exemplo de olhar humano e afetuoso dado a tudo e a todos, além de ser meu maior exemplo de superação.

Aos meus irmãos Marcia do Amaral Denardi Albuquerque e Daniel do Amaral Denardi, por serem um sustentáculo de companheirismo e amor fraterno agora e sempre. São eles, junto com meus pais, os que mais me deram forças para seguir meu próprio caminho, me ajudando nos momentos de hesitação e tristeza, e celebrando com um verdadeiro brilho nos olhos todas as minhas (que eu considero como nossas) conquistas.

À minha amada esposa Roberta Ferreira Padilha por todo amor, dedicação, afeto, companheirismo e paciência ao longo de todo o nosso tempo juntos, mas mais especificamente ao longo desses quatro anos de pesquisa, que demandou mais recolhimento por minha parte.

À minha tia Vilma Olga Denardi por me acolher e incentivar nos primeiros momentos do doutorado em Porto Alegre, e depois com votos e orações, sem o que eu provavelmente não teria conseguido concluir este estudo.

Aos meus grandes amigos, Ricardo Peruffo Mello e Jan Raphael Reuter Braun. Ao Ricardo, agradeço pelas inestimáveis conversas e trocas de experiências, que tornaram ele um dos meus primeiros professores de design, pavimentando toda a minha formação posterior, além de ser um dos meus grandes incentivadores. Ao Jan agradeço por toda a convivência como colega docente e pelas incríveis experiências criativas que me fizeram compreender o que é de fato a pesquisa em Design.

Ao meu orientador, Airton Cattani, profissional que eu admiro pessoal e profissionalmente, cuja direção assertiva e calorosa me fez ver a pesquisa e o design de uma forma menos rígida e qualitativa, trazendo não apenas dados, mas a relação do pesquisador com as pessoas como agentes fundamentais do processo de pesquisa em design, trazendo o calor humano e a preocupação com as pessoas para o centro da discussão.

Ao competentíssimo corpo docente do PGDesign da UFRGS por todos os ensinamentos, sobretudo os exemplos de docência e de qualidade científica cada vez mais atestados pelos resultados do programa para a sociedade.

## RESUMO

Denardi, D F A. **A experiência de leitura social no e-reader kindle**: caracterização de um modelo de experiência a partir da perspectiva dos usuários do grupo Amazon Kindle: Brasil no Facebook. 2022. 186 f. Tese (Doutorado em Design) – Escola de Engenharia / Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

A sociedade tem sofrido profundas modificações a partir da popularização dos produtos digitais, entre eles os livros, distribuídos na forma de arquivos ou em *e-readers*, dispositivos específicos para transferência, armazenamento e leitura de livros digitais, sendo um dos *e-readers* mais comercializados o Kindle, da empresa de tecnologia Amazon. Podendo ser considerados híbridos entre o livro digital e o livro impresso, os *e-readers* oferecem uma experiência de leitura particular. A experiência de leitura neste estudo se refere à sensação de imersão no texto muito comumente descrita na literatura com conexões com o conceito de experiência do usuário, sobretudo em relação à temporalidade nos momentos pré-leitura, leitura e pós-leitura. A experiência de leitura também pode ser entendida como um metaprocessos subjetivo que envolve outros processos cognitivos, emocionais e culturais. Dentro destes processos está a possibilidade de socialização da experiência de leitura, conhecida como Leitura Social, e que se dá por meio de troca de percepções, comentários e avaliações, sobretudo online e por meio das mídias sociais. Tradicionalmente o estudo da experiência de leitura é abordado de forma analítica, decompondo seus elementos em partes analisadas separadamente. Porém, dada a sua complexidade e característica interdependente dos seus elementos constitutivos, a experiência de leitura parece ser mais apropriada a uma abordagem sistêmica, onde os diferentes elementos são estudados como um todo. Uma das possibilidades da abordagem sistêmica é o uso de imagens, diagramas e mapas para facilitar a compreensão desses sistemas, sendo diagramas simplificados de um objeto complexo considerados “modelos”. Assim, esta tese tem como objetivo caracterizar um modelo que represente os principais elementos da experiência de



leitura social no e-reader Kindle tendo como base o ponto de vista dos seus usuários. Para tanto, foram realizados quatro procedimentos: uma coleta de dados por meio de um questionário online publicado no grupo de Facebook Amazon Kindle: Brasil; cálculo de médias, desvios padrão e correlações entre as variáveis de leitura social presentes no questionário; a caracterização de um modelo visual que representa os relacionamentos entre essas variáveis e seis entrevistas de validação dos resultados junto a autores de livros para a plataforma Kindle. Nos resultados foi identificada uma contribuição da teoria da experiência do usuário no conceito de experiência de leitura em relação à temporalidade. O modelo também foi considerado claro como forma de representação da leitura social no dispositivo e parcialmente útil para a tomada de decisão dos autores de livros que participaram do estudo. Também foi identificada uma prevalência das mídias sociais e ferramentas de socialização externas ao Kindle em relação à percepção dos usuários a respeito das formas de socializar a leitura em meios digitais.

**Palavras-chave:** Experiência de leitura. Leitura social. Modelo de experiência. E-readers. Teoria Sistêmica.

## ABSTRACT

Denardi, D F A. **The social reading experience on the kindle e-reader:** characterization of an experience model from the perspective of users of the Kindle Brasil group on Facebook. 2022. 186 f. Thesis (Doctorate in Design) – School of Engineering / Faculty of Architecture, Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

Society has undergone profound changes from the popularization of digital products, including books, distributed in the form of files or in e-readers, specific devices for transferring, storing and reading digital books, being one of the most commercialized e-readers the Kindle, from the technology company Amazon. Being considered hybrids between the digital book and the printed book, e-readers offer a particular reading experience. The reading experience in this study refers to the sensation of immersion in the text that is very commonly described in the literature with connections with the concept of user experience, especially in relation to temporality in the pre-reading, reading and post-reading moments. The reading experience can also be understood as a subjective meta-process that involves other cognitive, emotional and cultural processes. Within these processes is the possibility of socializing the reading experience, known as Social Reading, which takes place through the exchange of perceptions, comments and evaluations, especially online and through social media. Traditionally, the study of the reading experience is approached analytically, decomposing its elements into separately analyzed parts. However, given its complexity and the interdependent characteristic of its constitutive elements, the reading experience seems to be more appropriate to a systemic approach, where the different elements are studied as a whole. One of the possibilities of the systemic approach is the use of images, diagrams and maps to facilitate the understanding of these systems, being simplified diagrams of a complex object considered “models”. Thus, this thesis aims to characterize a model that represents the main elements of the social reading experience on the Kindle e-reader based on the point of view of its users. For that, four procedures were performed: data collection through an online questionnaire published in the Amazon Kindle Brasil Facebook group; calculation of averages, standard deviations and correlations

between the social reading variables present in the questionnaire; the characterization of a visual model that represents the relationships between these variables and six interviews to validate the results with authors of books for the Kindle platform. In the results, a contribution of the user experience theory to the concept of reading experience in relation to temporality was identified. The model was also considered clear as a way of representing social reading on the device and partially useful for decision-making by the authors of books who participated in the study. A prevalence of social media and socialization tools external to Kindle was also identified in relation to users' perception of ways to socialize reading in digital media.

**Keywords:** Reading experience. Social reading. Experience model. E-readers. Systems Theory.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplos de opções de formatação do Amazon Kindle _____	39
Figura 2 - Exemplo de sinalização de marcações de trechos populares no Kindle _____	50
Figura 3 - Versão final do framework “Framebook” _____	52
Figura 4 - Exemplo de diagrama na apresentação de um modelo de crescimento de bactérias _____	60
Figura 5 - Características da experiência de leitura _____	63
Figura 6 - UX ao longo do tempo com períodos de uso e não uso _____	67
Figura 7 – Fatores que compõem a experiência de leitura _____	70
Figura 8 - Exemplo de website de avaliação de livros _____	72
Figura 9 - Modelo de intermediação analógico _____	74
Figura 10 - Modelo de intermediação digital _____	75
Figura 11 - Tela de avaliação apresentada ao fim do livro no e-reader Kindle _____	77
Figura 12 - Interface da página de autor no website da Amazon _____	78
Figura 13 - Parte da página do livro "UX Research" na plataforma do Kindle _____	79
Figura 14 - Peça da obra Wahrheit und Dichtung de Melchior Kirchofer, com notas a caneta feitas por Josef Eiselein _____	80
Figura 15 - Exemplo de marcação compartilhada no leitor digital Kindle _____	81
Figura 16 - Exemplo de compartilhamento de trechos no Kindle _____	82
Figura 17 - Elementos da leitura social no Kindle _____	85
Figura 18 - Diagrama da metodologia de pesquisa utilizada _____	88
Figura 19 - Exemplo de pergunta apresentada no questionário _____	91
Figura 20 - Postagem no grupo Amazon Kindle: Brasil _____	93
Figura 21 - Resposta a um dos convites feitos no grupo _____	95
Figura 22 - Processo de visualização de dados proposto por Haber e McNabb (1990) _____	102
Figura 23 - Imagens coletadas na plataforma Pinterest _____	113
Figura 24 - Exemplos de representações de relações _____	113
Figura 25 - Comparação dos tipos de gráfico _____	114
Figura 26 – Primeiro modelo proposto _____	116
Figura 27 - Segunda versão do modelo _____	117
Figura 28 - Versão final do modelo _____	118
Figura 29 - Exemplo de efeito da socialização pós-leitura _____	134

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Agrupamento dos participantes por idade _____	97
Tabela 2 - Distribuição de frequências em relação ao dispositivo _____	98
Tabela 3 - Perfil geral dos participantes das entrevistas _____	105
Tabela 4 - Resultados da análise de confiabilidade Alpha de Cronbach para a dimensão interna do Kindle _____	108
Tabela 5 - Resultados da análise de confiabilidade Alpha de Cronbach para a dimensão externa do Kindle _____	108
Tabela 6 - Médias e desvios padrão _____	109
Tabela 7 - Correlações significativas identificadas _____	110
Tabela 8 - Correlações intermediárias _____	110
Tabela 9 - Frequências das unidades de registro _____	120

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características técnicas dos livros eletrônicos .....	38
Quadro 2 - Categorias de livros digitais .....	43

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição de frequências das respostas ao formulário .....	94
Gráfico 2 – Histograma das idades dos respondentes.....	96

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>19</b>
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	24
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	26
1.3 HIPÓTESE DA PESQUISA	26
1.4 OBJETIVOS	27
1.4.1 Objetivo geral	27
1.4.2 Objetivos específicos	27
1.5 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	27
1.5.1 Ineditismo e originalidade	28
1.5.2 Aderência ao programa de pós-graduação em design	28
1.6 ESTRUTURAÇÃO DO DOCUMENTO	29
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>31</b>
2.1 O LIVRO ELETRÔNICO	31
2.1.1 Breve história dos livros eletrônicos	31
2.1.2 Definições e características do livro eletrônico	35
2.1.3 O sistema de consumo do livro eletrônico	46
2.2 A TEORIA SISTÊMICA E O USO DE MODELOS	53
2.3 A EXPERIÊNCIA DE LEITURA	62
2.3.1 Resumo dos elementos da experiência de leitura	69
2.4 LEITURA SOCIAL	71
2.4.1 A leitura social e o livro eletrônico	73
2.4.2 Ferramentas de leitura social presentes no Kindle	76
2.4.3 A leitura social e as mídias sociais	81
2.4.4 Elementos da leitura social no Kindle	84
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	<b>87</b>
3.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	89
3.1.1 População e amostragem	93
3.1.2 Critérios de inclusão e exclusão	95



3.1.3 Amostra final	96
3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	98
3.2.1 Estatísticas descritivas	98
3.2.2 Estatística inferencial	100
3.2.2.1 Teste de diferença	100
3.2.2.2 Testes de correlação	101
3.2.3 Representação gráfica	102
3.3 VALIDAÇÃO DOS RESULTADOS	103
3.3.1 Análise dos dados das entrevistas	106
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>108</b>
4.1 ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO	108
4.1.1 Análise de confiabilidade	108
4.1.2 Médias e desvios padrão	109
4.1.3 Cálculos das correlações entre as variáveis	110
4.1.4 Análise do espaço aberto	111
4.2 REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO MODELO	112
4.3 VERIFICAÇÃO DOS RESULTADOS	119
4.4 DISCUSSÃO	125
4.4.1 Análise da questão da leitura social	125
4.4.2 Análise da questão sistêmica	129
4.4.3 Análise da questão do modelo	130
<b>5 CARACTERIZAÇÃO DO MODELO</b>	<b>132</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>137</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>150</b>
APÊNDICE 1	151
APÊNDICE 2	164
APÊNDICE 3	171
APÊNDICE 4	175

APÊNDICE 5	176
APÊNDICE 6	177
APÊNDICE 7	178
APÊNDICE 8	179
APÊNDICE 9	181
APÊNDICE 10	184

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade tem sofrido profundas modificações a partir da popularização de tecnologias de informação e comunicação (TICs), tendo os produtos digitais ocupado o espaço antes preenchido por outros tipos de produtos industriais. Agendas, calendários, cartas e mesmo salas de reunião foram sendo gradualmente substituídas por computadores pessoais, smartphones, tablets e outros dispositivos tecnológicos.

A digitalização também afetou a indústria editorial, que nos últimos anos viu o aumento da disponibilidade de livros digitais. No Brasil enquanto o faturamento do mercado livreiro de uma forma geral teve um recuo real de 4% em 2021, os conteúdos digitais (livros digitais e *audiobooks*<sup>1</sup>) teve um crescimento do faturamento de 12%. No mesmo período foram lançados 11 mil títulos digitais, um volume bem próximo dos títulos lançados em papel (11.647). Apesar da alta no faturamento, os conteúdos digitais continuam representando 6% do mercado editorial brasileiro (NIELSEN BOOKDATA, 2022).

Contudo, o estudo de Nielsen BookData (2022) não leva em consideração a autopublicação, categoria onde um autor publica o seu livro sem passar por uma editora ou livraria tradicional. Essa venda pode ser feita por meio de mídias sociais, blogs, websites, e-mail ou outros tipos de ferramentas de comunicação.

A palavra “livro eletrônico” é um termo de certa forma ambíguo que engloba diversos conceitos diferentes. Hawkins (2000) afirma que um livro eletrônico é o conteúdo de um livro disponibilizado em um formato eletrônico e distribuído por quatro métodos: por download, por meio de um livro eletrônico dedicado, por meio de um leitor digital, um livro acessível pela internet ou um livro impresso sob demanda.

Já Morgan (1999) e Balas (2000) limitam a definição para que o livro eletrônico não seja confundido com um texto digital (*e-text*) e definem um livro eletrônico como um livro criado especificamente para dispositivos eletrônicos de leitura. Dessa forma, assim como os livros em papel têm como principal

---

<sup>1</sup> Um *audiobook* é a narração de um livro em voz alta e distribuído na forma de um arquivo de áudio.

característica a sua variedade (PRICE, 2020), os livros eletrônicos podem tomar diferentes formas.

Porém, uma questão é consensual: o livro eletrônico traz consigo uma mudança significativa na experiência de leitura dos livros, seja em relação à leitura propriamente dita ou nas relações culturais, econômicas e sociais relacionadas a ele (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015; CHARTIER, 1998; PRICE, 2020). A hipermidialidade, a multimidialidade, as possibilidades de compartilhamento e intervenção, a fluidez gráfica e uso de algoritmo e computação em nuvem permitem uma leitura fragmentária, menos linear e menos profunda, mas também mais extensiva (CHARTIER, 1998; CORDÓN GARCÍA; JARVIO FERNÁNDEZ, 2015). Esse conjunto de possibilidades quando posto em prática resulta em uma experiência de leitura particular, potencialmente diferente daquela do livro em papel.

Dentre os elementos que compõem essa nova experiência de leitura está a leitura social, um termo que descreve as diferentes formas de relacionamento entre seres humanos ao longo do processo de leitura, seja presencialmente ou mediados por tecnologias de informação e comunicação (ALONSO ARÉVALO; CORDÓN GARCÍA, 2014).

A leitura social sempre existiu, seja pela leitura em grupo em cafés, grupos de estudos, clubes de livros, entre outros (PRICE, 2020). Ela também é comum na educação, sobretudo no processo de letramento; nesse caso professores, pais ou outros interlocutores guiam a leitura dos alunos a fim de familiarizá-los com ela. Ainda outra forma de socializar a leitura está no uso de citação entre autores, marginais, grifos e outros signos que possam sugerir ênfase ou compartilhamento de ideias entre diferentes leitores.

No caso dos livros eletrônicos e *e-readers* a leitura social é potencializada pelo uso de vínculos hipermídia, mídias sociais, websites e ferramentas tecnológicas que permitam o compartilhamento de ideias entre leitores, ou entre leitores e autores.

No caso dos livros eletrônicos, o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação tem transformado o cenário e o mercado livreiro, introduzindo além dos atores historicamente conhecidos (autores, editores, livrarias,

bibliotecas, etc.) os gigantes da tecnologia como Amazon e Google, que passam a ocupar um espaço cada vez maior nesse sistema (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Dado principalmente pela característica de hipermidialidade dos livros eletrônicos, a leitura desse tipo de produto é mais fragmentária, frenética, utilitarista, em contraponto com uma leitura mais profunda, lenta e silenciosa dos livros em papel (CHARTIER, 2018; DADICO, 2017). Dessa forma, essa mudança na forma de experienciar um livro está relacionado ao próprio meio e às possibilidades que ele proporciona, e uma das formas de acessar e produzir livros é o uso de dispositivos eletrônicos de leitura (*e-readers* em inglês).

Os *e-readers* são um produto direto das tentativas de incorporar os livros no suporte digital. Entre as tentativas nesse sentido estão os livros criados por meio de tecnologias eletrônicas, livros em CD-ROM, livros online, livros específicos para determinadas plataformas (como os livros para tablets), entre outros (MANLEY; HOLLEY, 2012).

Eles são produtos específicos para a leitura de livros no formato digital, podendo ser citados o Kobo e o Kindle, um leitor digital criado pela Amazon em 2007. A principal característica desses dois *e-readers* está em seu uso exclusivo para leitura, que se dá sem a distração e sem os problemas de fadiga visual que ocorrem em livros eletrônicos para computador e aparelhos móveis (COUTINHO; PESTANA, 2015).

Assim, é possível supor que essas tecnologias, especialmente os *e-readers* no caso desta tese, têm efeito na experiência de leitura de um livro eletrônico, pois propõem uma forma particular de leitura. Não existe um consenso em relação ao termo “experiência de leitura”, em geral ele é descrito como a sensação de estar absorvido em uma história, quando se perde a noção de tempo e espaço e se esquece de comer ou dormir, mas ela pode ser abordada na forma de uma teoria estética, ou de forma empírica. Na dimensão da teoria estética ela pode ser definida como a resposta sensual e cognitiva resultante do encontro entre o sujeito e o objeto, e nesse encontro o leitor cria significado tendo como base as suas próprias experiências, associações, preferências e ideias e pode ser afetada pelos contextos históricos, sociais e coletivos onde ele está situado (BALLING, 2016).

A experiência de leitura pode ser abordada de pelo menos duas formas quando se fala do livro: sob a perspectiva da literatura e pela perspectiva do livro como artefato. Sendo o designer o profissional responsável pelo estudo da relação entre os seres humanos e os diferentes artefatos humanos, a experiência de leitura descrita nesta tese se refere exclusivamente a essa relação humano-artefato e não considera o texto propriamente dito.

Nesse sentido, a experiência de leitura aqui proposta se aproxima do conceito de “experiência do usuário”, que pode ser considerada como um metaprocessos que envolve outros processos subjetivos e abrange fatores físicos, psicológicos, sociais, cognitivos, entre outros (HASSENZAHN, 2010) originados antes, durante e depois do uso de um produto ou serviço (ABNT, 2011; LAW *et al.*, 2008; ROTO *et al.*, 2011). Assim como o conceito de experiência de leitura, o conceito de experiência do usuário reconhece a sua singularidade e irredutibilidade por ser pessoal e subjetiva, contudo, é passível de ser mensurada por meio de suas manifestações tangíveis (HASSENZAHN, 2010).

A experiência do usuário tem como propriedades críticas a subjetividade, por ocorrer dentro do indivíduo; ser holística, por ser baseada sobretudo em sentimentos inter-relacionados com outros fatores subjetivos, sociais e culturais; é situada, por ser pautada por ações, percepções, motivações e emoções dialogando com um lugar e um tempo particulares, e dinâmica, pois emerge de um fluxo contínuo de percepções, ações, ideias e sentimentos (HASSENZAHN, 2010).

Assim, o conceito de experiência de leitura e de experiência do usuário parecem concordar em suas características fundamentais, e de qualquer forma os dois conceitos podem ser aplicados aos livros eletrônicos, visto que estes são ao mesmo tempo fruto da história e da cultura do livro, e um produto digital emergente.

Um dos argumentos dos autores que defendem o conceito de experiência do usuário é que o conceito de usabilidade, antes amplamente utilizado no estudo da interação humano computador (HCI), é atualmente insuficiente para atender a complexidade das relações entre os seres humanos e os artefatos digitais (HASSENZAHN, 2010; HASSENZAHN; LAW; HVANNBERG, 2006; NORMAN; DEIRO, 2008).

Uma disciplina relativamente nova, a experiência do usuário ainda carece de definições precisas sobre a sua abordagem de pesquisa, e ainda existe um debate entre os desafios de definir o escopo da experiência do usuário em geral e operacionalizar as suas qualidades principais. Em geral, o debate se dá entre uma abordagem reducionista (ou analítica) e uma holística (ou sistêmica) (LAW; VAN SCHAİK; ROTO, 2014), e o debate dessas duas abordagens também se coloca em relação à ciência de uma forma geral (CAPRA; LUISI, 2014; SKYTTNER, 2001).

A abordagem sistêmica pode ser considerada uma abordagem holística do conhecimento científico e pressupõe que esse conhecimento não pode ser abordado exclusivamente por meios analíticos, onde as partes de um objeto de pesquisa são separadas e analisadas isoladamente. Para a abordagem sistêmica o todo é diferente do que a soma das partes e deve ser analisado de forma ampla e compreendendo as relações entre as diferentes partes de um objeto de estudo (CAPRA; LUISI, 2014; SKYTTNER, 2001).

Esse tipo de abordagem é especialmente útil para conhecer sistemas complexos, como ecossistemas, por exemplo (CAPRA; LUISI, 2014; SKYTTNER, 2001), e pode ser útil para a compreensão da experiência de leitura, dada a sua inerente complexidade.

Uma das ferramentas mais adotadas na abordagem sistêmica é o uso de diagramas e modelos, representações visuais simplificadas dos fenômenos e que representam além dos seus contornos as relações entre eles (CAPRA; LUISI, 2014; SKYTTNER, 2001). Dentre as características da experiência de leitura está a leitura social, a possibilidade de compartilhar, interagir, avaliar, cruzar percepções, deixar traços, recombina, entre outras possibilidades em obras literárias (ALONSO ARÉVALO; CORDÓN GARCÍA, 2014).

A leitura sempre foi social e a ideia de uma leitura silenciosa é uma característica relativamente recente. A discussão de ideias e obras sempre aconteceu em espaços de socialização como cafés, bibliotecas, livrarias, por meio de publicações especializadas, notas de rodapé, marginais, escólios ou no contato natural do dia a dia (ALONSO ARÉVALO; CORDÓN GARCÍA, 2014; PRICE, 2020).

Com a digitalização essas possibilidades ganham novos contornos, incluindo as redes sociais, a hipermídia, algoritmos e as diversas ferramentas intrínsecas às diversas tecnologias de informação e comunicação (CORDÓN GARCÍA; JARVIO FERNÁNDEZ, 2015).

Sendo que cada meio possui ferramentas e tecnologias específicas de leitura social, é possível supor que cada artefato propõe um tipo diferente de experiência de leitura em relação às possibilidades de leitura social. Nesse sentido, *e-readers* como o Kindle e Kobo possuem ferramentas específicas de leitura social dadas pelas suas próprias tecnologias e que dessa forma propõem experiências de leitura e de socialização particulares.

Dada a característica sistêmica da experiência de leitura e a particularidade das ferramentas de socialização dos *e-readers*, é possível supor que essas ferramentas de leitura social possibilitam uma experiência de leitura distinta, que pode ser modelada a fim de permitir aos atores do setor livreiro, como autores, editores e designers, a sua utilização com maior assertividade em diversas etapas do ciclo de vida de um livro, como redação, projeto gráfico, divulgação e comercialização.

## 1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Sendo o design uma área do conhecimento dedicada ao estudo das relações entre os seres humanos e os artefatos (MALDONADO, 2006), o conceito de experiência de leitura contemplado neste estudo é aquele relacionado ao uso do *e-reader* como artefato, sendo assim excluídas as ideias relacionadas aos textos propriamente ditos, tais como estilos literários, vertentes artísticas, estudos de neurociência relacionados ao ato de ler, entre outros.

A presente tese procura descrever os elementos da experiência de leitura social sob o ponto de vista de seus usuários finais, sendo fundamentalmente uma abordagem fenomenográfica, onde são coletados relatos de vários leitores, sendo estes reduzidos a temas gerais, em oposição a uma abordagem fenomenológica, que contempla a descrição de uma ou poucas experiências de forma profunda (ROVAI; BAKER; PONTON, 2013).



Este estudo também pode ser classificado como uma abordagem centrada no usuário, um tipo de pesquisa que coloca as percepções, necessidades e respostas dos usuários em primeiro plano em detrimento das percepções de outros atores do sistema, como autores, editores, designers, desenvolvedores de *software*, gestores de tecnologia, entre outros (LOWDERMILK, 2013).

Tendo em vista a baixa amostragem do estudo (55 participantes) e a consequente elevada margem de erro (13,20%) este estudo não pode ser considerado um estudo probabilístico, ou seja, não é possível afirmar que os resultados representam adequadamente toda a população do grupo “Amazon Kindle: Brasil”.

Sendo a experiência de leitura um construto dinâmico, o modelo proposto neste estudo representa apenas as percepções dos usuários no momento da coleta de dados, a saber: de 3 de junho de 2022 a 26 de junho de 2022, sendo por isso um estudo com recorte transversal e pode não representar adequadamente a experiência de leitura ao longo do tempo (estudo longitudinal). Também é possível que mudanças nas políticas de distribuição e uso do *e-reader* Kindle, tais como atualizações do sistema ou novas regras de publicação, aquisição e uso podem ter afetado o estudo.

Além do texto, a experiência de leitura envolve vários aspectos sociais, culturais, econômicos e estéticos, sendo o recorte deste estudo o que se conhece por leitura social, ou seja, as diferentes possibilidades de socialização da leitura, sobretudo no ambiente digital. São exemplos de possibilidades desse tipo de socialização da leitura as mídias sociais, ferramentas de avaliação e comentários, publicações especializadas e grupos de leitura online. Assim, este estudo se restringe à análise desse tipo de leitura social.

Neste estudo a experiência de leitura social é descrita na forma de um modelo, por considerar que ela é um construto com características sistêmicas, sendo necessário representar os diferentes elementos dessa experiência e as relações entre esses elementos, a fim de permitir a observação do “todo” que compõe essa experiência.

Finalmente, este estudo busca trazer subsídios para os principais agentes da cadeia produtiva do livro digital, sobretudo no *e-reader* Kindle permitindo uma visão ampla desse sistema a autores, editores e designers.

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Assim, o presente estudo busca responder a seguinte questão: Como é possível caracterizar a experiência de leitura social no *e-reader* Kindle tendo como base a perspectiva de seus usuários a fim de permitir aos principais atores do mercado livreiro uma visão ampla desse sistema?

## 1.3 HIPÓTESE DA PESQUISA

A hipótese principal da pesquisa pode ser descrita como: É possível por meio de um modelo de abordagem sistêmica representar os elementos da leitura social no *e-reader* Kindle trazendo uma compreensão a respeito desse sistema aos principais atores do mercado livreiro.

Como hipóteses secundárias pode-se supor:

### **H1:** Sobre a clareza do modelo

- a) O modelo não é claro sob o ponto de vista dos autores.
- b) O modelo é parcialmente claro sob o ponto de vista dos autores.
- c) O modelo é claro sob o ponto de vista dos autores.

### **H2:** Sobre a utilidade do modelo

- a) O modelo como um todo não é útil sob o ponto de vista dos autores.
- b) O modelo como um todo é parcialmente útil sob o ponto de vista dos autores.
- c) O modelo como um todo é útil sob o ponto de vista dos autores.

### **H3:** Sobre a utilidade das médias e desvios padrão

- a) As médias e desvios padrão não são úteis sob o ponto de vista dos autores.
- b) As médias e desvios padrão são parcialmente úteis sob o ponto de vista dos autores.
- c) As médias e desvios padrão são úteis sob o ponto de vista dos autores.

#### H4: Sobre a representação das correlações

- a) As correlações não são úteis sob o ponto de vista dos autores.
- b) As correlações são parcialmente úteis sob o ponto de vista dos autores.
- c) As correlações são úteis sob o ponto de vista dos autores.

### 1.4 OBJETIVOS

#### 1.4.1 Objetivo geral

Caracterizar um modelo representando os principais elementos da experiência de leitura social no *e-reader* Kindle tendo como base o ponto de vista dos seus usuários de forma a permitir aos principais atores do mercado livreiro uma compreensão a respeito desse sistema.

#### 1.4.2 Objetivos específicos

- a) Compreender as dimensões tecnológicas dos *e-readers*, a fim de caracterizá-los como artefatos no contexto do design;
- b) Compreender a experiência de leitura social no *e-reader* Kindle, relacionando-a com a abordagem sistêmica;
- c) Relacionar os aspectos da experiência de leitura social no *e-reader* Kindle, tendo como base o ponto de vista dos seus usuários de forma a caracterizar um modelo dessa experiência.

### 1.5 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A indústria editorial tem sofrido os efeitos da digitalização, as editoras tradicionais têm suportado o impacto da digitalização e muitas chegaram a fechar as portas. De outro lado, a facilidade de publicação de um livro eletrônico aumentou a tendência de autopublicação, forma de publicação onde um autor publica sua obra sem passar por uma editora, modificando a relação entre autores, leitores, editores, editoras e outros agentes do mercado editorial (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Nesse mercado agora estão presentes também as grandes empresas de tecnologia, como a Apple, o Google e a Amazon, visto que elas detêm tecnologias de armazenamento e distribuição de livros eletrônicos (ALONSO ARÉVALO *et al.*,

2015), o que implica outras características de mercado e possivelmente outras características em termos de experiência de leitura.

Nesse sentido, o projeto e uso de qualquer artefato é de interesse dos designers, sendo estes os profissionais dedicados ao projeto de produtos industriais, no caso de projetos gráficos de livros, e responsáveis diretos por uma parte da experiência que os leitores terão dos produtos.

Assim como a experiência do usuário, a experiência de leitura envolve aspectos que vão além do artefato propriamente dito, mas que devem ser de conhecimento dos designers editoriais. E assim como os designers ligados à identidade visual corporativa devem ter conhecimento (mesmo que não aprofundados) de elementos de gestão, como posicionamento, estratégias de gestão e comunicação, por exemplo, cabe aos designers editoriais conhecer o mercado e o conjunto de relações sociais, econômicas e culturais ligadas aos livros.

Assim, o presente estudo se justifica porque pode esclarecer a experiência de leitura social com o *e-reader* Kindle e assim trazer subsídios a autores, editores e designers a respeito das expectativas, necessidades, percepções e preferências dos usuários de *e-readers*. Estes subsídios, por sua vez, podem orientar ações que percorram todos os envolvidos na cadeia de produção deste artefato, a saber, autores, editores, designers e livreiros.

#### 1.5.1 Ineditismo e originalidade

A fim de aferir o ineditismo e a originalidade do presente estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica sistemática descrita detalhada no Apêndice 1. A revisão reforça o ineditismo desta tese e sugere uma oportunidade de estudo relevante para pesquisas relacionadas à experiência de leitura e à experiência do usuário de uma forma geral.

#### 1.5.2 Aderência ao programa de pós-graduação em design

O design é uma área de estudo cujo objetivo é o desenvolvimento de interfaces, sejam elas físicas ou comunicacionais. Para tanto, o designer deve conhecer de que forma os seres humanos se relacionam com os artefatos industriais

a fim de alinhar o projeto e a produção desse artefato com as necessidades e preferências deles (MALDONADO, 2006).

Nesse sentido, é de interesse dos designers conhecer de que forma os usuários de *e-readers* percebem e interagem com esse produto industrial, sendo este o objetivo do presente estudo. Assim, o presente estudo é aderente à linha de pesquisa “Projeto de Artefatos”, uma vez que aborda “questões tecnológicas relacionadas ao processo de design<sup>2</sup>”.

## 1.6 ESTRUTURAÇÃO DO DOCUMENTO

Esta tese está estruturada em cinco capítulos. No Capítulo 1 são apresentadas a introdução do estudo, seus objetivos, justificativa, delimitação do tema, ineditismo e originalidade e aderência ao programa de Pós-Graduação.

O Capítulo 2 apresenta a revisão de literatura, discutindo principais teorias relacionadas ao livro eletrônico, sobretudo em relação aos *e-readers*, discute o conceito de experiência de leitura e sua relação com a experiência do usuário. Posteriormente esses dois conceitos são relacionados com a teoria sistêmica e o conceito de modelo científico. Finalizando o capítulo é discutida a leitura social, um dos elementos da experiência de leitura e um dos recortes desta tese.

No Capítulo 3 são apresentados os procedimentos metodológicos propostos para identificar aspectos da leitura social no *e-reader* Kindle, a saber, uma fase de levantamento onde são mensuradas as médias, desvios padrão e correlações dos principais elementos da leitura social online relacionados ao Kindle; uma fase descritiva com a proposição do modelo visual caracterizando seus principais elementos e correlações. Finalmente são apresentados os procedimentos de validação do estudo.

No Capítulo 4 são apresentadas as análises dos resultados do levantamento, descritas as etapas da proposição da representação gráfica do modelo e sua validação com autores de livros no Kindle.

---

<sup>2</sup> Linhas de pesquisa. PG Design UFRGS. Disponível em: < <http://www.pgdesign.ufrgs.br/sobre-o-pgdesign/linhas-de-pesquisa/>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

No Capítulo 5 o modelo é caracterizado a partir das discussões propostas na fundamentação teórica deste estudo e dos achados da pesquisa. Finalmente, o capítulo 6 traz as considerações finais do estudo, bem como a indicação para trabalhos futuros.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o objetivo de delimitar o objeto de estudo desta tese, o livro eletrônico, este capítulo descreve a sua conceituação e suas principais características, sendo estes relevantes a fim de relacioná-las com o conceito de experiência de leitura. Posteriormente são discutidos o conceito de experiência de leitura e leitura social relacionando-o com o de experiência do usuário. Finalmente, é apresentada a teoria sistêmica e sua relação com os conceitos de experiência de leitura e experiência do usuário, com especial ênfase na ideia do uso de imagens, mapas e diagramas e modelos para apresentar relações sistêmicas.

### 2.1 O LIVRO ELETRÔNICO

Neste capítulo são discutidas a definição, as principais características do livro eletrônico e como essas características resultam em um sistema de produção, distribuição e leitura distintos do livro impresso. Na primeira seção é discutida a história do livro eletrônico relacionando a sua criação com o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Na segunda seção são apresentadas as principais definições e características do livro eletrônico. E na terceira e última seção é discutida a mudança nos sistemas de produção, distribuição e leitura dos livros eletrônicos.

#### 2.1.1 Breve história dos livros eletrônicos

Uma das referências mais antigas a um livro eletrônico é o Memex (*Memory Extender*), uma proposta de sistema mecânico de armazenamento, recuperação, leitura e edição de textos, sons e imagens proposta por Vannevar Bush (BUSH, 1945). O Memex nunca chegou a ser construído, mas serviu de referência para muitas das interfaces digitais que conhecemos hoje (FLATSCHART, 2014).

Já o primeiro livro eletrônico que se tem registro foi desenvolvido pela professora e escritora espanhola Àngela Ruiz Robles. Em 1949 ela patenteou um equipamento chamado *Enciclopédia Mecânica*, um fichário mecânico, customizável, indexável e reutilizável. O equipamento permitia ainda que o leitor inserisse novos conteúdos, comentários e marcações (FLATSCHART, 2014).

Outro marco no desenvolvimento do livro eletrônico foi a criação do Projeto Gutenberg, em 1971, pelo escritor e cientista da computação Michael Hart. Inicialmente ele digitalizou a declaração de independência dos EUA, sendo esse considerado o primeiro documento digitalizado da história. A partir daí passou a digitalizar em formato de texto puro<sup>3</sup> diversos livros de domínio público que podem ser acessados gratuitamente no site do projeto<sup>4</sup> (FLATSCHART, 2014). Atualmente o projeto também disponibiliza os títulos para os *e-readers* Epub e Kindle.

Mas somente em 1981 que é comercializado o primeiro livro eletrônico, um dicionário publicado pela editora Random House. No mesmo ano Ted Nelson publica o livro *Literary Machines*, um dos marcos na história do livro digital por descrever os termos hipertexto, hipermídia e virtualidade (COUTINHO; PESTANA, 2015).

Em 1987 a IBM cria o HES (*Hypertext Editing System*), um sistema de organização e formatação de textos que posteriormente daria origem ao FRESS (*File Retrieval and Editing System*), onde um usuário podia acessar e editar documentos em um terminal semelhante a uma máquina de escrever, sendo de certa forma um precursor dos editores de textos e livros eletrônicos (FLATSCHART, 2014).

No mesmo ano Michael Joyce publica uma das primeiras histórias com base no hipertexto. O livro "*Afternoon, a Story*", distribuído em disquete, caracteriza-se pela sobreposição de narrativas e a história vai sofrendo alterações conforme o leitor clica nos vínculos presentes no texto (COUTINHO; PESTANA, 2015).

Em 1990 nasce a *World Wide Web*, tendo como base um *software* criado por Tim Berners Lee e Robert Cailliau e que utilizava um protocolo de transferência de hipertextos para distribuir conteúdo por meio de uma rede de computadores. O sistema criado por Berners Lee e Cailliau utilizava um sistema de marcações de texto que permitia delimitar a função de um elemento em um documento, como por exemplo demarcar títulos, parágrafos, citações, entre outros. Mas a maior novidade no sistema era a possibilidade de criar vínculos entre documentos (FLATSCHART, 2014).

---

<sup>3</sup> O termo "texto puro" diz respeito a um texto que contém poucas marcações de formatação, como tipo de fonte, tamanho de texto, entre outros.

<sup>4</sup> Project Gutenberg. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/>>. Acesso em: 30 mai. 2022.



Livros eletrônicos e computadores pessoais seguiram caminhos paralelos nos anos subsequentes. Enquanto os computadores pessoais se desenvolviam, também foram propostas formas de armazenar, organizar e distribuir informações por meios eletrônicos. Em 1989 a empresa Voyager começou a comercializar livros por meio de CD-Roms<sup>5</sup>, que permitiam o armazenamento de uma grande quantidade de textos (MANLEY; HOLLEY, 2012).

Ainda em 1989 a IBM lançou um *software* para criar e visualizar livros eletrônicos em diversos formatos, que continua sendo disponibilizado ainda hoje. Entre 1991 e 1990 uma série de outros produtos foram lançados com o objetivo de armazenar e distribuir textos. Em 1991 a Sony lançou o Sony Data Discman, uma versão do Sony Discman voltada para armazenamento e transporte de dados. O aparelho possuía uma tela de LCD em tons de cinza e um teclado que permitia ao usuário ler e editar dados (MANLEY; HOLLEY, 2012).

Entre 1998 e 1999 surgem os primeiros sites de venda de livros digitais eReader.com e eReads.com, acentuando a venda de livros digitais (COUTINHO; PESTANA, 2015). No mesmo período a Soft Book Press lançou o “SoftBook reader”, um aparelho portátil de visualização de textos, e no mesmo ano a NuovoMedia lançou um produto semelhante, o “Rocket eBook Reader”. Ambos chamaram a atenção pela facilidade de pesquisar textos, por serem mais fáceis de usar e de fazer anotações, já que vinham acompanhados de uma caneta digital. Entre os dois produtos o Rocket eBook Reader teve uma aceitação maior, por ter maior capacidade e por ser fisicamente mais próximo de um livro tradicional (MANLEY; HOLLEY, 2012).

Até 1998 a questão dos direitos autorais na internet não estava bem definida, resultando em um ambiente que permitia uma grande variedade de produtos, seja pela criação de fato ou pela recombinação de materiais existentes, mas também muito propenso à pirataria. Mas em 1998 o congresso dos EUA aprovou a Digital Millennium Copyright Act (DMCA), uma lei que restringia a cópia de materiais bem como penalidades para quem contornasse uma medida de proteção digital. Nesse ponto é importante lembrar que à época os produtos digitais não possuíam leis

---

<sup>5</sup> *Compact Disc Read-Only Memory* ou Disco Compacto de Memória Apenas de Leitura, em português, um disco pré-gravado usado para armazenar e distribuir dados.

específicas e que por isso fazer cópias de qualquer conteúdo digital, mesmo aqueles protegidos por direitos autorais, eram dificilmente considerados um crime (MANLEY; HOLLEY, 2012).

Em relação aos livros eletrônicos a DMCA foi importante porque ela proíbe ou limita a cópia desse tipo de produto. Dependendo do caso e do tipo de contrato essa lei não permite que um livro eletrônico seja transferido para um novo dispositivo. Essa mudança criou um cenário onde as grandes empresas, como Amazon e Apple, passaram a investir em plataformas e produtos proprietários em que os usuários não compram um livro, mas o licenciam para ser usado em um determinado dispositivo e não podem redistribuir ou emprestar o arquivo (MANLEY; HOLLEY, 2012).

No ano 2000 Stephen King lança o livro digital *Riding the Bullet*, o primeiro livro digital vendido em massa. Ele foi editado somente na internet, cada página custava dois dólares e foram vendidas cerca de 400 mil cópias nas primeiras 24 horas. Em seguida o autor publicou o livro digital *It* em um formato onde os primeiros capítulos eram disponibilizados aos leitores e os seguintes só seriam lançados se a adesão a esses primeiros capítulos fosse significativa. O primeiro capítulo foi baixado 152.132 vezes e 76% dos leitores concordaram em pagar pelo resto do livro (COUTINHO; PESTANA, 2015).

Em 2004 a empresa Google entra no mercado de livros digitais por meio da plataforma *Google Books Library Project*<sup>6</sup>, existente ainda hoje. A plataforma teve um início controverso, visto que foi alvo de um processo de quebra de direitos autorais por várias editoras por disponibilizar livros ainda protegidos por direitos autorais. Apesar desse início problemático, esse foi um importante passo para a popularização e desenvolvimento dos livros digitais (COUTINHO; PESTANA, 2015).

Em 2006 a Sony lança o “Sony Portable Reader”, um leitor com a tecnologia “E Ink” que tenta simular a experiência de leitura em livros eletrônicos com a experiência com o papel. Entre as características dessa tecnologia estão uma tela semelhante a um papel; é legível sob luz solar intensa e a vida da bateria é maior do que os leitores eletrônicos anteriores. Posteriormente outros produtos foram lançados com a mesma tecnologia, como é o caso do Amazon Kindle, lançado em

---

<sup>6</sup> Google Books Library Project. Disponível em: <<https://books.google.com/intl/en-GB/googlebooks/library.html>>. Acesso em: 30 mai. 2022

2009, eBookwise em 2008 e o Nook da Editora Barnes and Noble também em 2009 (MANLEY; HOLLEY, 2012). No Brasil um dos leitores eletrônicos mais conhecidos é o Lev, lançado pela editora Saraiva em 2014.

Até 2020 a tecnologia “E Ink” suportava apenas tons de cinza, limitando de certa forma a experiência de leitura desse tipo de dispositivo, uma vez que só podiam ser renderizados textos em preto e branco e imagens em tons de cinza. Em 2020 a empresa E INK lançou uma versão da primeira geração do papel eletrônico colorido. Batizado de Kaleido, o dispositivo possibilita até 16 níveis de tons de cinza e 4096 cores<sup>7</sup>.

Assim, os desdobramentos tecnológicos criaram uma grande variedade de produtos que tinham como objetivo simular um livro ou ao menos se aproximar da experiência de ler um livro em papel, o que implica novas possibilidades de experiência de leitura, visto que cada um dos dispositivos apresenta possibilidades de leitura, interação, distribuição e comercialização distintos.

É então possível sugerir que a questão do livro eletrônico pode ser abordada a partir de seus desdobramentos tecnológicos, sendo este um fator recorrente em sua história, conforme visto neste capítulo, e é possível supor que diferentes abordagens tecnológicas resultam em experiências diversas para os leitores. Assim, na próxima seção são abordadas as principais tecnologias utilizadas no desenvolvimento de livros eletrônicos.

### 2.1.2 Definições e características do livro eletrônico

Como discutido anteriormente, com o desenvolvimento e popularização das tecnologias de informação e comunicação começam a surgir as primeiras propostas de livros eletrônicos. Em um primeiro momento eles nada mais eram que transposições literais dos livros tradicionais para um formato digital. Com o tempo, contudo, os livros passam a ser criados incorporando mais fortemente as características do ambiente digital, sendo conhecidos como livros ampliados ou livros eletrônicos aprimorados (*enhanced ebooks*).

---

<sup>7</sup> New Kaleido display features brighter colors and larger size. E Ink. Disponível em: <<https://www.eink.com/news.html?type=releasedetail&id=2193&year=2021&page=2>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

Para Flatschart (2014), um livro eletrônico é um livro publicado em um suporte eletrônico, sendo importante delimitar os termos “livro eletrônico” e “livro digital”. Um livro digital seria um produto distribuído por meio de um sistema numérico, mais comumente descrito atualmente como um sistema binário de uns e zeros e que descrevem instruções para um sistema de processamento, como por exemplo um computador pessoal, um *smartphone* ou um leitor eletrônico (*e-reader*). Já um livro eletrônico seria um livro produzido a partir de componentes eletrônicos.

Nesse sentido, a *Enciclopédia Mecânica* de Ângela Ruiz Robles seria um livro eletrônico, já que o aparato eletrônico faz parte do próprio livro, enquanto os livros atualmente comercializados como livros eletrônicos estariam classificados como livros digitais, já que são na realidade arquivos digitais. Seguindo a definição de Flatschart (2014), será utilizado nesta tese o termo “livro digital” para descrever os livros disponibilizados na forma de arquivos digitais.

Podemos identificar ainda dois tipos diferentes de livros eletrônicos, aqueles com o layout fixo, onde a aparência é definida pelos autores, designers ou editores, e os livros fluidos, onde o leitor é quem define as principais características visuais do livro, como famílias tipográficas, fontes, espaçamentos, margens, uso de colunas, entre outros (SALVETTE, 2021).

Contatos informais com alguns designers dão conta de uma espécie de frustração em relação a esta última questão, pois, uma vez que projeto gráfico é fluido, os designers perdem o controle sobre o produto, inalterável no caso dos livros físicos.

Como já discutido na seção 2.1.1, um dos precursores dos livros eletrônicos é a própria internet, e é dela que provém boa parte das tecnologias de um livro eletrônico. A *World Wide Web* tinha no seu início três tecnologias fundamentais e que existem até hoje: o HTML (*HyperText Markup Language*), uma linguagem de marcação de textos usada para estruturar os documentos; a URI (*Uniform Resource Identifier*), uma espécie de “endereço” utilizado para identificar os documentos na

internet, e o HTTP (*Hypertext Transfer Protocol*), um protocolo que permite a recuperação de documentos na internet<sup>8</sup>.

O elemento mais fortemente ligado ao livro eletrônico é a linguagem HTML, visto que é ela que carrega o conteúdo propriamente dito. Inicialmente o HTML permitia apenas a indicação dos elementos constitutivos da página, como títulos, parágrafos, imagens, tabelas, citações, entre outros, e a forma como esses elementos seriam exibidos para os leitores era definido pelo dispositivo do leitor.

Em 1996 foi criado o CSS (*Cascade Style Sheet*), um sistema de formatação de cada um dos elementos da linguagem HTML<sup>9</sup>. Com o CSS é possível definir a fonte tipográfica, as cores, bordas, cores e imagens de fundo, espaçamento, entre outros elementos historicamente ligados à diagramação de textos além de elementos mais voltados às tecnologias de informação e comunicação, como os links e animações.

A principal intenção do CSS é separar o conteúdo de sua formatação, facilitando a manutenção de grandes volumes de texto. Ele é um conjunto de regras de formatação disponíveis em um ou mais arquivos separados do documento principal, mas vinculados a ele por um link. Por estar separado do conteúdo, mas vinculado a ele, é possível alterar a formatação de vários documentos rapidamente sem precisar alterar cada documento separadamente (SALVETTE, 2021).

O HTML e o CSS são as linguagens que servem de base para os principais formatos de livros eletrônicos existentes atualmente, a saber os formatos MOBI e KF8, de propriedade da Amazon, e o formato EPUB, criado como código aberto pelo *International Digital Publishing Forum* (SALVETTE, 2021). Além destes, atualmente os livros digitais também são disponibilizados no formato PDF, sigla de *Portable Document Format* ou formato de documento portátil em uma tradução livre, porém no formato PDF o documento é apresentado com um layout fixo, independentemente dos dispositivos em que é acessado (COUTINHO; PESTANA, 2015).

---

<sup>8</sup> History of the Web. World Wide Web Foundation. Disponível em: <<https://webfoundation.org/about/vision/history-of-the-web/>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

<sup>9</sup> A brief history of CSS until 2016. World Wide Web Consortium. Disponível em: <<https://www.w3.org/Style/CSS20/history.html>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

Ao separar o conteúdo textual e imagético da sua apresentação gráfica, os formatos MOBI, KF8 e EPUB possibilitam o layout fluido, visto que o conteúdo se mantém inalterado enquanto o layout é adaptado pelos diferentes sistemas de leitura de livros eletrônicos a partir das preferências dos seus usuários.

Segundo Flatschart (FLATSCHART, 2014), nos períodos de transição entre tecnologias é difícil identificar claramente os limites entre um e outro produto, visto que em geral novos produtos incorporam elementos de seus antecedentes. O mesmo acontece com o livro digital, que em um primeiro momento incorpora elementos do livro impresso.

Enquanto no livro impresso as fontes, as cores, o número de páginas e o layout são definidos pelo editor, no livro eletrônico estes elementos são definidos dinamicamente pelo dispositivo em que o livro está sendo acessado, juntamente com as preferências dos usuários (Quadro 1).

Quadro 1 - Características técnicas dos livros eletrônicos

<b>Recurso</b>	<b>Impresso</b>	<b>Digital</b>
<b>Fontes</b>	Definido pelo editor	Definido pelo dispositivo
<b>Cores</b>	Definido pelo editor	Definido pelo dispositivo
<b>Número de páginas</b>	Definido pelo editor	Definido pelo dispositivo
<b>Layout</b>	Fixo	Fixo/Fluído

Fonte: Flatschart (FLATSCHART, 2014), posição 317.

Salvette (2021) acrescenta também a questão do formato da página, que geralmente nos livros tradicionais é fixa e nos livros eletrônicos é fluida. Nesse caso temos ao menos dois elementos distintos: o tamanho da página, que em parte dos livros eletrônicos é fluida, ou seja, se adapta ao dispositivo em que é acessado, e o layout, aqui considerado como o espaço delimitado pelas margens<sup>10</sup>.

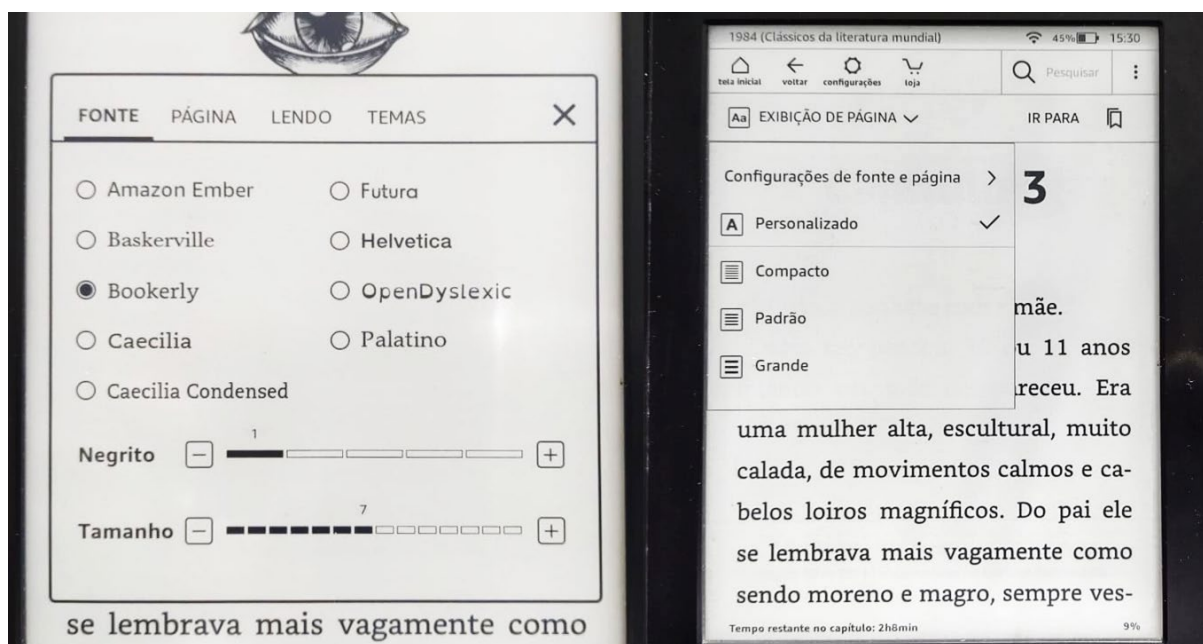
Salvette (2021) considera mais positiva a experiência de leitura em livros digitais com layout fluido, visto que ela pode se adaptar mais facilmente às necessidades dos usuários. Em um livro eletrônico de layout fluido um leitor com problemas visuais pode facilmente aumentar o tamanho da fonte tipográfica

<sup>10</sup> Foi utilizada aqui a definição do autor, contudo, no design gráfico esse espaço é conhecido como “mancha gráfica”.

permitindo assim a leitura do livro. Em um livro com layout fixo essa possibilidade não existe.

Um exemplo é o leitor eletrônico Kindle da Amazon, que permite a definição da tipografia, do tamanho da fonte e do formato da página (Figura 1). Ao modificar quaisquer um desses elementos a quantidade de texto disponível em uma página se modifica, o que implica uma mudança na forma de indicar uma referência dentro do livro. Se no livro impresso a referência mais comum é a página, no livro eletrônico essa referência passa a ser a posição, visto que se o usuário aumentar o tamanho, a fonte tipográfica ou o formato das margens o número de páginas vai ser alterado e uma informação que estava na segunda página vai estar em outra depois das alterações.

Figura 1 - Exemplos de opções de formatação do Amazon Kindle



Fonte: do autor.

Em muitos casos os livros digitais vão incorporar elementos do próprio dispositivo em que são lidos, como os computadores pessoais, tablets e smartphones. Nesse sentido, Carraro (CARRARO, 2014) conceitua duas categorias de livro digital: os “livros digitais”, livros tradicionais transpostos para mídias digitais, com pouca incorporação de elementos de interação e cuja experiência de leitura é predominantemente verbal-escrita, e os *enhanced ebooks* ou livros aprimorados, em uma tradução livre, que incorporam elementos de hipermídia e multimídia na

construção da narrativa. Com sentido próximo da definição de *enhanced books*, Murray (2003) utiliza o termo “livro ampliado” para descrever uma categoria de livros digitais que se apropriam e exploram as potencialidades dos sistemas digitais interativos.

Para Murray (2003), o livro ampliado pode se aproveitar de quatro características dos ambientes digitais: procedimental, participativo, espacial e enciclopédico. A característica procedimental do ambiente digital diz respeito à capacidade desse meio de se estabelecer e seguir regras, a estrutura técnica de algoritmos dos meios digitais possibilita que ele se torne um meio atraente para contar histórias, desde que as narrativas sejam passíveis de se tornarem um conjunto de regras e que essas regras sejam vistas como interpretações do mundo (MURRAY, 2003).

Já a característica participativa coloca nas mãos do leitor o ritmo de leitura, já não é o leitor que percorre o texto, mas o texto é que se move sob o comando do leitor. Assim, a narrativa digital pode se desvencilhar das estruturas narrativas convencionais (geralmente muito lineares) e possibilitar ao leitor um universo mais rico de experiências, já que mais de uma história pode ser contada em um mesmo livro ampliado (MURRAY, 2003).

Além disso, nos meios lineares, como nos livros tradicionais ou nos filmes, os espaços são criados pela descrição verbal e pela imagem, enquanto o meio digital propõe um espaço onde é possível se mover, ou seja, ele tem uma característica espacial própria. No ambiente digital a qualidade do espaço está intimamente relacionada com o processo de navegação, e quanto mais sutil e graciosa for essa navegação mais expressiva será a narrativa (MURRAY, 2003).

A possibilidade enciclopédica diz respeito à grande capacidade de armazenamento de informações das mídias digitais. Enquanto um livro comporta 100 mil palavras, um CD comporta 650 livros e um videodisco equivale a 5.300 livros, e essa capacidade se amplia exponencialmente se for acrescentado o acesso à internet. Essa capacidade de armazenamento pode ser explorada como um grande potencial artístico para representar detalhes e mundos que forma tanto abrangente quanto particular. Ainda para Murray (2003), as características



procedimental e participativa do meio digital são o que caracterizam a sua interatividade.

Contudo, a experiência de leitura em livros eletrônicos, sobretudo nos livros ampliados, depende da qualidade da relação entre os seus leitores e o projeto desses livros em termos de interatividade. Os livros digitais possuem características próprias que se convertem em sistemas de escrita e leitura bastante particulares e que implicam muitas vezes uma reeducação dos escritores e leitores (CHARTIER, 2014) e com isso uma certa curva de aprendizagem.

Em um estudo de Damé (2014) sobre os livros ampliados, os leitores apresentaram interesse em explorar o conteúdo e a própria interface do livro ampliado, porém, o processo como um todo é mais fluido com leitores que têm conhecimento dos sistemas operacionais. Além disso, o desempenho foi se aprimorando em proporção direta ao tempo de uso do livro, o que sugere uma curva de aprendizagem que pode ser reduzida pelo estudo de elementos de interação e o projeto de interfaces.

Além disso, as possibilidades da hipermídia também trazem consigo problemas particulares, como é o caso do efeito da distração, dado por outros estímulos dentro dos sistemas onde os livros eletrônicos são utilizados. Um exemplo é o efeito multitarefa, onde o leitor perde a linearidade do texto por receber interferências do próprio sistema (como notificações, por exemplo) ou outras possibilidades de interação (BARON; CALIXTE; HAVEWALA, 2017).

O uso de vínculos, ou *links*, como são mais comumente conhecidos, permitem uma navegação mais ágil que os elementos textuais dos livros tradicionais - índices, fólios, cabeçalhos corridos, notas de rodapé, notas finais e marginálias. E se anteriormente era o leitor que se deslocava para ir ao encontro dos textos, com os vínculos é o texto que se move à frente do leitor (LÉVY, 2003). Essa mudança na forma de armazenar, organizar e distribuir o texto escrito implica uma mudança nas dinâmicas culturais. Modifica-se o processo de escrita, o processo de leitura, o processo cognitivo de recepção dos textos, surgem novos tipos de conhecimento e com isso uma nova etapa da cultura da escrita (CHARTIER, 2014).

Para Santaella (2007), as mídias digitais são metamídias, uma vez que conseguem aglutinar possibilidades de diversas mídias ao mesmo tempo, sons, vídeos, textos e elementos de interação podem ser utilizados juntos na construção de textos. Para a autora, a hipermídia transforma o âmago da linguagem e coloca em questão a própria natureza de narrativa e dos seus potenciais.

Para Murray (2003), o livro digital não deveria ser apenas transposto para o universo digital, mas incorporar as potencialidades dos sistemas digitais, como a hipermídia, a multimídia e a capacidade de armazenamento de forma a propor uma experiência mais rica de leitura. Mais do que acrescentar elementos digitais à narrativa, o que ela classifica como acréscimo aditivo, o livro ampliado deve fazer dessas possibilidades a própria linguagem do livro digital e dessa forma ser intrinsecamente incorporada à narrativa, o que a autora conceitua como “acrécimo expressivo”. Murray (2003) considera as narrativas digitais de uma forma ampla, englobando tanto as narrativas literárias lineares quanto os jogos eletrônicos que de alguma forma incorporam elementos narrativos.

Por outro lado, Carraro (2014) diferencia os livros ampliados dos jogos eletrônicos. Para a autora, nos jogos eletrônicos há um desafio explícito para o jogador e se este não for superado não é possível avançar na narrativa, o que pode gerar frustração. Já nas narrativas dos livros digitais o leitor avança confortavelmente pelo enredo e a experiência, positiva ou negativa, de terror ou contentamento, se dá por uma construção narrativa explícita que não pela imposição de um desafio.

Evangelista (2013) afirma que mesmo em sistemas em que os usuários estão acostumados a usar as possibilidades narrativas devem ser usadas com cuidado, visto que para além do uso propriamente dito está o envolvimento com a história, que pode ser quebrado por uma animação, som ou elemento de navegação inadequado. Concordando com Damé (2014), Teixeira e Gonçalves (2014) afirmam que existe uma complexidade na construção da narrativa, tanto em relação à interface quanto na estrutura da narrativa, indicando que esses dois níveis têm efeito recíproco.

Partindo dessas características pode-se afirmar que existem três grandes categorias de livros digitais: os livros aplicativos, os livros em PDF e os livros disponibilizados para *e-readers*, aqui nomeados apenas como EPUB (Quadro 2).

Quadro 2 - Categorias de livros digitais

<b>Característica</b>	<b>Aplicativo</b>	<b>PDF</b>	<b>EPUB</b>
<b>Liberdade no projeto gráfico e/ou interface</b>	Alta	Alta	Baixa
<b>Possibilidade de customização</b>	Alta	Baixa	Média
<b>Interatividade e hipermidialidade</b>	Alta	Média	Baixa
<b>Complexidade de publicação</b>	Alta	Baixo	Média

Fonte: elaborado pelo autor.

Uma das características dos livros eletrônicos é a sua aparência, o seu projeto gráfico, dependendo do dispositivo ela pode ser definida pelos seus criadores, sejam eles os autores, editores ou designers. Sendo um produto digital, a aparência também diz respeito à interface que se coloca entre o leitor e o conteúdo.

Em teoria, o livro aplicativo possibilita uma grande liberdade criativa em relação ao projeto gráfico e aos elementos de interação, visto que ele é um produto criado especificamente para cada sistema operacional e por isso possibilita o uso de vários tipos de recursos gráficos, animações, uso de sons e elementos de interatividade, como vínculos de hipermídia e mesmo o uso de diferentes categorias de entrada de dados, como as interfaces por toque ou mesmo interfaces de voz.

O livro em PDF, sendo um tipo de arquivo criado para permitir que os documentos fossem apresentados independentemente do *software*, *hardware* ou sistema operacional onde ele é exibido, permite que autores, designers e editores tenham certa liberdade na proposição do projeto gráfico do produto. Por permitir a criação de vínculos hipertextuais e atualmente também a incorporação de áudios e vídeos<sup>11</sup>, de certa forma apresenta alguma liberdade no projeto gráfico e no projeto de elementos de interação. Contudo, em relação à interatividade o PDF é mais

<sup>11</sup> Adicione áudios, vídeos e objetos interativos a PDFs. Adobe. Disponível em: < <https://helpx.adobe.com/br/acrobat/using/rich-media.html> >. Acesso em: 2 jul. 2021.

limitado, visto que não possibilita o acesso aos mesmos recursos que o livro aplicativo, como a interação por gestos, por exemplo.

Já nos livros publicados em *e-readers* tanto a interface quanto o projeto gráfico de certa forma é definido pelo usuário e pelo dispositivo. Os *e-readers* apresentam as opções por meio de suas interfaces e é o leitor quem define como o texto será apresentado. Apesar de ser importante em termos de acessibilidade, essa forma de apresentação do texto limita a liberdade de autores, editores e designers.

A possibilidade de customização diz respeito à possibilidade de o leitor interferir na apresentação do texto. Nesse sentido, o livro aplicativo permite que seja criado todo o tipo de ferramentas de customização. Em teoria é possível criar sistemas de interface onde o leitor pode modificar a tipografia, os padrões de cor, espaçamentos, orientação da página, criar ferramentas de ampliação (zoom) entre outros. O mesmo não acontece com o livro digital no formato PDF, visto ser este um formato onde o layout é apresentado de forma fixa.

No caso dos livros em *e-readers* a possibilidade de customização existe, mas ela se limita aos parâmetros definidos pelo dispositivo; autores, editores e designers não têm liberdade de acrescentar possibilidades de customização adicionais. A interatividade e hipermidialidade descrevem a possibilidade de disponibilizar elementos de interação nas publicações, tais como vínculos de hipertexto.

Nesse ponto é importante definir os termos hipertexto e hipermídia: o hipertexto descreve um documento de texto que possui em si ligações com outros documentos; já a hipermídia é uma ampliação do hipertexto e descreve ligações entre outros tipos de documentos, como áudios e vídeos, por exemplo (BAIRON, 2017).

Nesse sentido, uma vez mais, os livros aplicativos permitem a criação de diversos tipos de elementos de interação, categorias de vínculos, bem como formas de apresentar e navegar pelo texto, incluindo-se a proposição de sistemas de leitura não lineares. No livro em PDF essa possibilidade está mais limitada à criação de vínculos, sendo a organização e a proposição de uma leitura não linear mais desafiadora. O mesmo acontece com os livros EPUB, que têm sua interatividade

restrita às estruturas já presentes no dispositivo de leitura, sobretudo o uso de hipertextos.

Essas diferentes possibilidades de criação e uso do livro eletrônico implicam também diferentes níveis de complexidade de criação. Por apresentarem uma grande quantidade de recursos e por serem nativos do sistema operacional em que são disponibilizados, os livros aplicativos possuem também uma alta complexidade de produção.

Em geral esse tipo de produto requer o conhecimento bastante aprofundado de linguagens de programação e noções de interação humano-computador. O conhecimento de linguagens de programação é necessário para que seja possível converter a ideia do livro em um produto digital interativo. E o conhecimento de elementos de interação humano-computador é necessário, visto que a fruição do livro está fortemente ligada ao aprendizado do uso da interface.

Além disso, a proposição de um livro depende fundamentalmente do domínio da arte da narrativa, das letras e de uma grande criatividade. Tendo em vista a dificuldade de se encontrar todos esses predicados em um único autor, a criação de um livro aplicativo se torna um trabalho interdisciplinar e por isso mesmo mais complexo em termos de publicação.

Já os livros em PDF podem ser publicados mais facilmente e a maior parte dos editores de texto permitem que os autores salvem seus trabalhos nesse formato. Além disso, a comercialização e distribuição são mais ágeis nesse formato, visto que ele não tem tiragem mínima e pode ser encaminhado para os leitores por meios eletrônicos com custos baixos.

Algo semelhante acontece com os livros para *e-readers*, apesar de não serem tão facilmente criados quanto os livros em PDF. A conversão de um manuscrito para os formatos compatíveis com os leitores depende de aplicativos ou serviços de conversão, na maioria das vezes acessíveis, mas que dependem de uma certa curva de aprendizado. Já a distribuição também é facilitada pela existência de lojas específicas para vendas de livros nos formatos EPUB e na existência da loja do leitor digital Kindle, por exemplo.

É possível supor que a facilidade de criação e distribuição de livros nos formatos PDF e nos formatos para *e-readers* são elementos importantes no crescimento da autopublicação<sup>12</sup>, onde os autores publicam seus livros de forma independente, sem passar por uma editora. É possível ainda considerar que o formato de publicação de um livro digital tem efeito no ecossistema do livro e consequentemente na experiência de leitura.

### 2.1.3 O sistema de consumo do livro eletrônico

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) vêm trazendo grandes modificações em diversas áreas da sociedade. As relações sociais foram afetadas pelas mídias sociais, as relações econômicas pelas diferentes facetas do comércio eletrônico e a disseminação do conhecimento também foi afetada pelo advento da internet e do livro eletrônico, listando aqui apenas alguns setores.

Quando a prensa tipográfica foi inventada, os editores se esforçavam ao máximo para que os livros se parecessem manuscritos. Levaram muitas décadas para que a lógica laboral e a estética do livro se desvencilhassem deles, e o mesmo acontece atualmente com os livros eletrônicos (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Na mudança do pergaminho para o códice, por exemplo, houve uma mudança na forma de ler. No pergaminho, majoritariamente usado enrolado, a leitura se dava de forma prioritariamente linear, o leitor tinha que ir desenrolando a folha enquanto lia e por isso era mais difícil fazer marcações de trechos ou colocar outras referências ao longo do texto (AGARWAL-HOLLANDS; ANDREWS, 2001).

Já com o códice, formato onde as folhas são coladas em uma das extremidades, a leitura era quebrada pela existência de páginas, e isso fez com que a leitura também se desse de forma fragmentária. É nesse contexto que são criados elementos que até hoje são associados com o livro, como o sumário, lista de referências, número de páginas, entre outros (AGARWAL-HOLLANDS; ANDREWS, 2001). A existência de sumários, lista de referências e números de páginas possibilitou a criação de sistemas de referências e citações, visto que o número de

---

<sup>12</sup> Adicione áudios, vídeos e objetos interativos a PDFs. Adobe. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-money/2021/06/plataformas-de-autopublicacao-de-livros-ganham-impulso-na-pandemia/>>. Acesso em: 2 jul. 2021.

página possibilitava que um determinado texto fosse referenciado, algo mais difícil no pergaminho (AGARWAL-HOLLANDS; ANDREWS, 2001).

No livro eletrônico esse sistema de referências se torna mais dinâmico e proporciona o acesso a uma grande quantidade de informações quase que instantaneamente, criando uma leitura ainda mais fragmentada e eficaz que a leitura no códice (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015). Esse dinamismo se dá pela possibilidade de vínculos hipermídia entre os documentos e internamente dentro de um mesmo documento, sendo um dos elementos mais característicos dos conteúdos digitais (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015; MURRAY, 2003).

Uma das primeiras propostas de um hipertexto foi de Doug Engelbart por meio do protótipo "oNLine System" (NLS), que permite a navegação de hipertexto, e-mail e assim por diante. Em 1965 Ted Nelson cunhou a palavra hipertexto e em 1967 Andy van Dam e outros construíram um Sistema de Edição de Hipertexto<sup>13</sup>.

O hipertexto é um subconjunto da área de multimídia interativa e permite que textos ou pedaços de textos sejam armazenados em um computador e referenciados entre si por meio de vínculos (mais conhecidos como *links*), criando uma rede interligada, denominada hiperdocumento. Essa rede cria um tipo de navegação e leitura não linear, onde vários tipos de documentos podem ser acessados instantaneamente (LEIRO; FILHO, 1994). Apesar dos conceitos de hipertexto e navegação não linear serem usualmente associados ao suporte digital, é interessante lembrar que uma simples nota de rodapé de um texto físico também pode ser considerada um hipertexto de leitura não linear, embora de características rudimentares.

Uma das vantagens do hipertexto é a facilidade de uso, visto que o leitor precisa apenas clicar em um vínculo para acessar os documentos. Isso anteriormente era feito somente por meio de códigos de computador digitados em uma central de busca (LEIRO; FILHO, 1994). É também o hipertexto um dos elementos que possibilitou o desenvolvimento das interfaces digitais como conhecemos hoje, com o uso de textos e elementos gráficos para organizar a

---

<sup>13</sup> A Little History of the World Wide Web. World Wide Web Foundation. Disponível em: <<https://www.w3.org/History.html>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

navegação entre os documentos, como janelas, menus, botões, entre outros (LEIRO; FILHO, 1994).

O hipertexto é também uma das ferramentas mais relevantes para o desenvolvimento da internet. No seu início ela foi criada para facilitar a troca de artigos e outras informações de cunho científico entre institutos de pesquisa e universidades. Inicialmente criada dentro do CERN - um grande laboratório de física de partículas da Europa, hoje a Organização Europeia para Pesquisa Nuclear – em 1989. Em 1994 mudou-se para o MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), onde foi fundado o *World Wide Web Consortium (W3C)*, uma comunidade devotada ao desenvolvimento de padrões abertos para internet e algumas ideias que atualmente ainda reverberam na comunidade criada ao entorno dela, a saber.

- a) Descentralização: Nenhuma permissão é necessária de uma autoridade central para postar qualquer coisa na web, não há nenhum nó de controle central e, portanto, nenhum ponto único de falha... e nenhum “interruptor de eliminação”! Isso também implica liberdade de censura e vigilância indiscriminadas.
- b) Não discriminação: Se eu pagar para me conectar à internet com uma certa qualidade de serviço e você pagar para se conectar com essa ou com uma qualidade de serviço maior, então podemos nos comunicar no mesmo nível. Este princípio de equidade também é conhecido como Neutralidade Líquida.
- c) Design de baixo para cima: em vez de o código ser escrito e controlado por um pequeno grupo de especialistas, ele foi desenvolvido à vista de todos, incentivando a máxima participação e experimentação.
- d) Universalidade: para que qualquer pessoa possa publicar qualquer coisa na web, todos os computadores envolvidos precisam falar as mesmas línguas entre si, não importa o hardware diferente que as pessoas estejam usando, onde eles moram ou quais crenças culturais e políticas eles têm. Dessa forma, a teia quebra os silos enquanto permite que a diversidade floresça.
- e) Consenso: para que os padrões universais funcionem, todos devem concordar em usá-los. Tim<sup>14</sup> e outros alcançaram esse consenso dando a todos uma

---

<sup>14</sup> Tim Berners Lee, um dos criadores da internet e fundador da W3C.



palavra a dizer na criação dos padrões, por meio de um processo transparente e participativo no W3C<sup>15</sup>.

Em geral, essas ideias sugerem um tipo de sistema aberto, colaborativo e dinâmico que ainda guia o desenvolvimento dos diversos sistemas que compõem a internet e de certa forma contaminam o ambiente onde estão inseridos os livros digitais. Um exemplo são as principais linguagens de desenvolvimento de livros digitais que têm como origem os códigos e a arquitetura dos documentos digitais na internet, conforme visto na seção 2.1.2.

Pela possibilidade de criar vínculos entre documentos, e assim possibilitar uma navegação não linear, o hipertexto possibilita que os livros digitais sejam um certo tipo de obra aberta cuja experiência está mais na mão dos leitores que nos autores propriamente ditos, visto que quebra a linearidade da leitura (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

O hipertexto apresenta também uma quebra substancial nos aspectos simbólicos do texto, na maneira em que lemos e escrevemos, e requer novos tipos de habilidades, e ao mesmo tempo apresenta novos tipos de problemas, incluindo problemas semânticos, sociais (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015) e psicológicos, como os prejuízos à concentração (DESTEFANO; LEFEVRE, 2007).

Outra possibilidade tecnológica dos livros digitais é a possibilidade de atualização constante. Sendo um arquivo digital ele pode a princípio ser modificado a qualquer momento, o que não acontece com os livros impressos. Essa possibilidade de atualização torna ainda mais dinâmica a relação entre autores e leitores, visto que o livro pode receber novos conteúdos a partir das respostas dos leitores (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

A partir disso também pode ser modificado o ciclo de produção do livro, que não necessariamente precisa ser concluído no momento da publicação, como é o caso do livro impresso. Um exemplo desse tipo de possibilidade é o programa

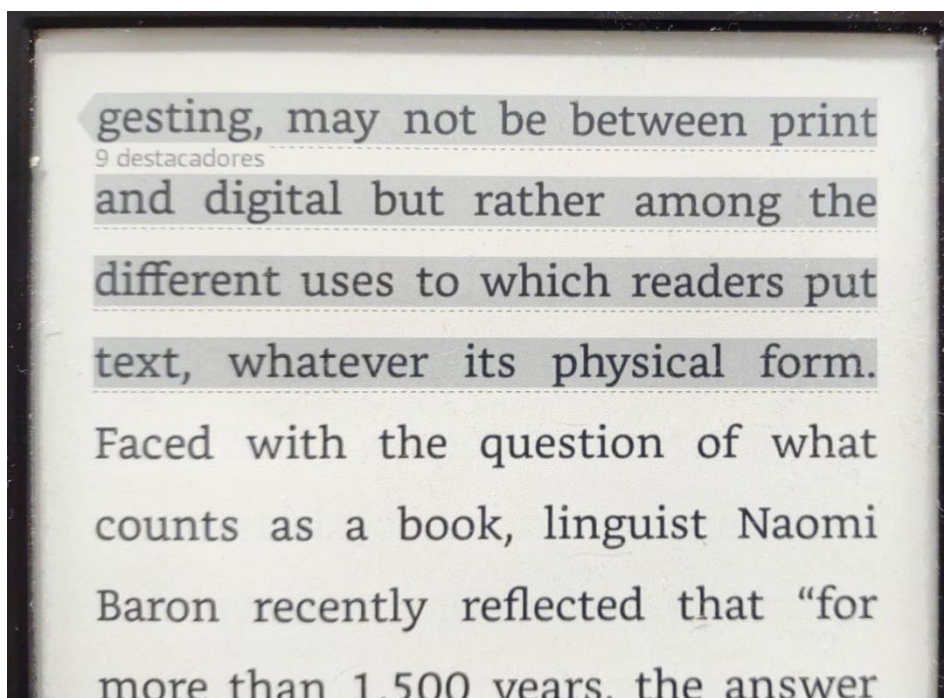
---

<sup>15</sup> History of the Web. World Wide Web Foundation. Disponível em: <<https://webfoundation.org/about/vision/history-of-the-web/>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

“Vella” da Amazon<sup>16</sup>. No programa, leitores se inscrevem para receber textos seriados dos seus autores preferidos com uma periodicidade predeterminada.

Além do envolvimento dos leitores na forma de respostas indiretas aos textos, como em comentários em redes sociais, por exemplo, sendo o livro digital uma obra aberta ela permite em diversos graus diferentes a intervenção direta do leitor sobre o texto (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015). Um exemplo é a marcação de trechos de textos no leitor digital Kindle, onde as marcações mais comuns entre os leitores aparecem em destaque na interface do livro (Figura 2).

Figura 2 - Exemplo de sinalização de marcações de trechos populares no Kindle



Fonte: do autor.

No exemplo o trecho foi destacado por outros nove leitores, sendo um registro da intervenção de outros leitores no mesmo texto.

Sendo um tipo de produto mais facilmente publicável, visto que não requer o investimento em impressão, o livro eletrônico potencializa ainda a autopublicação, uma forma de publicar livros onde um autor cria e distribui o seu livro sem passar por uma editora. Essa possibilidade transforma o próprio mercado editorial, e agentes antes fundamentais no processo de publicação, sobretudo as editoras, passam a

<sup>16</sup> Kindle Vella. Amazon. Disponível em: < <https://www.amazon.com/kdp-kindle-vella/b?ie=UTF8&node=21613975011>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

perder importância e espaço de mercado para as grandes empresas de tecnologia (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Por outro lado, outros profissionais passam a ter mais importância neste ecossistema literário, como os agentes literários e mesmo os blogueiros e os chamados influenciadores digitais. Muitos desses profissionais têm milhões de seguidores em redes sociais, o que pode propiciar uma grande divulgação para uma obra.

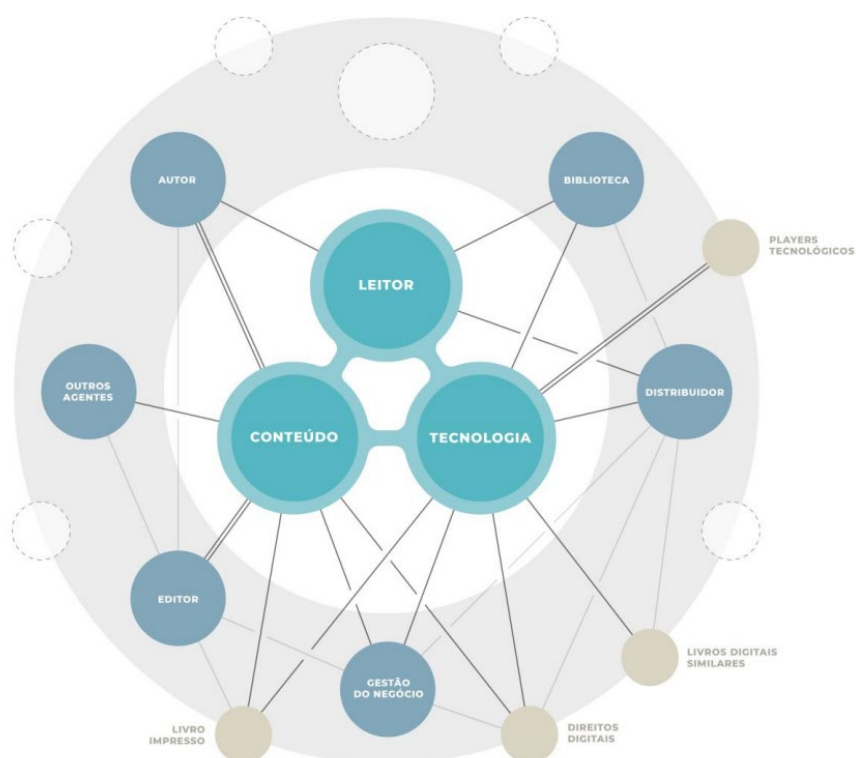
Sendo as sociedades humanas organizações baseadas em transações possibilitadas pela comunicação (FINKELSTEIN; MCCLEERY, 2012), as mudanças na dinâmica da comunicação têm efeito também em várias outras áreas, como podemos observar atualmente na crescente digitalização da sociedade.

Essa perspectiva é apresentada por exemplo no projeto “Framebook”, um *framework* que propõe o processo de desenvolvimento de projeto de livros digitais. O *framework* é composto por 13 fatores inter-relacionados, organizados em três grupos: primários, secundários e terciários (DICK; GONÇALVES, 2019).

O grupo de fatores primários corresponde ao conteúdo, a tecnologia e o leitor e representam os fatores mais relevantes no processo de design do livro digital e de certa forma determinantes dos outros grupos. O grupo de fatores secundários é composto pelo autor, outros agentes, editor, gestores do negócio e distribuidor. Eles têm uma relevância menor, mas ainda possuem uma influência considerável no processo de design. Finalmente o grupo de fatores terciários, contendo o livro impresso, direitos digitais, livros digitais similares e players tecnológicos, é periférico ao sistema do livro digital, mas deve ser levado em consideração durante o processo de design (DICK; GONÇALVES, 2019).

Dick e Gonçalves (2019) consideram a cadeia produtiva do livro digital uma cadeia sistêmica, ou seja, as propriedades de cada um dos elementos só podem ser pensadas a partir do todo e das relações que criam entre si. Assim, elas são representadas na forma de um diagrama (Figura 3).

Figura 3 - Versão final do framework “Framebook”



Fonte: DICK; GONÇALVES, 2019.

As relações entre os fatores primários são consideradas indissociáveis, visto que no processo de design do livro não é possível considerar um fator sem ponderar os demais. As outras relações são classificadas como intensas, moderadas e leves. Sendo um sistema aberto, outros fatores podem ser adicionados, dependendo da necessidade de cada projeto. É importante, porém, considerar as relações desses novos fatores com os elementos já existentes (DICK; GONÇALVES, 2019).

Podemos considerar então que o livro eletrônico e os *e-readers* estão inseridos em uma ampla cadeia de produção e consumo, e que os diferentes elementos dessa cadeia se influenciam mutuamente, criando um sistema socioeconômico rico e complexo. Dessa forma, não se pode considerar a experiência de leitura apenas em relação à leitura propriamente dita, mas sim a partir dessas diferentes relações técnicas, simbólicas e culturais.

Apesar da sua multiplicidade e complexidade, é possível e necessário identificar os elementos que compõem a experiência de leitura a fim de permitir o

seu estudo. Assim, no próximo tópico é discutido o conceito de experiência de leitura e propostos alguns de seus elementos constitutivos.

## 2.2 A TEORIA SISTÊMICA E O USO DE MODELOS

Um dos problemas de se descrever a experiência de leitura está na sua própria abordagem. A maior parte das pesquisas levantadas ao longo desta tese abordam a experiência de leitura sob um ponto de vista analítico, onde as diferentes partes que compõem a experiência são separadas e analisadas individualmente. Contudo, a experiência de leitura, assim como a experiência do usuário, é, aparentemente, um objeto de pesquisa multifacetado e dinâmico onde todos os elementos se relacionam uns com os outros, e esse tipo de abordagem pode ser descrito como uma abordagem sistêmica.

A abordagem sistêmica é uma possibilidade de pesquisa científica que busca estudar a realidade levando em consideração que os fenômenos naturais estão, em última instância, interconectados e que suas propriedades derivam de suas relações com outras coisas (BERTALANFFY; HOFKIRCHNER; ROUSSEAU, 2015; CAPRA; LUISI, 2014; SKYTTNER, 2001).

A abordagem sistêmica ou holística remonta à filosofia grega (século VI a.C), que percebia o universo como um ser vivo e não como uma máquina. Isso significava que todas as suas partes contribuíam para o funcionamento harmonioso do todo e que essas partes se moviam naturalmente para seus lugares apropriados no universo (CAPRA; LUISI, 2014).

Na idade média ocidental essa concepção incorporou conceitos da religião cristã com Tomás de Aquino (1225-1274). Aquino ensinava que não podia haver conflito entre a fé e a razão por que as duas emanavam de Deus, porém, um dos lados negativos dessa concepção foi o fato de qualquer contradição de futuros cientistas seria considerado heresia (CAPRA; LUISI, 2014).

No renascimento, a retomada desses conceitos gregos, que haviam sido parcialmente esquecidos encorajou um pensamento crítico individual que criou as bases do pensamento científico. A matemática começou a ser incorporada na observação da natureza, e Galileu Galilei (1564-1642) postulou que para ser

eficiente na descrição matemática da natureza os cientistas deveriam se limitar a estudar as propriedades dos corpos materiais que pudessem ser medidos e quantificados (CAPRA; LUISI, 2014).

Nos séculos XVI e XVII a visão da natureza baseada na filosofia grega e na teologia cristãs mudou rapidamente em direção a uma visão do mundo como uma máquina. Essa visão de mundo mecanicista foi dominante até o fim do século XX, quando começou a ser substituída pela metáfora da rede.

Assim, o pensamento científico até fins do século XX tem sido abordado sob um ponto de vista analítico, dado principalmente pela influência de Renè Descartes (1596-1650) na sua filosofia. Na abordagem Cartesiana, ou analítica, os fenômenos são estudados separando-se as suas partes e analisando-se essas partes separadamente do todo (CAPRA; LUISI, 2014).

Contudo, esse tipo de abordagem somente é eficaz para algumas áreas da ciência, como a física, por exemplo, mas é menos útil em outras, como a biologia ou as ciências sociais, onde as relações entre os diferentes elementos têm efeito significativo no conjunto geral (CAPRA; LUISI, 2014).

A introdução dos computadores, a exploração espacial, os desastres ambientais, a urbanização crescente e a própria globalização trouxeram novos problemas que podem ser definidos como caóticos e que variam entre técnicos, organizacionais, sociais e políticos e cuja solução escapa do viés analítico atualmente presente na maior parte das pesquisas científicas (BERTALANFFY; HOFKIRCHNER; ROUSSEAU, 2015; SKYTTNER, 2001).

Essa nova categoria de problemas já não podia ser resolvida com as ferramentas tradicionais das ciências, devotadas à observação individual dos problemas. Mais do que isso, é justamente a abordagem isolada dos problemas que cria as condições para que surjam situações problemáticas no longo prazo, como é o caso por exemplo dos atuais problemas ambientais, ou de problemas de saúde causados pelo uso de medicamentos de forma pontual. Esses novos problemas podem ser considerados problemas sistêmicos, que surgem do relacionamento entre diferentes elementos interagindo ao longo do tempo. Em muitos casos os problemas

já não existem na sua forma original, visto que são frutos de mudanças constantes nos ambientes em que se desenvolvem (SKYTTNER, 2001).

Um sistema pode ser considerado um conjunto de coisas - pessoas, células, moléculas, ou qualquer outra coisa - interconectada de uma maneira que eles produzem seus próprios padrões de comportamento ao longo do tempo (MEADOWS, 2008). A ciência dos sistemas busca entender o ser humano e seu meio ambiente como parte de sistemas interativos, sendo que o estudo dessa interação se dá sob múltiplas perspectivas de forma holística (SKYTTNER, 2001).

Um sistema é composto por três elementos básicos: os elementos do sistema, as inter-relações entre esses elementos e a função ou o propósito do sistema. Os elementos do sistema são as unidades que o compõem, como as células do corpo compõem um sistema orgânico. Eles são geralmente a parte mais tangível do sistema porque se caracterizam como unidades (MEADOWS, 2008).

Já as inter-relações descrevem como os diferentes elementos se relacionam, podendo ser tangíveis ou intangíveis e perdurar por longos ou curtos espaços de tempo. Algumas conexões são físicas, como as veias que conectam as diferentes partes de um organismo; outras são conexões informacionais, como as conversas entre vizinhos, sendo estas últimas as mais desafiadoras, visto que são mais dificilmente observáveis (MEADOWS, 2008).

A função ou propósito do sistema é aquilo que ele realiza ou pretende realizar. Um sistema econômico, por exemplo, aparentemente tem o propósito de crescer, o de uma escola a troca de conhecimento. Um dos propósitos mais recorrentes nos sistemas é a sua perpetuação, e é essa tendência à perpetuação que gera a sua consistência (MEADOWS, 2008).

Um estoque (*stock* em inglês) é a base de qualquer sistema. Eles são elementos de um sistema que você pode observar, sentir, contar ou medir. É uma quantidade, um volume de materiais ou informações que se acumulam ao longo do tempo. Um certo volume de água em um sistema hídrico pode ser considerado um estoque, por exemplo (MEADOWS, 2008).

Os estoques mudam ao longo do tempo através de ações de fluxo. Os fluxos podem ser considerados nascimentos e mortes, compras e vendas, crescimento e declínio, depósitos e saques, sucessos e fracassos. Em um sistema hídrico ele é o fluxo de água, em um sistema financeiro o fluxo de capitais, e em um sistema de informação é a troca de mensagens, por exemplo. Os estoques são então, a memória atual da história dos fluxos dentro do sistema (MEADOWS, 2008).

Em geral os estoques levam tempo para mudar, porque os fluxos levam tempo para acontecer. Os fluxos podem ter atrasos, amortecimentos pontuais, impulsos e sofrer a ação de lastros. Essa dinâmica de fluxos e estoques é fundamental para compreender como os sistemas funcionam (MEADOWS, 2008).

Os sistemas também podem possuir ciclos de *feedback*, ou *feedback loops*, uma cadeia fechada de conexões causais em um estoque promovida por uma série de decisões, regras ou leis físicas que dependem do estoque e voltam a ele por meio de um fluxo (MEADOWS, 2008).

Existem basicamente dois tipos de ciclos de *feedback*, os ciclos de *feedback* de estabilização e os ciclos de *feedback* de amplificação ou reforço. No primeiro caso o sistema tende a se estabilizar a partir de uma mudança extrema no estoque. Por exemplo, o nosso corpo (sistema) passa a suar (fluxo) caso a sua temperatura (estoque) esteja muito alta (MEADOWS, 2008).

Nos ciclos de *feedback* de estabilização, o nível de estoque pode não permanecer totalmente fixo, mas fica dentro de uma faixa aceitável, o que dificulta grandes mudanças no sistema em um curto período de tempo (MEADOWS, 2008).

O segundo tipo de ciclo de *feedback* é o amplificado. Ele é reforçador, auto-multiplicado, ou bola de neve, e pode ser um círculo vicioso ou virtuoso, uma vez que pode causar crescimento saudável ou destruição descontrolada. Esse tipo de ciclo é autoaprimorável, levando a um crescimento exponencial ou a colapsos descontrolados ao longo do tempo. Eles são encontrados sempre que um estoque tem a capacidade de se reforçar ou se reproduzir (MEADOWS, 2008).

Os sistemas podem ainda ser compostos por outros sistemas, sendo assim possível existirem relacionamentos entre relacionamentos, e propósitos de



propósitos incrementando a complexidade dos sistemas (MEADOWS, 2008). O universo pode ser considerado uma hierarquia de sistemas; sistemas simples são sintetizados em sistemas mais complexos desde as partículas subatômicas às civilizações (BOWLING *apud* SKYTTNER, 2001).

A abordagem sistêmica aparece também como uma possibilidade metodológica do Design, como é o caso da proposta “metaprojeto”, que pressupõe uma metodologia dinâmica e multifacetada (MORAES, 2010). Para o autor, desde o ano 2000 vive-se uma crise mundial ligada sobretudo ao modelo de consumo atualmente estabelecido e que dá origem aos principais problemas sociais, econômicos e ecológicos que vivemos atualmente. A solução para esses problemas está na mudança do modelo econômico atual, pautado na sociedade de mercado e no consumo, para um modelo baseado em sistemas e serviços.

Essa nova configuração requer também uma nova abordagem para o design, e novas abordagens projetuais. Nesse sentido, o metaprojeto é uma possível referência projetual para esse cenário. No metaprojeto se coloca como uma possibilidade de transição, onde a evidência não está somente no produto, mas no contexto em que esse produto opera ou deve operar (MORAES, 2010).

Ainda segundo o autor, o metaprojeto “[...] considera referências materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis, objetivas e subjetivas, e promove redes e relações inéditas, bem como interfaces inovadoras para os produtos e serviços que comporão esse próximo design” (MORAES, 2010, p. XI).

Aparentemente a experiência de leitura e a experiência dos usuários assumem esse tipo de característica, por serem consideradas um metaprocesso envolvendo outros processos (HASSENZAHN, 2008). O mesmo acontece com a definição de experiência do usuário da ISO 9241-11 (ABNT, 2011) quando estabelece que a experiência do usuário envolve “todas as emoções, crenças, preferências, percepções, respostas físicas e psicológicas, comportamentos e realizações do usuário que ocorrem antes, durante e depois do uso”. Ao usar o termo “todas”, a ISO parece se referir a um processo composto por vários elementos, e sendo este composto por elementos subjetivos podemos afirmar que seja um processo complexo.

Outros autores abordam a experiência do usuário como uma área ampla e complexa (HELLWEGER; WANG, 2015; LAW; VAN SCHAİK; ROTO, 2014; TEIXEIRA, 2014; UNGER; CHANDLER, 2012). O ponto de vista sistêmico prevê também outras formas de abordar o problema propriamente dito. Enquanto a visão analítica está fundamentada basicamente na mensuração e na matemática como métodos, na abordagem sistêmica é comum o uso de imagens para representar e facilitar tanto a pesquisa quanto a apresentação dos dados (CAPRA; LUISI, 2014) e são bastante comuns na abordagem sistêmica (ARMSON, 2011).

No mesmo sentido, uma das tendências contemporâneas para a pesquisa da experiência do usuário é o uso de imagens ou mapas, nesse caso pelo uso do termo “mapeamento da experiência”. Para Kalbach (KALBACH, 2020), o mapeamento da experiência fornece às organizações uma visão mais ampla de seus ecossistemas de produtos e serviços. Já para Szabo (SZABO, 2017), o mapeamento permite conhecer os usuários, ter *insights* estratégicos e melhorar a comunicação com a equipe e com os *stakeholders*.

Um mapeamento é uma forma de apresentação de informações na forma de imagens e mapas, e essas visualizações são chave para quebrar pensamentos encapsulados e podem servir como modelos tangíveis para que equipes discutam sobre o tema, e, mais importante, permitem que se perceba os relacionamentos de forma visual (KALBACH, 2020).

Os mapeamentos podem ser considerados uma categoria de produtos de visualização de dados, também conhecidos como visualização de informações, uma forma de apresentar dados de forma gráfica ou pictórica que contribui para facilitar a compreensão das informações principalmente porque se aproveita da capacidade visual da mente humana (APARICIO, 2014). A visualização de dados é especialmente recomendada para dados complexos, como proporções e tendências estatísticas, processos complexos ou mapeamentos espaciais, porque se aproveita da característica espacial da visão (CAIRO, 2016).

Uma visualização pode ser considerada a transformação de dados em representações visuais (CARD; MACKINLAY, 1997; CHEN; FLORIDI; BORGIO, 2014) e essas representações dependem da interpretação dos dados com base nas

necessidades de comunicação, da característica dos dados e mesmo no domínio do problema onde essa visualização será inserida (como biologia, ciências sociais, física, entre outros) (CARD; MACKINLAY, 1997).

Os dados deverão ser transformados antes de se tornarem signos gráficos e essa transformação depende da análise criteriosa do designer ou profissional responsável pela criação da visualização. Dados brutos (como tabelas, textos, bancos de dados, entre outros) devem ser convertidos em tipos de dados específicos, uma vez que textos e números passam por etapas de tratamento diferentes. Os números podem passar por fórmulas matemáticas e os textos por interpretadores de texto, por exemplo (CARD; MACKINLAY, 1997).

Além disso, as técnicas de visualização dos dados a serem utilizadas dependem das necessidades dos usuários. Elas podem ser de Visão geral, com o objetivo de dar uma visão geral de toda a coleção; Zoom: ampliando os itens de interesse; Filtragem: com possibilidade de filtrar itens desinteressantes; Detalhes sob demanda: selecionando um item ou grupo; Relacionar: com o objetivo de identificar as relações entre os itens; Histórico: mantendo um histórico de ações para ajudar o usuário a desfazer ações; Extrair: permitindo a extração de subcoleções e detalhes quando necessário. (SHNEIDERMAN, 1996).

Quando uma visualização ou mapeamento tem como objetivo explicar um determinado fenômeno ele pode ser considerado um modelo. Os modelos como forma de investigar o mundo e a ciência se tornaram populares durante o século XIX, principalmente entre os físicos, quando ideias da mecânica clássica foram aplicadas em outros campos dentro da física. Contudo, o conceito é mais antigo e deriva da palavra latina *modellus*, derivada de *modulus*, um diminutivo de *modus*, significando um pequeno aparelho de medição (GERLEE; LUNDH, 2018).

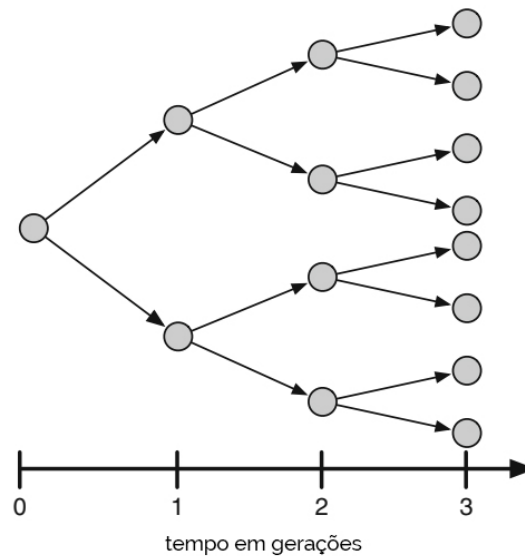
O termo também é usado em outros campos, como na administração e na política, significando um modo como as tarefas devem ser realizadas. Contudo, nas ciências o termo "modelo" significa uma simplificação da realidade com o objetivo de compreendê-la mais facilmente (GERLEE; LUNDH, 2018).

Os modelos científicos podem ser apresentados de diversas formas, como uma frase, uma fórmula matemática ou por meio de ilustrações e diagramas,

imagens que representam visualmente os achados em um modelo. Esta última forma de apresentar um modelo é bastante comum e tem a vantagem de possibilitar aos pesquisadores o foco em detalhes que são mais dificilmente observáveis de outras formas, como fotografias ou fórmulas (GERLEE; LUNDH, 2018).

Um exemplo é o modelo de crescimento de bactérias, que apesar de poder ser representado por uma frase, “o número total de bactérias dobra a cada geração”, ou por uma fórmula matemática “ $n(t) \sim e^{\beta t}$ ”, é facilmente visualizada na forma de um diagrama simples, como exemplificado na Figura 4 (GERLEE; LUNDH, 2018).

Figura 4 - Exemplo de diagrama na apresentação de um modelo de crescimento de bactérias



Fonte: GERLEE; LUNDH (2018, p. 4).

Sendo uma simplificação da realidade, os modelos assumem que existem lacunas na sua constituição que podem, e em alguns casos, devem, ser incluídos na sua aplicação final. Um modelo de um barco, por exemplo, pode descrever diversas características dele, porém dependendo de onde ele navegará essas características podem ser revistas para garantir a sua performance e segurança (GERLEE; LUNDH, 2018).

Dessa forma, sendo representações resultantes de um fenômeno, os modelos devem ter uma certa similaridade com o fenômeno ou com partes dele, e ao mesmo tempo representá-lo adequadamente. O que implica um duplo desafio para os

pesquisadores, os de identificar essas características relevantes e saber como representá-las (GERLEE; LUNDH, 2018).

A representação do fenômeno em um modelo científico implica identificar elementos, processos e mecanismos que são importantes em um sistema, e posteriormente representá-los de forma correta dentro do modelo. Disso resulta que as representações em um modelo devem estar pautadas em dados concretos e a sua representação não deve depender de quem vai usá-los, ou seja, deve ser objetiva (GERLEE; LUNDH, 2018).

Os modelos podem ser caracterizados em conceitual, icônico, análogo, modelos simbólicos, fenomenológicos e estatísticos. Os modelos conceituais servem como fundação para modelos mais concretos ou matemáticos. Eles manifestam ideias e noções sobre os mecanismos e entidades dentro de um sistema, sendo algumas vezes construções mentais expressas na nossa linguagem cotidiana (GERLEE; LUNDH, 2018).

Os modelos icônicos são geralmente vistos como os tipos mais simples de modelo por serem representações diretas de um sistema, apenas aumentadas, miniaturizado ou projetado, como modelos em escala, pictóricos ou plantas de projeto (GERLEE; LUNDH, 2018). Modelos análogos não são classificados pela sua estrutura, mas pelo seu processo de construção. Eles são representações de um fenômeno comparando-o com outro sistema cujas dinâmicas são conhecidas, cujo conhecimento é transferido para o novo sistema, possibilitando novas percepções. Um exemplo clássico desse tipo de modelo é a analogia do comportamento da luz em relação à ondulação na superfície de um fluido (GERLEE; LUNDH, 2018).

Modelos simbólicos usam símbolos e sistemas formais para descrever um fenômeno, sendo um exemplo o uso de equações para representar as propriedades de um sistema em um modelo matemático (GERLEE; LUNDH, 2018). Modelos fenomenológicos também são frequentemente simbólicos, mas se diferem dos modelos simbólicos por dar menos importância à mecânica interna do sistema, tendo como principal foco os resultados. Um exemplo desse tipo de modelo são as comparações entre o funcionamento do cérebro humano e os computadores, sendo

radicalmente diferentes em funcionamento, esse tipo de modelo tem sua ênfase nos resultados do comportamento entre ambos (GERLEE; LUNDH, 2018).

Modelos estatísticos são um subconjunto dos modelos simbólicos que usam ferramentas da teoria da probabilidade. Eles geralmente descrevem as relações entre as variáveis tendo como base uma certa distribuição de parâmetros de modelagem estatística (GERLEE; LUNDH, 2018).

Assim, é possível supor que a experiência de leitura seja um sistema maior, dada a sua complexidade intrínseca, e que esse sistema é composto por outros subsistemas que interagem mutuamente. Também é possível supor que tanto o sistema da experiência de leitura quanto seus subsistemas podem ser modelados, ou seja, representados de forma a compreendê-los melhor.

Para conhecer os componentes principais do sistema de experiência de leitura, serão descritos resumidamente a seguir os seus principais componentes.

## 2.3 A EXPERIÊNCIA DE LEITURA

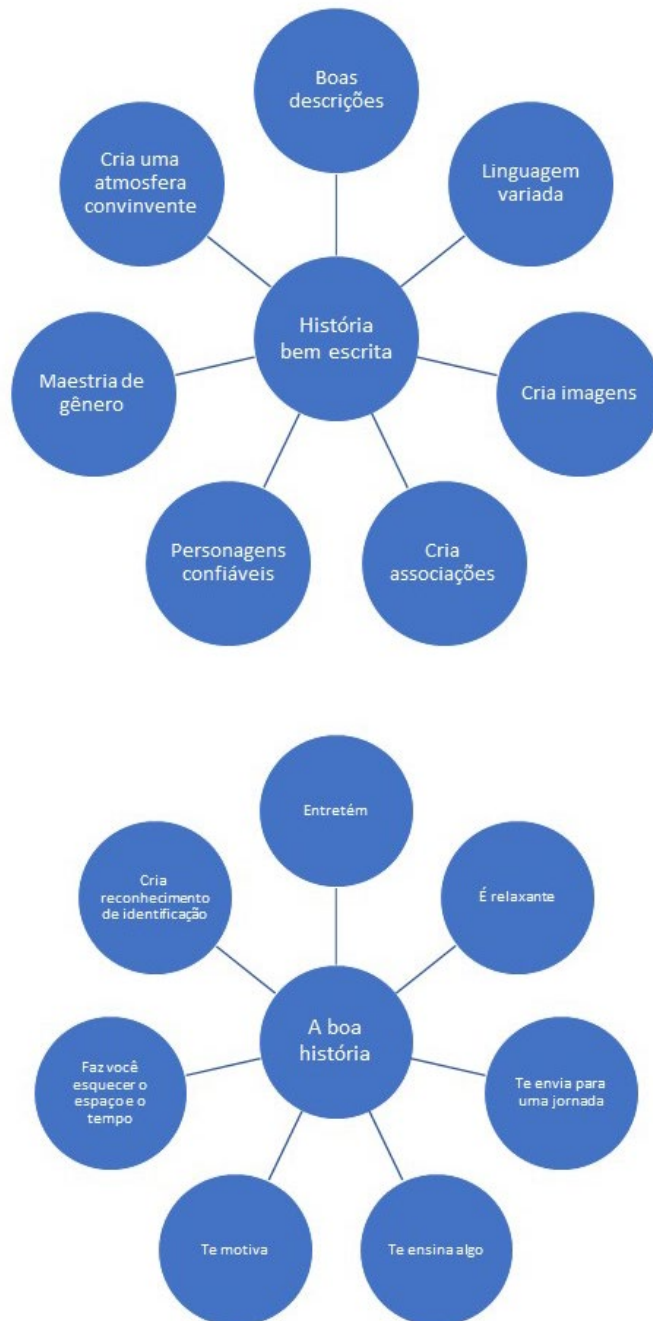
O termo “experiência de leitura” não tem atualmente uma definição precisa e em geral ele descreve a sensação de estar absorvido em uma história, quando se perde a noção de tempo e espaço e se esquece de comer ou dormir, mas pode também ser abordado sob o ponto de vista da teoria estética. Na dimensão estética ela pode ser definida como a resposta sensual e cognitiva resultante do encontro entre o sujeito e o objeto, e nesse encontro o leitor cria significado, tendo como base as suas próprias experiências, associações, preferências e ideias e pode ser afetado pelos contextos históricos, sociais e coletivos onde ele está situado (BALLING, 2016).

Essa experiência acontece por meio dos diversos meios de comunicação escrita existentes, sendo, portanto, fruto da cultura estética e literária desses meios. Assim, a experiência de leitura, apesar de ser fundamentalmente pessoal, é afetada pelo tipo de escrita que é proposta ao leitor.

Nesse sentido, para Balling (2016), existem ao menos dois elementos da experiência de leitura: a estória bem escrita e a boa estória. A estória bem escrita diz respeito ao uso adequado e criativo da literatura, enquanto a boa estória proporciona

sentimentos e sensações bem articuladas aos leitores. Um diagrama representando os dois grandes grupos da experiência de leitura podem ser vistos na Figura 5.

Figura 5 - Características da experiência de leitura



Fonte: Compilado pelo autor com base em Balling (2016).

Apesar de representados simetricamente e com pesos iguais, cada um dos elementos da experiência de leitura pode ter maior ou menor relevância, dependendo do contexto em que a leitura aconteça. É o objetivo desta tese

esclarecer um pouco mais essas relações e tentar estabelecer mais claramente as relações entre os elementos (BALLING, 2016).

A experiência de leitura pode apresentar contornos diferentes, dependendo do gênero literário, dos objetivos do leitor, da configuração do livro, entre outros fatores. Assim, a experiência de leitura de um romance em capa dura é diferente de um livro técnico com encadernação simples, e da mesma forma a leitura de um livro em papel é diferente da leitura do mesmo livro em um leitor digital (PRICE, 2020).

Antes de iniciar qualquer discussão é importante destacar que tanto os livros em papel quanto os livros digitais são artefatos interativos. Ao usar um sumário, uma nota de rodapé, uma legenda, um número de página ou escrever uma marginália estamos interagindo com o produto. A diferença entre os dois tipos de livro está na forma como essa interação se dá, no livro em papel por meio de elementos analógicos e no livro digital por meio de uma interface digital, que possui regras e procedimentos próprios e que tem um efeito diverso na experiência de leitura.

A discussão de Balling (2016) é relevante para a discussão da experiência de leitura, mas é importante lembrar que existem pelo menos duas dimensões distintas do artefato livro: o texto e o objeto (PRICE, 2020). Enquanto a autora destaca os elementos literários da experiência de leitura, ou seja, o texto, é preciso lembrar que o artefato em si propõe também experiências. Assim, o conceito de experiência de leitura se mistura ao conceito de experiência do usuário, considerando-se aqui o livro também como um artefato de uso.

A experiência do usuário pode ser considerada como um metaprocessos que envolve outros processos cognitivos, emocionais e subjetivos. Esses processos, assim como no conceito de experiência de leitura, acontecem a nível pessoal, interno e subjetivo, mas geralmente são influenciados por fatores culturais (HASSENZAHL, 2010).

Recentemente os psicólogos têm migrado suas atenções de uma abordagem fortemente ligada à solução e redução de problemas em direção ao que se conhece como psicologia positiva, uma abordagem centrada na criação e promoção de experiências consideradas positivas (AL-AZZAWI, 2014).



Um movimento semelhante tem acontecido no campo do design e da Interação Humano Computador (IHC), que gradualmente tem migrado de uma abordagem ligada ao utilitarismo e à eficiência, centrada na interação, usabilidade e funcionalidade (NORMAN; DEIRÓ, 2006), para uma ênfase em produtos e serviços que proporcionam experiências agradáveis (AL-AZZAWI, 2014), e mais recentemente a atenção se concentra no design emocional (NORMAN; DEIRO, 2008).

Forlizzi e Ford (2000) afirmam que a forma mais pura de referência à experiência do usuário é o próprio conceito de experiência, que segundo as autoras pode ser descrita de três formas: a experiência propriamente dita, uma experiência em particular e a experiência com estória. A experiência propriamente dita é o fluxo constante que acontece durante os momentos de consciência, como o discurso interior, aquela voz que ouvimos quando falamos com nós mesmos (FORLIZZI; FORD, 2000).

Uma experiência em particular, que é aquela que tem começo, meio e fim, pode mudar o usuário e em alguns casos mudar o contexto da experiência, como testemunhar uma história que nos permite sentir emoções poderosas, avaliar nosso sistema de valores e possivelmente fazer mudanças em nosso comportamento. O exemplo dado pelas autoras são histórias de pessoas com câncer, ou familiares, disponibilizados pela Universidade da Pensilvânia, e que nos levam a uma experiência enquanto lemos (FORLIZZI; FORD, 2000).

O último tipo de experiência descrito pelas autoras é a experiência como uma estória. Nesse caso, as histórias são usadas para condensar e relembrar experiências, contribuindo para que possamos comunicá-las em uma grande variedade de maneiras diferentes. Por sua natureza naturalmente comunicativa, as histórias são muito úteis para compartilhar descobertas de pesquisas com usuários para times de design de várias disciplinas (FORLIZZI; FORD, 2000).

Para Dadico (2017), na psicologia o conceito de experiência diz respeito a algo que o indivíduo já viveu ou aprendeu e tem alguma influência na realização de uma atividade no presente. E do ponto de vista epistemológico apresenta-se como

algo que acontece na percepção sensível e na interpretação de dados empíricos, em contraste com uma análise lógica ou especulação filosófica.

Hassenzahl (2009) divide a experiência do usuário em duas dimensões: a dimensão prática e a dimensão hedônica. A dimensão prática diz respeito à facilidade de uso de um produto ou serviço e pode ser descrita por meio de métricas de efetividade, eficiência, utilidade, entre outros, focando-se no uso do sistema propriamente dito. Já a dimensão hedônica diz respeito aos elementos estéticos, simbólicos, emocionais e subjetivos do uso dos sistemas. Sendo o primeiro o principal foco do estudo da IHC a partir de 1980 e o segundo ganhando mais ênfase a partir dos anos 2000.

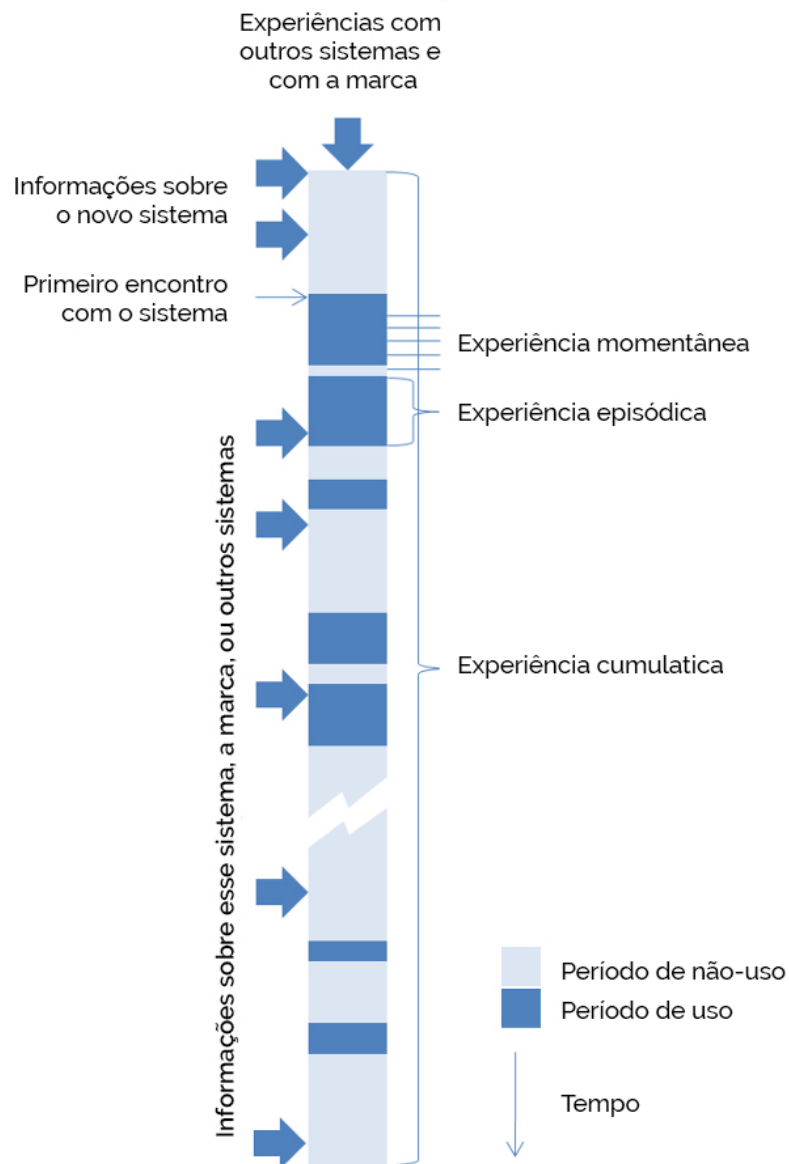
Em relação aos aspectos emocionais do estudo da IHC, destaca-se o trabalho de Donald Norman (2008), que além de cunhar o termo “experiência do usuário” descreve três níveis da relação do usuário com o produto. O nível visceral, que acontece ao contato direto e imediato com as características mais sensíveis do produto; o nível comportamental, afetado também pelos estímulos estéticos, mas mais fortemente orientado ao uso do produto, na sua funcionalidade e usabilidade, e o nível reflexivo, envolvendo a reflexão das experiências anteriores com o sistema, sendo assim um tipo de experiência que se constrói ao longo do tempo.

De forma similar, Roto *et al.* (2011) afirmam que as pessoas podem ter experiências indiretas com os sistemas antes mesmo do primeiro encontro com eles por meio de experiências com outras tecnologias, marcas, anúncios, apresentações e mesmo por meio de opiniões de outras pessoas. Esse contato antecipado é descrito como “experiência antecipada” pelos autores. Assim, a experiência do usuário se estende desde períodos antes do uso propriamente dito até muito tempo depois desse contato.

Nesse sentido, os autores (ROTO *et al.*, 2011) descrevem a experiência do usuário em quatro momentos distintos: a experiência antecipada, dada pelo contato anterior ao uso; a experiência momentânea, aquela do uso propriamente dito; a experiência episódica, relacionada à reflexão a respeito desse uso, e a experiência cumulativa, dada pela visão geral do sistema a partir de um certo tempo de uso.

Assim, a experiência do usuário é intercalada por períodos de uso e não uso, dentro dos quais os usuários vão refletir a respeito do uso do sistema, contrastando com experiências anteriores e outros estímulos externos ao sistema (opiniões, outras marcas, anúncios, etc.) (ROTO *et al.*, 2011). Outro fator não descrito diretamente pelos autores é a existência de uma certa exaustão dada pelo uso repetitivo de uma mesma interface ao longo de muito tempo, ou aquelas que são usadas com muita frequência em tarefas cotidianas. Um diagrama explicativo da experiência do usuário ao longo do tempo pode ser visto na Figura 6.

Figura 6 - UX ao longo do tempo com períodos de uso e não uso



Fonte: ROTO *et al.* (2011, p. 8).

Ao contrário da experiência de leitura, a experiência do usuário tem uma definição consensual, dada pela ISO 9241-11, sendo descrita como “percepções e respostas das pessoas, resultantes do uso e/ou uso antecipado de um produto, sistema ou serviço” (ABNT, 2011, p. 38). A definição ainda é acompanhada pelas seguintes notas:

NOTA 1 A experiência do usuário inclui todas as emoções, crenças, preferências, percepções, respostas físicas e psicológicas, comportamentos e realizações do usuário que ocorrem antes, durante e depois do uso.

NOTA 2 A experiência do usuário é uma consequência da imagem da marca, da apresentação, da funcionalidade, do desempenho do sistema, do comportamento interativo e das capacidades assistivas do sistema interativo, dos estados interno e físico do usuário, resultantes de experiências anteriores, atitudes, habilidades e personalidade, e do contexto de uso.

NOTA 3 A usabilidade, quando interpretada a partir da perspectiva dos objetivos pessoais do usuário, pode incluir o tipo de aspectos perceptivos e emocionais tipicamente associados à experiência do usuário. Os critérios de usabilidade podem ser usados para avaliar aspectos da experiência do usuário. (ABNT, 2011, p. 38)

Assim, as definições de experiência de leitura e experiência do usuário se aproximam quando discutem os elementos subjetivos da relação entre o artefato e o objeto. As duas definições também consideram elementos anteriores e posteriores ao uso/leitura, dado por exemplo pelas expectativas dos leitores/usuários e pela permanência da experiência ao longo do tempo.

Balling (2016) descreve os elementos pré-leitura como motivações, expectativas e propósitos da leitura e a experiência pós-leitura como o resultado e os traços da leitura. Já a ISO 9241-11 cita realizações que ocorrem antes do uso e após o uso do artefato. Enquanto Balling (2016) descreve a experiência sob o ponto de vista literário, tendo como base um levantamento realizado com leitores (BALLING, 2009), outros estudos tratam da experiência de leitura em relação ao artefato livro.

Dessa forma, tanto a experiência de leitura e a experiência do usuário podem ser consideradas a partir de três dimensões: a dimensão social, a dimensão subjetiva e a dimensão temporal. A dimensão social é dada pela interação entre os diferentes atores do sistema do livro, sejam eles pessoas, como leitores, autores,

editores, revisores, designers, entre outros, e as instituições, como bibliotecas, livrarias, indústrias produtoras, entre outros. A dimensão subjetiva se dá pela relação do leitor com o objeto livro, seus anseios, necessidades, preferências, respostas físicas, entre outros. E a dimensão temporal, dada pelos períodos antes, durante e depois da leitura.

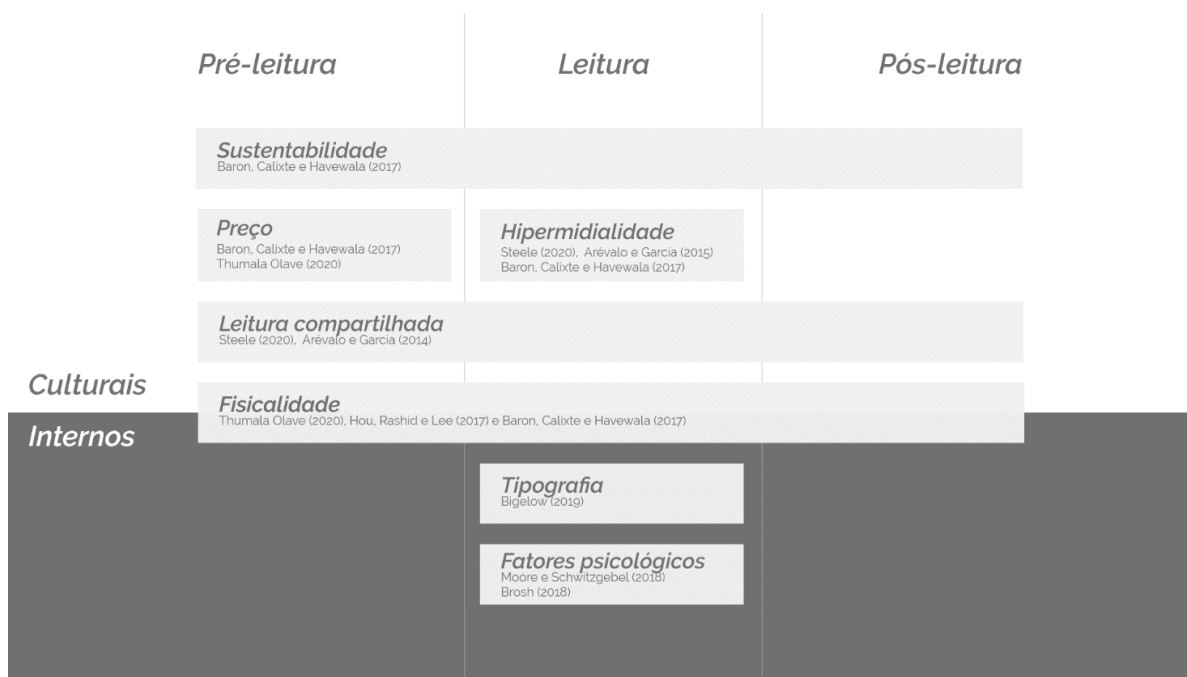
É na inter-relação entre as variáveis que compõem esses elementos que se dá a experiência de leitura, resultando em um construto complexo e por isso mesmo requer uma abordagem mais sistêmica que analítica. Assim, a seguir será discutida a relação entre a teoria sistêmica e a experiência de leitura.

### 2.3.1 Resumo dos elementos da experiência de leitura

Denardi e Cattani (2021) propuseram oito categorias que podem compor uma experiência de leitura tendo como base uma revisão bibliográfica sistemática do tema. São elas: os **fatores psicológicos**, relacionados à construção de imagens mentais, sons e narrativas na mente do leitor; a **fisicalidade do livro**, seu cheiro, peso, textura e formato; o **preço do livro**, relacionado ao acesso dos leitores às obras e o fator simbólico relacionado ao preço de um livro; a **sustentabilidade**, ou seja, uma preocupação com o efeito do livro no meio ambiente, sobretudo em relação ao livro impresso; a **intertextualidade, hipermedialidade e atualização**, possibilidades muito relevantes dos livros eletrônicos e de certa forma a base da sua experiência de leitura; **fatores tipográficos**, relacionados à escolha e uso de fontes tipográficas durante o processo de leitura, sobretudo em relação à sua legibilidade e leiturabilidade; a **praticidade**, muito relacionada ao fácil acesso à informações e aos próprios livros, e a **leitura compartilhada**, a possibilidade de se utilizar o livro como meio para a interação com outros leitores.

Os autores propuseram um diagrama descrevendo o provável efeito de cada elemento levantado na experiência de leitura (Figura 7), sendo cada característica descrita e posicionada de forma a se alinhar visualmente com a ideia de pré-uso, aqui descrita como pré-leitura; leitura (uso) e pós-leitura (pós-uso).

Figura 7 – Fatores que compõem a experiência de leitura



Fonte: DENARDI; CATTANI (2021, p. 430).

A pré-leitura se aproxima do conceito de experiência antecipada (ABNT, 2011; ROTO *et al.*, 2011) e trata do contato antecipado com marcas, autores, editoras, anúncios, postagens etc., relacionados à leitura de um livro. A leitura se relaciona com os conceitos de experiência momentânea e episódica (ROTO *et al.*, 2011) e diz respeito à leitura propriamente dita. E a pós-leitura tem relação com o conceito de experiência cumulativa (ROTO *et al.*, 2011), ou seja, momentos de leitura ou reflexão antes, durante e depois da leitura. No caso do diagrama de Denardi e Cattani (2021), a pós-leitura trata especificamente dos momentos de uma segunda leitura ou reflexão após a leitura de um livro.

Elementos que se aplicam ou reverberam em mais de um momento de leitura foram posicionados de forma a perpassar visualmente esses momentos, como é o caso da leitura compartilhada ou leitura social, que engloba os três momentos (DENARDI; CATTANI, 2021). Os elementos também foram posicionados em duas grandes áreas: **elementos culturais**, quando o elemento sofre maior influência do contexto e das relações sociais, e **elementos internos**, que podem ser descritos como mais fortemente individuais (DENARDI; CATTANI, 2021).

Considerando cada um desses elementos como subsistemas da experiência de leitura, pode-se então estudá-los a fim de compreender as suas características, suas relações internas e externas e possivelmente os seus padrões. Porém, na impossibilidade atual de decompor todos eles separadamente e traçar as suas diversas relações, esta tese dá mais atenção à questão da leitura social, visto ser este um elemento que permeia todas as etapas (pré-leitura, leitura e pós-leitura) da experiência de leitura e por ser esta um fenômeno fortemente social por natureza.

Assim, a questão da leitura social será discutida a seguir.

## 2.4 LEITURA SOCIAL

O livro pode ser considerado apenas um artefato, ou como um nó em um sistema social e simbólico amplo (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015; CORDÓN-GARCÍA *et al.*, 2013; PRICE, 2020). Além da sua existência física, o livro tem desdobramentos econômicos e sociais proeminentes. Em termos econômicos o livro envolve uma cadeia produtiva que vai desde a sua concepção e passa por editores, revisores, assessores técnicos, designers, fotógrafos, empresas de pré-impressão, gráficas, livrarias, mídia especializada, para citar apenas alguns (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Em termos de consumo, o livro modificou e ainda modifica a forma como o conhecimento é disseminado na sociedade. Ele é um artefato, mas também um forte elemento simbólico ligado ao conhecimento, status social e até mesmo afeto (THUMALA OLAVE, 2020). Na arquitetura o livro é responsável pela criação de espaços físicos específicos, como nas estantes, nos nichos, nas livrarias, espaços específicos em cafeterias, nas bibliotecas pessoais ou públicas, e mesmo em monumentos dedicados a ele (PRICE, 2020).

Ele passa por uma gama de instâncias antes de chegar ao seu destino, os olhos do leitor, implicando um processo que é, na sua raiz, social. A leitura individualizada e silenciosa é uma ideia construída socialmente, mas sem relação com a realidade. A leitura sempre foi compartilhada, seja pela crítica literária, muito presente até a disseminação da televisão, pela existência de clubes de livros, sessões de leitura compartilhada, a leitura em voz alta em bares e restaurantes (PRICE, 2020).

A leitura individual e silenciosa pode ser considerada fruto da industrialização, onde o aumento do volume de livros em circulação acabou por acirrar a separação do indivíduo e da sociedade e colaborando para a dissolução da experiência de leitura (DADICO, 2017). Pode-se incluir nas possibilidades de leitura compartilhada ou social o sistema de citações, uma forma de compartilhar percepções entre autores, e as notas marginais (ou marginálias), que são formas de compartilhar as percepções entre leitores (AGARWAL-HOLLANDS; ANDREWS, 2001).

A crescente digitalização da sociedade também criou espaços específicos de socialização da leitura, como os websites de avaliação de livros, tendo como exemplo o Skoob (Figura 8), plataforma que permite a leitores dar notas e compartilhar comentários sobre os livros (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Figura 8 - Exemplo de website de avaliação de livros

The screenshot shows the Skoob website interface for the book 'Mentes Impiedosas' by Taj Nathan. The page includes a search bar at the top, a book cover on the left, and a main content area with a 4.0 rating, 2 reviews, and various statistics. The statistics section shows a bar chart for ratings: 5 stars (50%), 4 stars (50%), 3 stars (0%), 2 stars (0%), and 1 star (0%). The page also features a list of similar books and a section for editions.

Fonte: Disponível em <<https://www.skoob.com.br/>>. Acessado em 3 de mar 2022.

O surgimento desse tipo de plataforma cria um ambiente mais colaborativo e acaba transformando os sistemas de informações tradicionais, como resenhas, críticas e publicações especializadas, com consequentes modificações no mercado editorial (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Os conceitos de autoria, crítica e recepção, sendo estes muito calcados no modelo do livro impresso, são gradativamente substituídos por sistemas digitais



como o Skoob, e assim as preocupações atuais dos autores estão mais em saber como o seu livro está sendo recebido pelo público, podendo ser mensurado nos websites de avaliação de livros, do que com uma preocupação com as percepções de editores ou críticos especializados. Essa mudança no modelo de circulação do livro cria também um outro tipo de preocupação, ligada à gestão dos livros e das competências dos autores, complementares ao mero ato de escrever (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Essas mudanças na forma como o livro é consumido socialmente se dão tanto nos livros impressos como nos livros eletrônicos, porém, este último por ser digital em sua própria natureza possui outros contornos, que serão discutidos a seguir.

#### 2.4.1 A leitura social e o livro eletrônico

O livro eletrônico, por ser digital em sua própria natureza, implica um processo produtivo e de consumo mais fluido que o livro impresso. A navegabilidade e o hipertexto têm um impacto substancial nos aspectos simbólicos na maneira em que lemos, porque eles dão acesso a diferentes tipos de informações (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Vínculos de hipertexto internos e externos, referências e notas fazem do livro eletrônico uma obra aberta e circundável por diversos elementos de discurso que rompem com a linearidade e a estrutura fixa do impresso e modificam estratégias de leitura predeterminadas (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Em termos de autoria, a facilidade de publicação dos livros eletrônicos modifica o paradigma de “poucos para muitos” para outro de “muitos para muitos”, e o papel dos autores nesse universo não está apenas em se adaptar aos novos sistemas de publicação, mas de usar todas as rotas disponíveis para chegar aos leitores (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Nessa nova configuração se modificam os papéis das livrarias como núcleos de acesso, as bibliotecas como espaços de salvaguarda do saber, a crise dos direitos autorais e a crise dos intermediários, que se obrigam a reinventar-se e criar

estruturas para permanecer como agentes relevantes no mercado editorial (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Também o modelo de circulação centrado nas editoras e livrarias (Figura 9) dá lugar a um sistema mais amplo de intermediação entre escritores e leitores, que envolve plataformas de distribuição (como o Google Livros ou Amazon), comunidades online, editores, revendedores e mesmo a venda direta do livro (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Figura 9 - Modelo de intermediação analógico

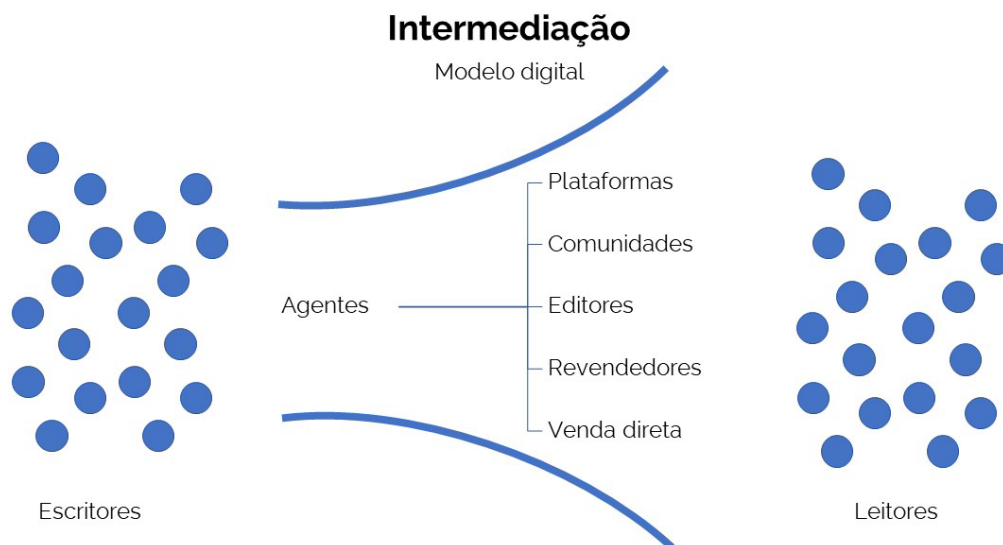


Fonte: Adaptado de Alonso Arévalo *et al.* (2015, p. 37).

A autopublicação é a “publicação de qualquer livro ou qualquer outro meio pelo autor da obra, sem a intervenção de um terceiro ou editor estabelecido” (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015, p. 35). O autor fica então responsável por todo o processo de produção, incluindo a diagramação, formatos, preços, distribuição, marketing, relações públicas, entre outros (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Ela ganha força com a popularização dos dispositivos de leitura (sobretudo *e-readers*) e assim causa uma disrupção na cadeia tradicional de valorização do livro. Nesse novo modelo (Figura 10) os intermediadores tradicionais, como os editores e editoras, perdem grande parte de sua autoridade e dão lugar às comunidades online, mídias sociais, blogs e wikis (ALONSO-ARÉVALO; CORDÓN-GARCÍA, 2011).

Figura 10 - Modelo de intermediação digital



Fonte: Adaptado de Alonso Arévalo *et al.* (2015, p. 37).

Em termos culturais, um efeito desse modelo de intermediação está na ampliação do acesso aos livros e o aumento do volume de títulos disponíveis, visto que um número maior de autores tem a possibilidade de viabilizar as suas obras, criando um ambiente mais democrático em termos de disseminação do conhecimento e do lazer (CORDÓN GARCÍA; JARVIO FERNÁNDEZ, 2015).

Outro efeito está na configuração do mercado editorial, onde a concentração de poder se desloca das editoras para as grandes empresas de tecnologia, atualmente Amazon, Google e Apple. O mesmo acontece com o ecossistema do livro, onde as bibliotecas dão lugar aos mecanismos de busca (CORDÓN GARCÍA; JARVIO FERNÁNDEZ, 2015).

De modo geral esses modelos de intermediação têm efeito em todos os elementos que compõem o ecossistema do livro eletrônico, sejam as publicações no formato PDF, aquelas produzidas para dispositivos móveis, ou as desenvolvidas para os *e-readers*. Contudo, cada um desses produtos propõe um tipo diferente de aplicação das ferramentas de leitura social. E sendo o foco desta tese o leitor digital Kindle, a seguir serão descritas as ferramentas de leitura social específicas para este dispositivo.

#### 2.4.2 Ferramentas de leitura social presentes no Kindle

A leitura social sempre existiu, embora agora se fale mais sobre o assunto devido à sua relação com o livro eletrônico, pois as possibilidades tecnológicas têm a capacidade de maximizá-la através das novas formas de interação que nos oferecem para nos relacionar e comunicar. Dessa forma, os livros tornam-se mais do que nunca uma experiência compartilhada, em um só lugar na rede. A leitura torna-se eminentemente social, numa geração 2.0 marcada pelas potencialidades das redes sociais e capaz de conhecer mais ligações com todos (ALONSO ARÉVALO; CORDÓN GARCÍA, 2014).

Portanto, pode-se dizer que, embora a intervenção do leitor não modifique o conteúdo do documento, ela o insere em um novo espaço, uma comunidade da cultura do blog e das redes sociais, promovendo passeios inéditos no contexto analógico. No caso dos livros, social significa conversar com alguém que você encontra na margem do livro. Embora a vertente social do livro comece na sua gênese (escrita social), promoção e descoberta.

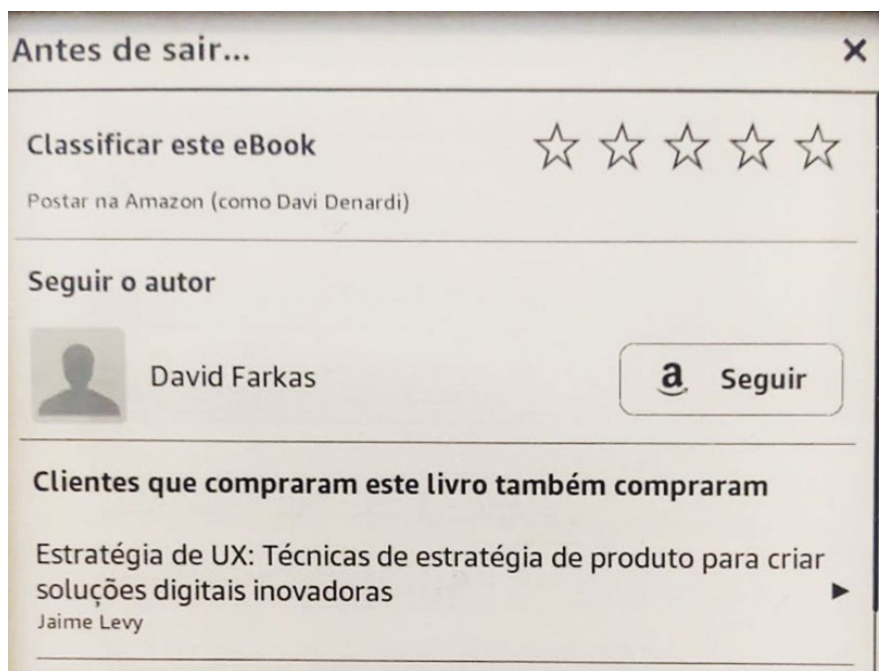
Os metadados nos domínios editoriais conferem um carácter comunitário e dinâmico, desempenham um papel essencial no controle das ferramentas de promoção das obras, conferindo-lhes maior visibilidade e, conseqüentemente, maior capacidade de projeção. A sua existência garante a recuperação de uma obra por um leitor, uma rede social, um motor de busca, etc.

Portanto, a visibilidade de um autor, título ou editor dependerá da qualidade dos metadados que integram a obra, sendo este um aspecto que os profissionais da edição devem ter um cuidado especial. Com os metadados, o texto é semantizado e os termos adquirem um valor adicional que transcende seu próprio significado interno (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

A coleta e uso de metadados podem se dar em diversos sistemas, entre eles os websites especializados no compartilhamento de avaliações e comentários dos leitores. Eles podem servir de guia tanto para leitores que estejam interessados em conhecer a percepção de outros leitores a respeito das obras quanto para autores e editores no sentido de conhecer a percepção dos leitores e do mercado de uma forma geral (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Apesar desse tipo de plataforma existir tanto para os livros tradicionais como para os livros eletrônicos, neste último existe uma potencialização do seu uso, visto que os seus próprios sistemas de produção podem incentivar a avaliação do leitor, como é o caso do *e-reader* Kindle, que apresenta uma tela sugerindo a avaliação do livro quando a leitura do livro é finalizada (Figura 11).

Figura 11 - Tela de avaliação apresentada ao fim do livro no *e-reader* Kindle



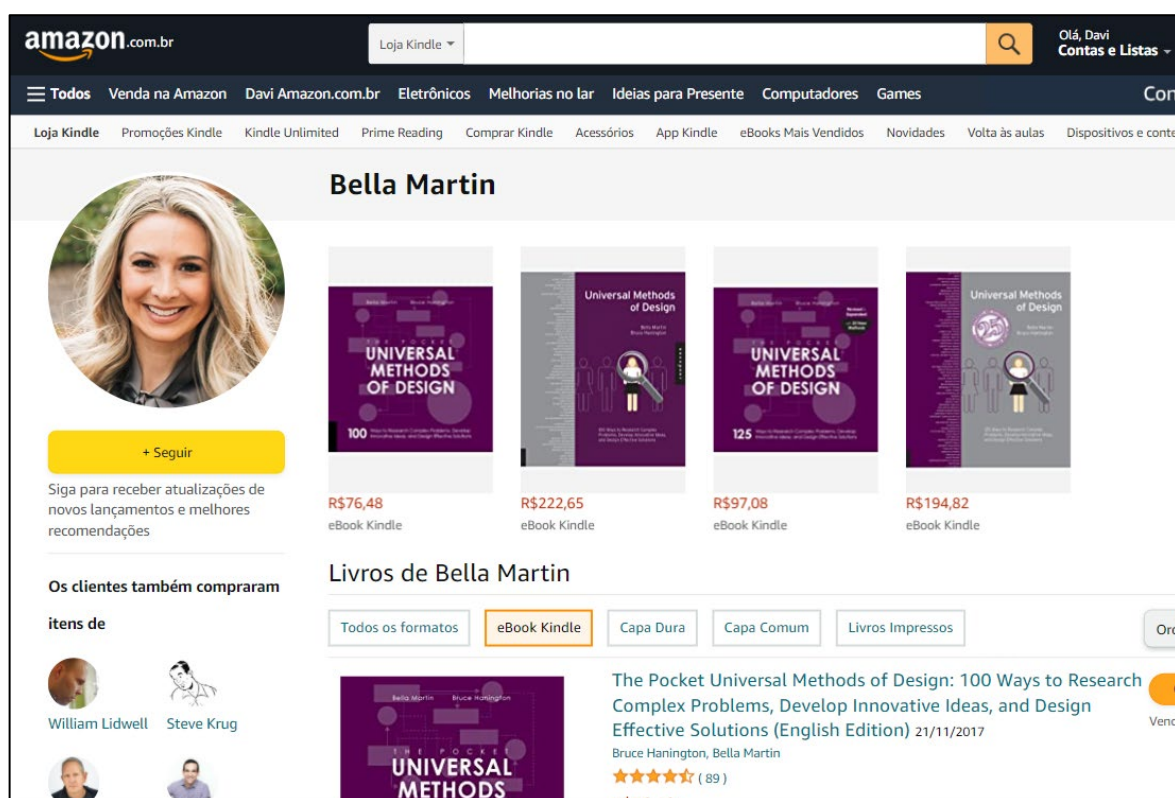
Fonte: do autor.

Esse tipo de sistema de avaliação contribui na coleta de dados das plataformas de informação, que por sua vez coloca em destaque os títulos mais bem avaliados e relega a posições inferiores os menos avaliados, criando um certo consenso na comunidade de leitores que usam das plataformas (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015). Mas se de um lado esse tipo de sistema ajuda a filtrar livros a partir do ponto de vista dos leitores, por outro restringe as possibilidades de descoberta, e ainda cria uma outra economia baseada na busca por boas avaliações e não necessariamente em experiências de leitura diferenciadas.

Além disso, os sistemas de avaliação estão sob a tutela das grandes plataformas, sendo elas que decidem, por meio dos seus algoritmos, a forma como os livros vão circular, sem qualquer a necessidade de qualquer tipo de transparência (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Além das avaliações dos livros, nesse sistema social do livro eletrônico os autores passam a ter outras responsabilidades, visto que o leitor tem a possibilidade de acessar perfis dos autores nas plataformas (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015). No exemplo do Kindle (Figura 12) é exibida uma foto do autor e outros livros que ele tenha publicado dentro da plataforma, e os leitores também podem “seguir” o autor e serem notificados a respeito de novos livros publicados por ele.

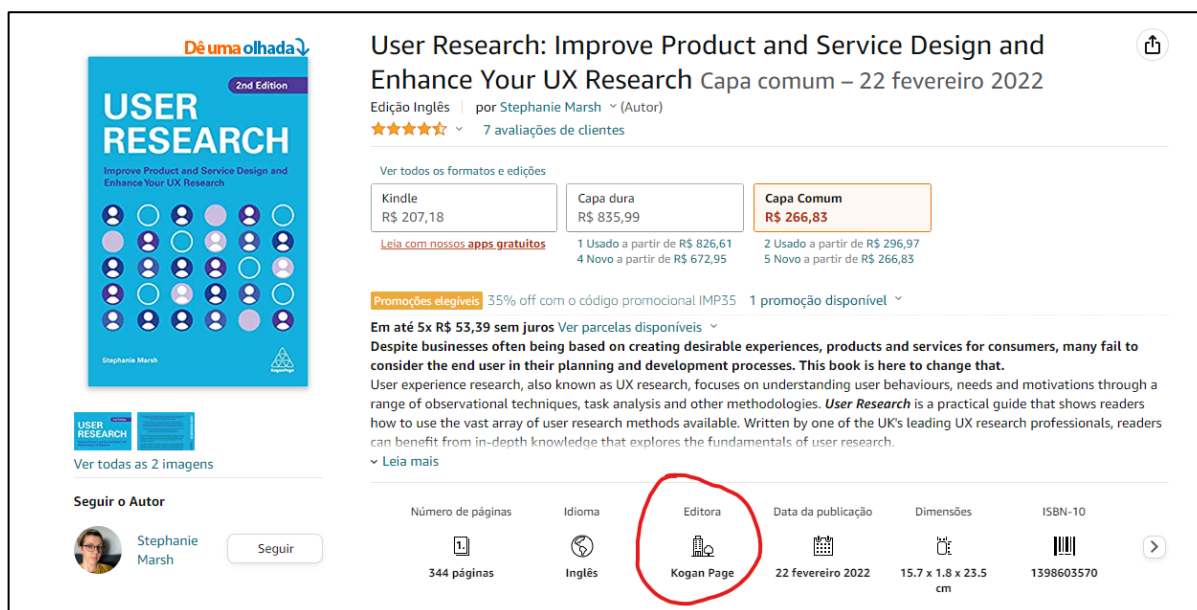
Figura 12 - Interface da página de autor no website da Amazon



Fonte: do autor.

Essa “página do autor” reforça a tendência da autopublicação, sugerindo que existe um investimento das plataformas em dar visibilidade para os autores. O mesmo não acontece com as editoras, que apenas são citadas textualmente nas páginas dos livros, perdendo de certa forma a sua relevância original, ao menos dentro do ecossistema do Kindle (Figura 13). Isso pode ser considerado uma prova do atual predomínio das empresas de tecnologia em relação aos atores tradicionais do mercado livreiro, mais especificamente as editoras e livrarias conforme sugerem Alonso Arévalo *et al* (2015).

Figura 13 - Parte da página do livro "UX Research" na plataforma do Kindle

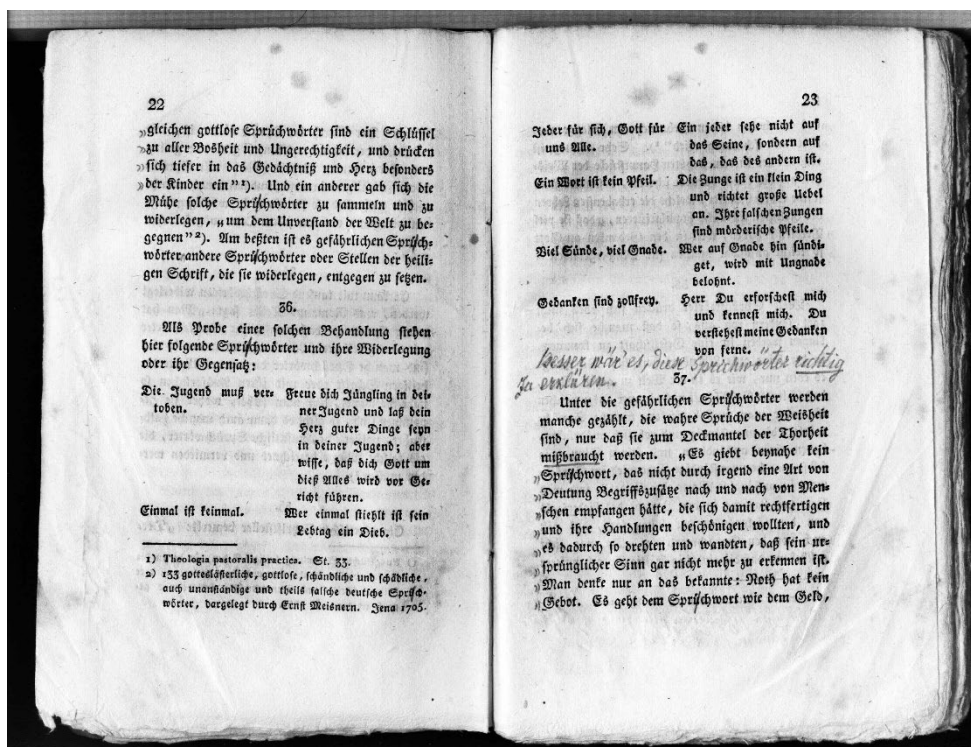


Fonte: do autor.

Outra forma de compartilhar percepções entre leitores está nas notas marginais, ou marginálias, anotações ou comentários manuais introduzidos por leitores às margens dos textos, documentando as suas percepções. Elas podem servir como indicadores de propriedade, inscrições, notas de estudo, resumos ou podem facilitar o que foi descrito como leitura social, em que dois ou mais leitores discutem o conteúdo do livro em uma conversa baseada nas margens.

O termo marginália foi cunhado por Samuel Taylor Coleridge, mas a prática é muito mais antiga e pode ser encontrada até mesmo nos pergaminhos copiados pelos monges medievais (RAMDARSHAN BOLD; WAGSTAFF, 2017). Um exemplo de marginália pode ser observado na Figura 14, que apresenta notas a caneta feitas por Josef Eiselein em uma das cópias da obra *Wahrheit und Dichtung* de Melchior Kirckhofer.

Figura 14 - Peça da obra Wahrheit und Dichtung de Melchior Kirchhofer, com notas a caneta feitas por Josef Eiselein



Fonte: Wikipedia<sup>17</sup>.

Sendo signos da presença de um leitor, as marginálias trazem uma certa proximidade entre diferentes leitores. Segundo um dos entrevistados por Thumala Olave (2020):

“Eu gosto bastante de livros baratos, especialmente se eles parecem ter sido bem lidos, só porque eu acho que é um pouco como por que eu gosto de livros em si, porque é uma pequena conexão com outra pessoa, tipo de coisa, tipo 'oh eles leram isso' e provavelmente pensaram muito sobre isso e estavam fazendo coisas enquanto faziam e os próprios livros têm todas essas informações, manchas ou marcações e [os livros parecem dizer] 'abra-me, leia-me'. Então a pessoa que escreveu, o que eles estavam pensando? O que eles estavam fazendo quando estavam escrevendo?” (THUMALA OLAVE, 2020, p. 6)

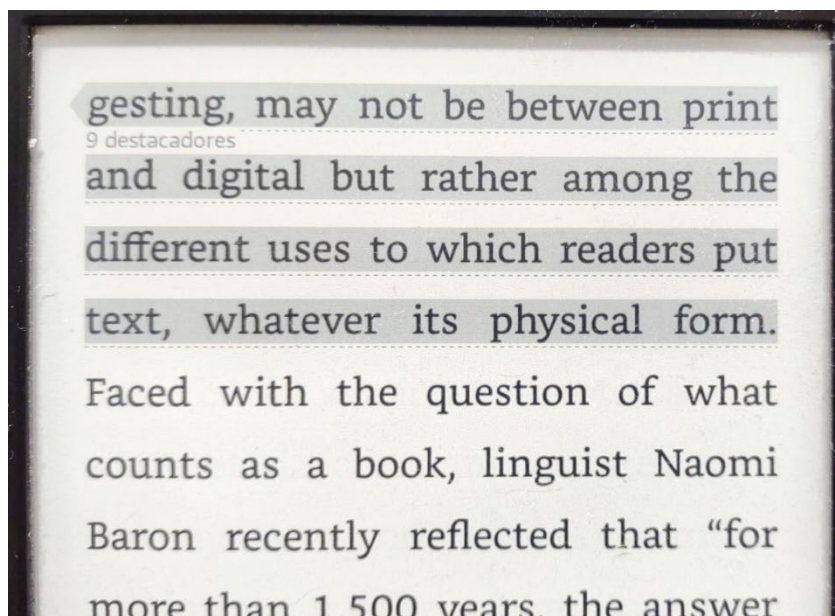
Assim, cada pequena marca em um livro pode ser vista como um ponto de contato entre leitores, potencializando o caráter social da leitura. Nos e-readers e livros eletrônicos também é possível a criação de marcas e comentários em suas

<sup>17</sup> Marginália. Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marginália>>. Acessado em: 02 mar 2022.



páginas, sendo estes potencializados pelo hipertexto e permitindo o compartilhamento das marcas e comentários com muitos usuários, no exemplo do Kindle (Figura 15).

Figura 15 - Exemplo de marcação compartilhada no leitor digital Kindle



Fonte: do autor.

Essa marcação compartilhada pode criar uma sensação de proximidade entre leitores na medida em que sugere um certo consenso em relação ao trecho compartilhado e pode assim ser considerada uma ferramenta tecnológica destinada a potencializar a leitura social. Além da possibilidade de compartilhamento da leitura dada pela marcação compartilhada, também é possível compartilhar trechos do livro diretamente nas mídias sociais.

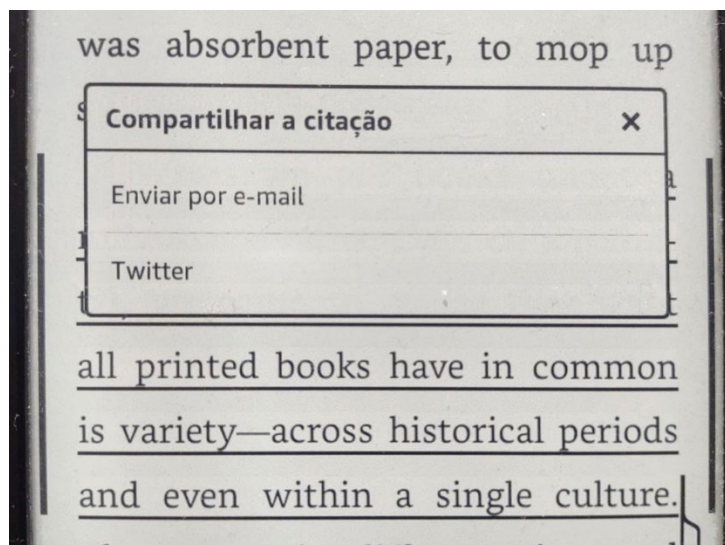
#### 2.4.3 A leitura social e as mídias sociais

As mídias sociais são um dos vértices mais visíveis da leitura social, visto que elas permitem uma variedade de ações relacionadas à socialização da leitura, como o compartilhamento de trechos, a discussão de livros por meio de postagens e comentários e a criação de grupos de discussão online (CORDÓN GARCÍA; JARVIO FERNÁNDEZ, 2015). Com efeito, em todos os aspectos da sociedade atualmente o uso de mídias sociais para socializar a leitura pode ser considerado fundamental na leitura social. Essa socialização da leitura acontece com todos os tipos de livros, mas nos *e-readers* e livros eletrônicos ela é potencializada por ferramentas

específicas de compartilhamento de trechos (CORDÓN GARCÍA; JARVIO FERNÁNDEZ, 2015).

No leitor digital Kindle essa possibilidade se dá quando um trecho qualquer é destacado e é apresentada uma tela que permite que o leitor compartilhe o texto por e-mail ou pela rede social Twitter (Figura 16).

Figura 16 - Exemplo de compartilhamento de trechos no Kindle



Fonte: do autor.

Essa possibilidade de compartilhamento de trechos é vista como positiva por cerca de 20% dos usuários de *e-readers* na pesquisa de Moschin (2019), sugerindo que ela é um importante elemento na experiência de leitura nesse tipo de dispositivo. Na leitura social presente nas mídias sociais a relação autor-leitor se modifica e se potencializa, visto que os autores podem ampliar as discussões presentes nos livros e incorporar novas informações. De outro lado os leitores podem fazer críticas e contribuições às obras, seja por comentários em postagens relacionadas aos livros ou mesmo em suas próprias mídias (ALONSO ARÉVALO; CORDÓN GARCÍA, 2014).

De certa forma a leitura social possibilita a criação de relacionamentos parassociais, sendo estes aqueles relacionamentos mediados por sistemas de comunicação. Geralmente os relacionamentos parassociais acontecem com grandes personagens da mídia, como jogadores famosos ou atores e ocorrem quando há uma mobilização emocional entre eles, como um fã e um ídolo, que se relacionam

por mídias sociais, por exemplo. Na maior parte dos relacionamentos parassociais essa mobilização emocional é mais forte em um dos extremos, geralmente o extremo do fã. No caso dos livros existe o relacionamento entre os leitores e os autores, e também é possível um relacionamento entre os leitores e os personagens (LIEBERS; SCHRAMM, 2017).

O relacionamento entre leitores e autores pode se dar quando o leitor se apaixona pelo autor com base nos seus livros e compartilham dos mesmos pensamentos e ideais. Esse tipo de relacionamento foi identificado na pesquisa de Thumala Olave (2020), onde os participantes afirmaram que era um dos prazeres de leitura ter esse tipo de compartilhamento, como descreve um dos participantes da pesquisa: “Você realmente se sente como se fosse o autor e eles realmente fazem parte da sua vida. Eles são quase como pessoas reais. Você vê seus nomes nas prateleiras e pensa que, de certa forma, eles são meus amigos espirituais, sentados ali”. Thumala Olave (2020, p. 9).

Um relacionamento parassocial pode acontecer também entre um leitor e um personagem fictício, sendo esse relacionamento mediado por vários fatores, como acesso cognitivo facilitado, quando o texto é fácil de ser lido e usa a mesma linguagem do leitor; quando a leitura é agradável de uma forma geral e quando existe dentro da narrativa uma forte experiência de presença, ou seja, a descrição dos personagens e dos seus atos tem verossimilhança (LIEBERS; SCHRAMM, 2017).

Em suma, além das modificações dadas pela digitalização no ecossistema do livro, como os sistemas de avaliação, as mídias sociais propuseram outros tipos de relações entre os atores do setor livreiro, como autores, editores, livrarias e bibliotecas, sendo que a relação entre autores e leitores torna-se cada vez menos mediadas e conseqüentemente mais diretas.

As mídias sociais são ferramentas que foram incorporadas ao ecossistema do livro ao longo do tempo, porém existem ferramentas e possibilidades intrínsecas a cada mídia e cada dispositivo de leitura. Assim, a seguir serão apresentadas as principais ferramentas de leitura social presentes no Kindle, artefato de estudo desta tese.

#### 2.4.4 Elementos da leitura social no Kindle

A identificação dos elementos de leitura social no Kindle foi realizada por meio da leitura do manual de instruções do dispositivo<sup>18</sup> e foi selecionada a última versão do manual e do dispositivo a fim de identificar novas funcionalidades caso estas existissem. Foram anotadas todas as ferramentas que de alguma maneira pudessem servir para socializar a leitura. Nesse sentido, é possível afirmar que a leitura social possui os seguintes elementos neste dispositivo:

- a) **Avaliação e comentários sobre o livro:** possibilidade de dar uma nota aos livros, comentar a percepção sobre eles e visualizar as notas e comentários de outros leitores;
- b) **Página do autor:** possibilidade de acessar e seguir autores;
- c) **Destaques:** destacar trechos e visualizar trechos mais destacados por outros leitores;
- d) **Compartilhamento:** compartilhar trechos de livros no Twitter e por E-mail.

Considerando a leitura social para além das possibilidades disponíveis pela plataforma, podemos também considerar que a leitura social no Kindle pode acontecer por meio de grupos de leitura, online e presencial, mídias sociais, publicações como jornais e revistas especializados e outros sistemas de avaliação e compartilhamento de comentários sobre os livros. Esses elementos podem se configurar como um modelo conceitual (GERLEE; LUNDH, 2018) da leitura social no Kindle (Figura 17).

No modelo proposto (Figura 17) os sistemas de leitura social são divididos em duas dimensões: a dimensão interna ao Kindle; e a dimensão externa a ele. A dimensão interna agrupa as possibilidades de socialização da leitura disponíveis no próprio dispositivo, identificados com fundo de cor laranja e indicada a relação com o Kindle com uma linha.

Já a dimensão externa apresenta as possibilidades de socialização da leitura disponíveis fora da plataforma Kindle, foram representados no modelo inicial por meio de uma borda laranja e sem setas, sugerindo uma relação indireta.

---

<sup>18</sup> Guia do usuário Kindle - HTML. Amazon. Disponível em: < [https://customerdocumentation.s3.us-west-2.amazonaws.com/kug/kindle\\_paperwhite\\_11th/v1/pt/html/kug.html](https://customerdocumentation.s3.us-west-2.amazonaws.com/kug/kindle_paperwhite_11th/v1/pt/html/kug.html)>. Acesso em: 30 set. 2021.

Figura 17 - Elementos da leitura social no Kindle



Fonte: do autor

As possibilidades presentes na dimensão interna são disponibilizados pela própria plataforma do Kindle e demonstram de certa forma a ocupação dos espaços de produção e distribuição dos livros, conforme sugerem García e Jarvio Fernández (2015).

Dentre as possibilidades de socialização destacam-se o compartilhamento de trechos e a marcação de trechos, que se configuram como uma digitalização das marginálias e comentários. Essas ferramentas, já bastante usados nos livros em papel, podem ser potencializadas e reconfiguradas pelo uso de bancos de dados (como os trechos em destaque) e vínculos, criando um tipo de experiência compartilhada entre leitores diversa daquelas usadas tradicionalmente no livro em papel.

Os sistemas externos ao Kindle podem se apresentar de formas mais diversas uma vez que não estão circunscritas ao dispositivo em si. Dentre elas estão

as mídias sociais e as *hashtags*, que podem ser usadas, assim como as marcações e trechos compartilhados, para criar sistemas orgânicos e imprevisíveis de socialização da leitura.

As publicações especializadas se configuram no modelo como uma atualização contemporânea da crítica literária, que se dá por meio de ensaios críticos em jornais e revistas. No caso dos sistemas digitais essa possibilidade também pode contemplar blogs, canais de vídeos (como no Youtube) e podcasts, incluindo-se como formas de socialização os sistemas de comentários presentes nessas mídias.

Os grupos de leitura online também ganham espaço no ecossistema do livro já que podem acontecer em espaços digitais, como grupos em mídias sociais tradicionais (como no Facebook) ou mesmo por comunicadores instantâneos, como o Whatsapp e Telegram, conforme sugerem Duarte, Vieira e Neves (2021).

Os sistemas de avaliação existem tanto dentro como fora do ecossistema do Kindle. O uso deles é geralmente similar, com o uso de sistemas de avaliação por estrelas e possibilidades de comentários sobre os livros. A principal diferença no caso do Kindle é que esse sistema é sempre apresentado aos leitores ao fim da leitura do livro o que pode potencializar o seu uso.

Contudo, esse modelo pode ser considerado incompleto, pois não demonstra as relações entre os diferentes elementos e nem explica o peso de cada um deles para a experiência de leitura, ou seja, trata-se de um modelo teórico. Contudo, esta tese versa sobre a experiência de leitura sob o ponto de vista dos usuários do dispositivo e por isso faz-se necessário aprofundar essas relações tendo como base a percepção dos usuários a respeito de cada um dos elementos apresentados.

Assim, a seguir serão descritos os procedimentos metodológicos destinados a mensurar os relacionamentos entre esses elementos e a experiência de leitura social no Kindle, caracterizando um modelo conceitual.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo pode ser categorizado do ponto de vista de sua natureza como uma pesquisa aplicada, visto que se destina mais fortemente à compreensão do fenômeno da leitura social para as partes interessadas no tema, tais como autores, editores, designers e profissionais de marketing e comunicação ligados ao setor livreiro.

Sob o ponto de vista de seus objetivos pode ser considerada uma pesquisa descritiva, visto que pretende descrever as características da experiência de leitura e o relacionamento entre elas (PROVDANOV; FREITAS, 2013). Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, esta pesquisa fez uso de três recursos de investigação: revisão bibliográfica, entrevistas e análise de questionários.

Em um primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica que teve como objetivo identificar o estado da arte do estudo das características dos *e-readers*, resultando na seção 2.1 deste trabalho, e da experiência de leitura, resultando na sua seção 2.2. A pesquisa bibliográfica é aquela em que são consultados materiais já publicados a fim de colocar o pesquisador em contato direto com investigações já levadas a efeito em áreas semelhantes ou correlatas (PROVDANOV; FREITAS, 2013).

O segundo procedimento técnico foi a realização de um levantamento, ou seja, a interrogação direta dos usuários a respeito da experiência de leitura buscando identificar o relacionamento entre as variáveis que compõem o objeto de estudo (PROVDANOV; FREITAS, 2013), nesse caso a leitura social. A pesquisa foi realizada por meio de questionários com 55 usuários de *e-readers* a fim de conhecer as principais características da sua experiência de leitura social com esse leitor eletrônico. Essa etapa é considerada *Ex-Post-Facto* porque a experiência levantada será de momentos posteriores à leitura e não uma pesquisa experimental levada a efeito durante a leitura.

Ela também pode ser considerada uma abordagem fenomenográfica, uma abordagem de pesquisa que procura descrever as diferentes formas com que os seres humanos conceitualizam o mundo ao redor deles. Ela é, de certa forma, um desdobramento da pesquisa fenomenológica, com a diferença que na

fenomenologia o ponto de vista é de um único indivíduo e na fenomenografia são coletados diferentes pontos de vista (ROVAI; BAKER; PONTON, 2013).

Quanto à abordagem, o presente estudo se classifica como uma pesquisa de desenho explicativo (sequencial), onde primeiro são coletados dados quantitativos, posteriormente coletando dados qualitativos na tentativa de explicar, esclarecer, expandir ou elaborar os achados quantitativos (ROVAI; BAKER; PONTON, 2013).

Neste estudo este desenho explicativo foi composto por três fases, em um primeiro momento foi realizada uma fase quantitativa caracterizada pela coleta de dados por meio um questionário online e posterior análise estatística desses dados. Posteriormente foi realizada a representação gráfica do modelo por meio da atribuição de formas gráficas aos dados analisados na fase quantitativa.

Finalmente foi realizada a validação do modelo proposto por meio de entrevistas qualitativas com autores de livros para o *e-reader* Kindle. Esse desenho da pesquisa pode ser observado na Figura 18.

Figura 18 - Diagrama da metodologia de pesquisa utilizada



Fonte: do autor



A pesquisa quantitativa é um tipo de pesquisa em que o pesquisador usa a investigação científica para examinar descrições de populações ou fenômenos, diferenças entre grupos, mudanças ao longo do tempo e relações entre variáveis, podendo incluir elementos preditivos (ROVAL; BAKER; PONTON, 2013). No caso do presente estudo foram descritas as relações entre as variáveis que compõem a leitura social por meio de cálculos estatísticos de médias, desvios padrão e correlações entre as variáveis.

A sequência qualitativa foi realizada por meio de entrevistas com autores de livros para o Kindle, tendo em vista serem potencialmente eles os principais interessados nos resultados do estudo. A abordagem qualitativa se fez necessária para compreender melhor os resultados da etapa quantitativa, bem como avaliar a configuração final do modelo proposto, considerando-se que a pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender a essência dos fenômenos de forma indutiva e direta (PROVDANOV; FREITAS, 2013).

Uma vez que os elementos da experiência de leitura podem ser vistos como sistemas, e tendo em vista que a abordagem sistêmica trata os fenômenos como conjuntos de elementos interdependentes, é importante no seu estudo caracterizar padrões e identificar os relacionamentos entre os diferentes elementos que compõem essa experiência. É nesse ponto que uma pesquisa quantitativa pode ser útil, em primeiro lugar na descrição dos diferentes elementos da experiência de leitura, permitindo organizá-los em grupos, e posteriormente traçando a relação entre esses elementos, permitindo visualizar possíveis padrões de relacionamento entre eles.

A seguir serão descritos os procedimentos operacionais e a metodologia de análise.

### 3.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os elementos da leitura social identificados na seção 2.3 serviram de base para uma pesquisa quantitativa, sendo a quantificação uma possibilidade útil e cada vez mais comum nas pesquisas sociais (ROVAL; BAKER; PONTON, 2013) e úteis na análise de sistemas (SKYTTNER, 2001).

Cada elemento da leitura social discutido na seção 2.4.4 fez parte de um questionário online na forma de uma escala Likert de sete pontos. A escala Likert é um instrumento de psicometria que tem como objetivo mensurar atributos etéreos, como comportamento e performance. Como a maioria dos instrumentos psicométricos, ela é construída em duas etapas, a formulação dos construtos teóricos e a mensuração desses construtos (JOSHI *et al.*, 2015).

Antes da apresentação do formulário propriamente dito foram apresentados aos participantes o Termo de Consentimento Livre e esclarecido, e as questões propriamente ditas somente foram acessadas caso o participante concordasse na participação. A primeira página após a anuência da participação continha questões relacionadas ao perfil do usuário, a saber:

- a) **Idade:** a fim de criar grupos etários de análise;
- b) **Sexo:** a fim de conhecer e analisar a participação de homens e mulheres;
- c) **Há quanto tempo possui um Kindle e frequência de uso:** a fim de identificar perfis de uso como usuário experientes e usuários frequentes;
- d) **Versão do Kindle:** a fim de conhecer quais versões o usuário possui e assim analisar se há diferenças entre as diferentes versões.

Após responder às questões de identificação de perfil os participantes foram direcionados às questões principais. Logo no início das questões principais os participantes foram apresentados a uma explicação resumida do conceito de experiência de leitura, a fim de dirimir dúvidas quanto ao termo. O texto apresentado é o seguinte:

Utilizaremos nesta pesquisa o termo "Experiência de Leitura", ele inclui todas as emoções, crenças, preferências, percepções, respostas físicas e psicológicas, comportamentos e realizações do usuário que ocorrem antes, durante e depois do uso. Em outras palavras a "Experiência de Leitura" inclui todas as suas percepções antes, durante e depois do uso, e não apenas durante a leitura do livro. Nosso objetivo é descrever a experiência de leitura como um fator social, então este será o foco das perguntas a seguir.

As questões foram divididas em três páginas diferentes, a fim de facilitar a navegação dos usuários. A primeira página tratava das ferramentas internas ao Kindle, a segunda das ferramentas externas ao dispositivo e a terceira era uma

questão opcional relacionada à participação em grupos de leitura online, visto que nem todos os participantes poderiam fazer parte desse tipo de grupo.

A escala apresenta a forma mais tradicional de uso da escala Likert, onde os participantes selecionam uma opção conforme a sua concordância ou discordância com a declaração “O [elemento da leitura social] tem reflexo na minha experiência de leitura”. As questões relacionadas às possibilidades de leitura social da dimensão interna ao Kindle foram acompanhadas também por imagens para facilitar o reconhecimento dos participantes, conforme pode ser observado na Figura 19.

Figura 19 - Exemplo de pergunta apresentada no questionário

Os comentários de outros leitores dentro da plataforma do Kindle na internet tem reflexo na minha experiência de leitura \*

 artlaw

★★★★★ **Sopro mental**

Avaliado no Reino Unido em 6 de janeiro de 2019

Compra verificada

Este livro foi recomendado para mim inúmeras vezes por alguns anos, e agora eu finalmente li... Eu entendo o porquê. Não só fui engolido pelo enredo Orwells e bela exibição de descrição, mas também, esta mente mans!... Sua esquerda questionando verdade e realidade como se fosse um novo conceito. Além disso, ele basicamente criou uma nova linguagem que, quando você a quebra, poderia funcionar. Não é de admirar que tantos artistas e pesquisadores referenciem seu trabalho... Estou me perguntando, esta é uma previsão terrivelmente precisa do futuro (mal cronometrado) ou um aviso metafórico de um homem no saber?... De qualquer forma, muito é evidente no mundo de hoje, então vamos tomá-lo como um aviso!

16 pessoas acharam isso útil

Exemplo de comentário dentro da plataforma do Kindle

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente        Concordo plenamente

Fonte: do autor.

A escala utilizada possui sete itens, uma vez que esse tipo de escala proporciona maior granularidade na resposta, visto que o participante fica com menos dúvidas em relação à posição da sua resposta comparando-se com uma escala de cinco itens. Além disso a escala de sete pontos permite a seleção de um ponto central por parte do participante em caso de indecisão na sua opinião (JOSHI *et al.*, 2015). O questionário completo pode ser observado no Apêndice 2.

Finalmente, a escala Likert utilizada nesta tese pode ser classificada como uma escala ordinária, onde os valores de cada posição são equidistantes e colocados em ordem crescente, podendo ser usados como uma espécie de régua ou valor numérico referencial das respostas (JOSHI *et al.*, 2015).

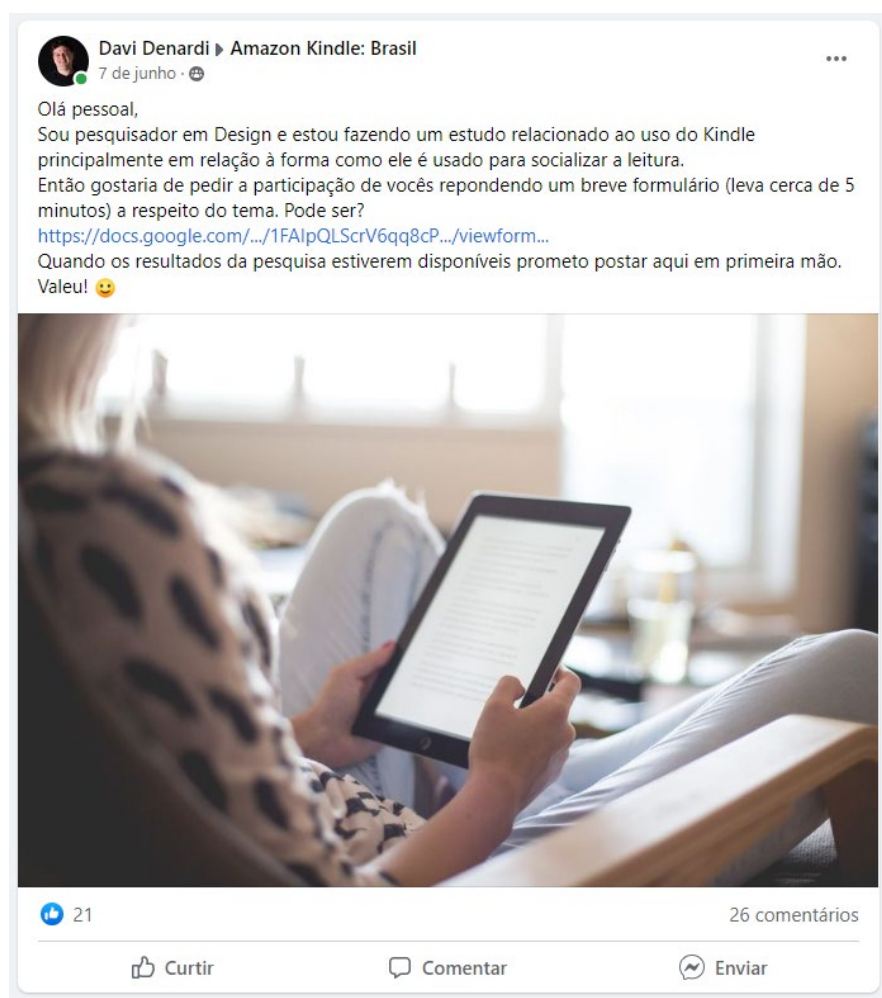
Ao final do questionário foram propostos dois espaços abertos a fim de identificar elementos que não foram tratados dentro das questões que compõem o questionário principal. São elas: “Use esse espaço para compartilhar outros aspectos que afetam a sua experiência de leitura além dos descritos neste formulário”, para atender a assuntos alheios à construção das questões, e “Use esse espaço para fazer outros comentários que você considera importantes a respeito da pesquisa”, a fim de identificar quaisquer outros elementos não atendidos dentro do questionário.

O questionário foi apresentado para cinco usuários do Kindle escolhidos por conveniência a fim de fazer uma avaliação preliminar da construção das questões e avaliar o tempo médio de resposta a ser apresentado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

No teste não foram acusadas dúvidas de interpretação das questões e apenas um dos usuários sugeriu ampliar o número de respostas possíveis para a questão da frequência de uso do dispositivo, sugestão que não foi aceita, pois ampliaria muito a granularidade das respostas. O tempo médio de resposta ao questionário foi de cinco minutos.

A pesquisa foi veiculada no grupo “Amazon Kindle: Brasil” entre os dias 7 de junho de 2022 e 26 de junho de 2022 por meio de uma postagem no referido grupo (Figura 20). A postagem convidava os participantes do grupo a responderem ao formulário da pesquisa por meio de um link para ela.

Figura 20 - Postagem no grupo Amazon Kindle: Brasil



Fonte: do autor

### 3.1.1 População e amostragem

A população deste estudo é conhecida e se configura como os usuários do grupo Amazon Kindle: Brasil, tendo no período da coleta de dados 31 mil participantes ( $N=31$  mil). Tendo como base um nível de confiança de 95% e de erro amostral de 5%, ambos bastante comuns em pesquisas sociais (ROVAI; BAKER; PONTON, 2013) e utilizando o cálculo de Intervalo de Confiança de uma Proporção, onde se pretende determinar a proporção de uma população. Como as características da população não eram previstas de antemão foi presumida uma população altamente heterogênea (50% de variabilidade).

O cálculo amostral foi realizado por meio da fórmula  $n = N * X / (X + N - 1)$ , onde  $n$  é o valor da amostra,  $N$  é a população conhecida, nesse caso 31 mil e  $X$  (1.96) é o

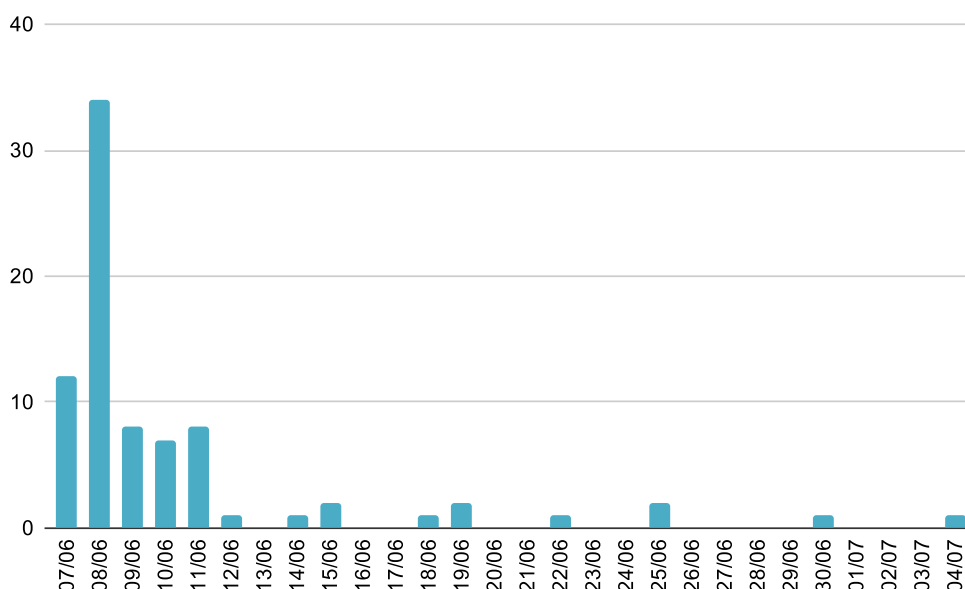
valor crítico considerando um nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%. Dessa forma, a amostra ideal para este estudo seria de 380 indivíduos.

Considerando o número de usuários presentes no grupo acreditou-se que esse número de participantes seria atingido facilmente, porém, ao longo desse período apenas 87 participantes responderam ao questionário. Dada a pequena adesão dos participantes a margem de erro foi recalculada ainda tendo como base um nível de confiança de 95%, resultando em uma margem de erro de 13,20%.

Dada a alta margem de erro, o presente estudo se configura como um estudo não probabilístico, ou seja, os resultados aqui apresentados apenas representam as percepções dos 55 participantes e assim não são suficientemente representativos da população de 31mil participantes do grupo Amazon Kindle: Brasil.

Acredita-se que o motivo da baixa adesão foi a própria dinâmica das redes sociais, onde as postagens são distribuídas a uma certa proporção dos usuários quase que imediatamente, mas após um certo tempo deixam de ser exibidas para que outras postagens possam aparecer para os usuários.

Gráfico 1 - Distribuição de frequências das respostas ao formulário



Fonte: do autor

Tendo em vista que os conteúdos postados em redes sociais não são distribuídos a todos de forma uniforme, mas a partir de algoritmos específicos, a

coleta de dados deste estudo obteve respostas expressivas nos cinco primeiros dias de coleta - com um pico no segundo dia - recebendo no restante do período apenas dados residuais, como pode ser visto no Gráfico 1.

E mesmo solicitando aos respondentes que fizessem comentários nas postagens a fim de melhorar o engajamento e o alcance, a tendência não se alterou muito ao longo do período. Os dois primeiros dias foram os que tiveram um maior volume de respostas, os três dias seguintes tiveram resultados intermediários (7 e 8 respostas por dia), dado provavelmente em função dos comentários dos participantes. E quando o engajamento arrefeceu também caiu drasticamente o volume de respostas.

Outra dificuldade encontrada foi no recrutamento dos autores de livros. Dos 38 autores contatados, apenas seis se dispuseram a participar da pesquisa, mesmo sendo esta aparentemente do seu interesse. Isso provavelmente se deu pelo receio deste primeiro contato ser um golpe, o que é bastante comum na internet, ou também pelo cansaço dos participantes em relação a pesquisas online, como é o caso da resposta a um dos convites feitos no Grupo Amazon Kindle: Brasil no Facebook (Figura 21).

Figura 21 - Resposta a um dos convites feitos no grupo



Fonte: do autor.

Como pode-se observar, é provável que exista um certo cansaço dos participantes em relação às pesquisas online, que ganharam muita força nos últimos anos, dada, entre outros, a necessidade de isolamento imposta pela pandemia da COVID-19.

### 3.1.2 Critérios de inclusão e exclusão

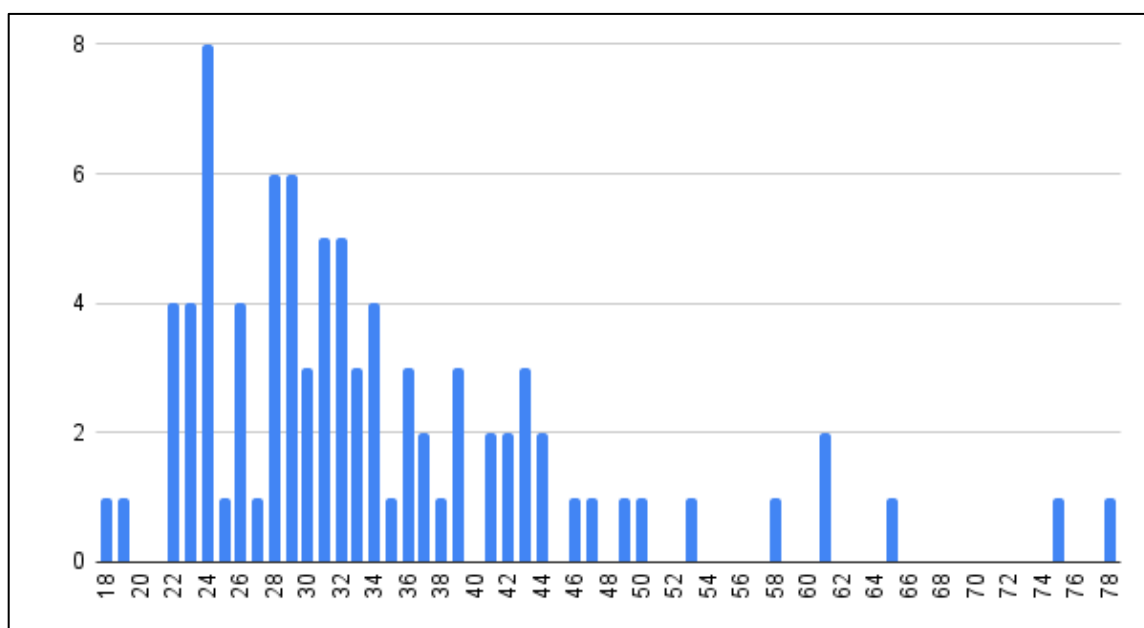
Foram incluídos na amostra pessoas maiores de 18 anos, visto que os procedimentos de coleta de dados para menores de 18 anos são mais rigorosos que aqueles destinados a adultos, sobretudo em relação a aspectos éticos.

Também foram incluídas pessoas consideradas usuários experientes do dispositivo, configurados neste estudo como aqueles que afirmaram possuí-lo por mais de seis meses e utilizá-lo pelo menos uma vez por semana.

### 3.1.3 Amostra final

Dentro da amostra final, os participantes tinham idades entre 18 e 79 anos, sendo as idades distribuídas conforme o Gráfico 2.

Gráfico 2 – Histograma das idades dos respondentes



Fonte: organizado pelo autor.

Tendo em vista as grandes diferenças de idade dos participantes, estes foram agrupados em oito categorias com intervalos de cinco anos ( $N \pm 2$ ) de idade cada, conforme a Tabela 1. Os grupos de idade com menos de 10 participantes foram excluídos da amostra, tendo em vista que não apresentavam consistência estatística suficiente para executar testes de comparação entre grupos. Sendo assim, fazem parte da amostra deste estudo os grupos “Idade-2”, “Idade-3” e “Idade-4”, representando indivíduos entre 21 e 35 anos. A amostra final do estudo foi composta então por 55 participantes.



Tabela 1 - Agrupamento dos participantes por idade

<b>IDADE INICIAL</b>	<b>IDADE FINAL</b>	<b>CATEGORIA</b>	<b>QUANTIDADE</b>
0	19	idade-1	2
21	25	idade-2	17
26	30	idade-3	20
31	35	idade-4	18
36	40	idade-5	9
41	45	idade-6	9
46	50	idade-7	4
51	55	idade-8	1
56	60	idade-9	1
61	65	idade-10	3
66	70	idade-11	0
71	75	idade-12	1
75	78	idade-13	2

Fonte: organizado pelo autor.

As respostas a cada uma das questões dos grupos “Idade-2”, “Idade-3” e “Idade-4” foram comparadas por meio do teste de Kruskal Wallis a fim de identificar se havia diferenças nas respostas dentro das categorias de análise “Ferramentas internas do Kindle” e “Ferramentas externas”. Para o teste foi adotada a significância de 5% ( $p \leq 0,05$ ), sendo este o sugerido para pesquisa sociais (ROVAL; BAKER; PONTON, 2013).

Não foram identificadas diferenças significativas nas respostas entre os três grupos, dessa forma os grupos de idade foram agrupados, e os detalhes podem ser vistos no Apêndice .

Com a amostra agrupada em relação às idades, foram comparadas as respostas entre homens e mulheres para identificar diferenças estatisticamente significativas. A amostra era composta por 37 mulheres e 18 homens e o nível de significância adotado foi de 5% ( $p \leq 0,05$ ). Não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, conforme pode ser observado no Apêndice .

Também foi realizado um teste de comparação entre os diferentes tipos de dispositivo. A distribuição de frequências pode ser observada na Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição de frequências em relação ao dispositivo

DISPOSITIVO	QUANTIDADE
AMAZON KINDLE	19
AMAZON KINDLE PAPERWHITE	29
AMAZON KINDLE OASIS	4
GERAÇÃO 10	2

Fonte: organizado pelo autor.

O nível de significância adotado foi de 5% ( $p \leq 0,05$ ) e não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas por tipo de dispositivo, conforme pode ser observado no Apêndice 7.

Tendo em vista que nos testes realizados não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas nas respostas, os grupos de idades foram agrupados definitivamente. Em relação ao perfil de uso todos os participantes que compõem essa amostra afirmaram usar o dispositivo mais de uma vez por semana e possuir o dispositivo há mais de seis meses, sendo assim considerados usuários frequentes do dispositivo. A seguir será discutida a metodologia de análise dos dados coletados.

## 3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram analisados de duas formas: por meio de estatísticas descritivas e por estatística inferencial. Todos os cálculos estatísticos foram realizados por meio do *software* IBM SPSS, sendo este um *software* específico para cálculos estatísticos, sobretudo para as Ciências Sociais.

### 3.2.1 Estatísticas descritivas

As estatísticas descritivas procuram resumir grandes conjuntos de dados e detectar padrões a fim de transmitir sua essência a outros e/ou permitir análises adicionais usando estatísticas inferenciais (ROVAI; BAKER; PONTON, 2013). Sendo um dos objetivos da teoria sistêmica a identificação de padrões (BERTALANFFY;

HOFKIRCHNER; ROUSSEAU, 2015; MEADOWS, 2008; SKYTTNER, 2001), as análises aqui descritas podem contribuir para este objetivo.

A primeira análise recomendada para dados não paramétricos (como é o caso da escala Likert) é uma análise de confiabilidade, onde são detectados casos extremos (*outliers*) e é avaliada a consistência das respostas dentro de grupos de análise (ROVAL; BAKER; PONTON, 2013). Nesta tese os dois principais grupos de análise são as ferramentas de interação social internas do dispositivo Kindle e as ferramentas externas a ele, conforme discutido na seção 2.4.4.

A análise de confiabilidade foi realizada por meio do Alpha de Cronbach, sendo que neste teste os valores de referência variam entre 0 e 1, sendo números próximos de 0 representativos de uma amostra excessivamente díspar, por isso mesmo não confiável, e muito próximos de 1 uma amostra excessivamente consensual, dessa forma também pouco confiável. A análise do Alpha de Cronbach é subjetiva e não existe um número específico que deve ser buscado na análise, contudo em geral valores próximos a 0,70 são considerados confiáveis (ROVAL; BAKER; PONTON, 2013).

Outra análise descritiva recomendada para escalas ordinárias como a escala Likert é o cálculo da média dos valores de cada questão (BOONE JR.; BOONE, 2012). A média é uma medida de dispersão e tem como objetivo indicar o ponto de equilíbrio das respostas, sendo geralmente comunicada em conjunto com o Desvio Padrão, medida que indica o grau de dispersão da média calculada (ROVAL; BAKER; PONTON, 2013).

Nesta tese o cálculo da Média e o Desvio Padrão foram utilizados em um primeiro momento para identificar o consenso entre os participantes a respeito de cada um dos itens que compõem os grandes “temas” da experiência de leitura. Juntamente com a média, o desvio padrão calculado será utilizado para identificar a força desse consenso de forma inversamente proporcional, ou seja, quanto maior o valor do desvio padrão menor será o consenso entre os participantes.

As médias e o desvio padrão também serão utilizados para identificar elementos críticos da experiência de leitura. Elementos que possuam um alto valor médio e um desvio padrão baixo serão considerados elementos críticos da

experiência, pois sugerem uma percepção positiva (valor da média) e um consenso (desvio padrão baixo) dos usuários.

### 3.2.2 Estatística inferencial

O objetivo da estatística inferencial é chegar a conclusões a respeito dos dados medidos (ROVAI; BAKER; PONTON, 2013). Nesta tese serão utilizados dois tipos de estatísticas inferenciais, testes de diferenças e um teste de correlação.

#### 3.2.2.1 Teste de diferença

Os testes de diferença são usados para determinar se dois ou mais grupos diferem entre si em uma ou mais variáveis ou se há diferenças em um ou mais grupos medidos repetidamente (ROVAI; BAKER; PONTON, 2013). O teste de diferença recomendado para escalas Likert é o teste H de Kruskal-Wallis, um procedimento não paramétrico que compara as classificações totais entre vários grupos independentes em escalas ordinais ou de intervalo (ROVAI; BAKER; PONTON, 2013).

Caso exista pelo menos um caso cujas diferenças entre as médias sejam estatisticamente significativas, o valor de  $p$  será menor que 0,05. Sendo  $p$  uma nomenclatura usual para apresentação dos valores do teste de Kruskal-Wallis e o valor 0,05 um valor usual nas ciências sociais para determinar o nível de significância dos resultados (ROVAI; BAKER; PONTON, 2013).

Caso o valor de  $p$  seja maior que 0,05 então será possível afirmar que não existem diferenças significativas na relevância percebida pelos leitores em relação aos diferentes elementos da experiência de leitura pesquisados. Em outras palavras, caso o valor de  $p$  seja maior que 0,05 os elementos são avaliados de forma similar pelos usuários, podendo assim ser agrupados.

Por outro lado, se o valor de  $p$  for menor que 0,05 então será possível afirmar que alguns elementos propostos têm avaliações estatisticamente mais significativas que outros, podendo assim ser considerados grupos distintos ou elementos isoladamente significativos. Essa análise será acompanhada pela análise de correlação, descrita a seguir.

### 3.2.2.2 Testes de correlação

A correlação é uma técnica estatística que mede e descreve a relação entre as variáveis. Considera-se um relacionamento quando as mudanças em uma variável tendem a acompanhar mudanças consistentes e previsíveis em outra variável. Em outras palavras, se existe uma relação significativa, as duas variáveis variam juntas de forma não aleatória (ROVAI; BAKER; PONTON, 2013).

Existem três tipos de correlação: a bivariada, a correlação múltipla e a correlação canônica. A correlação bivariada se refere a uma relação um a um entre duas variáveis, a correlação múltipla se refere a uma correlação um a muitos e a correlação canônica se refere a uma correlação muitos a muitos (ROVAI; BAKER; PONTON, 2013).

No caso desta tese, dada a multiplicidade de elementos componentes da experiência de leitura e sua relação sistêmica, foi realizado um teste de correlação múltipla entre as variáveis, buscando identificar a força do relacionamento entre os elementos da experiência de leitura. Para tanto, foi realizado o teste de correlação de Spearman com cada um dos pares de elementos da experiência de leitura criando uma matriz de correlações como pode ser observado no Apêndice 9.

O teste de correlação de Spearman é um procedimento que determina a força e a direção da relação entre duas variáveis. A letra grega  $\rho$  (rho) ou  $r_s$  é usada como símbolo para este coeficiente de correlação. Ele tem um valor no intervalo  $-1 \leq r_s \leq 1$ . Se não houver valores de dados repetidos, uma correlação de Spearman perfeita de +1 ou -1 ocorre quando cada uma das variáveis é uma função perfeita da outra. O valor absoluto de  $r_s$  pode ser interpretado da seguinte forma:

- a) Pouco ou nenhum relacionamento  $<.30$
- b) Relacionamento baixo =  $.30$  a  $<.50$
- c) Relacionamento moderado =  $.50$  a  $<.70$
- d) Relacionamento alto =  $.70$  a  $<.90$
- e) Relação muito alta  $\geq 0,90$

(ROVAI; BAKER; PONTON, 2013).

Graficamente esses relacionamentos foram representados por linhas e as suas correlações foram representadas pela espessura das linhas.

### 3.2.3 Representação gráfica

A representação gráfica é um processo que faz parte das ferramentas utilizadas pela teoria sistêmica, conforme discutido na seção 2.2. Nesta tese a representação gráfica foi realizada utilizando o processo de Haber e McNabb (1990) por se tratar de um modelo bastante conhecido e flexível de visualização de dados. Ele é composto por três etapas: filtragem, onde a partir dos dados brutos são extraídos metadados; mapeamento, onde a partir dos metadados são criadas estruturas visuais iniciais, e rendering, onde é gerada uma imagem de fato (Figura 22).

Figura 22 - Processo de visualização de dados proposto por Haber e McNabb (1990)



Fonte: elaborado pelo autor com base em Haber e McNabb (1990).

Nesta tese os dados iniciais são os resultados da *survey* da primeira etapa da fase descritiva. O processo de filtragem foi realizado por meio das análises estatísticas que geraram os metadados necessários à visualização.

O mapeamento foi realizado por meio da proposição de elementos gráficos que representem os dados descritos na etapa de filtragem, tais como agrupamento das respostas nos grandes grupos “ferramentas internas ao Kindle” e “Ferramentas externas ao Kindle”, bem como a representação dos relacionamentos entre os diferentes elementos da leitura social por meio de linhas com cores e espessuras distintas. Finalmente, esses elementos foram organizados em uma imagem final que representa graficamente o modelo proposto.

Após a proposição da representação gráfica do modelo os resultados foram validados por meio de entrevistas semiestruturadas com autores de livros na plataforma Kindle, conforme será discutido a seguir.

### 3.3 VALIDAÇÃO DOS RESULTADOS

O conceito de validação envolve a ideia de que os procedimentos, o desenvolvimento e os resultados reflitam adequadamente a realidade, assim as abordagens mais comuns de validação estão na fase da formulação da pesquisa (validade prévia), desenvolvimento da pesquisa (validade interna) e a fase de resultados da pesquisa (validade externa) (OLLAIK; ZILLER, 2012).

Nesta tese a validade prévia da pesquisa é descrita na seção 1.5.1 Ineditismo e originalidade, tendo em vista a inexistência de estudos relacionados à proposição de um modelo de experiência de leitura em *e-readers* ou livros digitais. Já a validade interna se dá pela explicitação dos procedimentos e cálculos apresentados, bem como a apresentação do processo de desenvolvimento do modelo propriamente dito.

A validade externa (resultados) da pesquisa foi realizada por meio de uma “verificação por membros” do modelo final. A “verificação de membros”, também conhecida como *feedback* do informante, envolve a obtenção de *feedback* sobre dados, categorias analíticas, interpretações e conclusões do grupo em estudo, podendo ser formal ou informal (ONWUEGBUZIE; LEECH, 2007).

Assim, após a geração da representação gráfica do modelo de experiência de leitura, ele foi apresentado a seis autores de livros para a plataforma Kindle, a fim de coletar suas percepções sobre o resultado e corrigir possíveis problemas de interpretação. A escolha de autores de livros se dá por se considerar que eles são um grupo interessado no modelo proposto, visto que ele pode subsidiar estratégias de socialização dos seus livros.

As entrevistas foram realizadas por meio de uma videoconferência contando com os participantes, sendo que também foi dado um prazo de sete dias para que eles pudessem enviar por e-mail outras percepções sobre o modelo, permitindo a participação de pessoas tímidas que não se sintam à vontade para colocar as suas percepções durante a videoconferência.

A seleção dos participantes das entrevistas foi realizada em dois momentos. Primeiramente um convite a participar da pesquisa foi proposto dentro do mesmo

grupo de Facebook (Amazon Kindle: Brasil) escolhido para a primeira coleta de dados. Porém, a postagem não foi autorizada pelos administradores do grupo, dessa forma foi realizado um segundo esforço, entrando em contato diretamente com autores que postaram seus livros no grupo, tendo em vista que o grupo possui um tópico único relacionado à divulgação de livros.

O tópico em questão possuía 38 postagens no momento da coleta dos contatos, ocorrido no dia 2 de agosto de 2022. Nesse dia foi enviado o convite para participar da pesquisa por meio de mensagem direta aos autores (Apêndice 8). O convite foi feito por meio de uma postagem que direcionava os interessados para um formulário de triagem contendo as seguintes questões:

- a) **Meio de contato:** e-mail e telefones de contato para marcar efetivamente as entrevistas
- b) **Idade e escolaridade:** a fim de identificar o perfil do autor
- c) **Quantidade de livros publicados na plataforma Kindle:** a fim de identificar autores experientes e iniciantes na plataforma
- d) **Quantidade de livros publicados em outros formatos:** também a fim de identificar a experiência dos autores
- e) **Dias e horários disponíveis para entrevistas:** a fim de conhecer os melhores períodos para a realização das entrevistas.

O convite ficou disponível entre os dias 2 de agosto de 2022 e 2 de setembro de 2022, sendo que os autores que consentiram em participar se manifestaram em um período de uma semana. O formulário foi mantido no ar a fim de captar os interessados que porventura não tivessem o costume de acessar a rede social com muita frequência.

Ao todo sete autores se interessaram em participar da pesquisa, sendo que seis foram entrevistados efetivamente. Um deles não pôde participar por estar residindo na Alemanha, o que inviabilizou a entrevista por parte dele dada a grande diferença de fuso horário. As entrevistas foram realizadas no período de uma semana, tendo em vista as diferentes disponibilidades dos participantes em termos de dias e horários mais adequados à participação.



Os participantes tinham entre 29 e 47 anos, quatro homens e duas mulheres. Dois deles publicaram mais de um livro dentro e fora da plataforma Kindle e os outros quatro publicaram apenas um livro dentro e fora da plataforma. Um participante tinha o ensino superior completo e os outros cinco pós-graduação. O perfil geral dos participantes pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 3 - Perfil geral dos participantes das entrevistas

PARTICIPANTE	IDADE	SEXO	LIVRO NO	LIVRO FORA DO	FORMAÇÃO
			KINDLE	KINDLE	
<b>A</b>	29	Masculino	1	1	Pós-graduação
<b>B</b>		Masculino	9	5	Ensino superior
<b>C</b>	40	Masculino	1	1	Pós-graduação
<b>D</b>	47	Feminino	5	6	Pós-graduação
<b>E</b>	38	Masculino	1	1	Pós-graduação
<b>F</b>	43	Feminino	1	1	Pós-graduação

Fonte: do autor

As entrevistas foram realizadas de forma semiestruturada, sendo este tipo de entrevista aquela em que se combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto (BONI; QUARESMA, 2005). Essa abordagem deu-se tendo em vista a possibilidade de os participantes incorporarem outros elementos e entendimentos sobre o tema da leitura social e a experiência de leitura tendo como base as suas próprias experiências como autores.

Na entrevista semiestruturada o pesquisador segue um roteiro prévio, mas tem a liberdade de incorporar outros assuntos à discussão conforme a interlocução acontece, podendo-se abrir o leque dos assuntos em discussão a fim de aprofundar os temas pesquisados (BONI; QUARESMA, 2005). Assim, no presente estudo, os participantes eram apresentados ao modelo proposto e posteriormente convidados a discorrer sobre a sua clareza, tendo em vista ser o modelo aqui proposto uma representação visual das relações entre os diferentes elementos da leitura social em meios digitais.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 3) era enviado aos participantes para que eles tivessem ciência dos procedimentos e

concordassem em participar. No início da sessão o TCLE era lido novamente e os participantes eram novamente questionados sobre a sua concordância na participação. Após o aceite o modelo era formalmente apresentado.

A apresentação descrevia os objetivos do estudo, o conceito de leitura social, os elementos da leitura social propostos para este estudo, bem como o conceito de correlação, diferenciando as correlações fortes, médias, fracas e negativas aqui propostas. Durante e após a apresentação os participantes eram convidados a tirar quaisquer dúvidas sobre as informações apresentadas.

Após a apresentação e respondidas as dúvidas os participantes eram questionados sobre a percepção deles em relação à clareza e a utilidade do modelo proposto. Nesse momento era questionado:

- a) A clareza do modelo;
- b) Especificamente a clareza da representação das médias e desvios padrão;
- c) Especificamente a clareza das representações das correlações;
- d) A utilidade do modelo de forma geral;
- e) Especificamente a utilidade das médias;
- f) Especificamente a utilidade das representações das correlações.

Ao final a entrevista era aberta novamente para dúvidas e outras considerações dos participantes, e após responder às dúvidas os participantes eram agradecidos e a sessão encerrada. Cinco das seis entrevistas foram gravadas com a anuência dos participantes e depois decupadas para facilitar a recuperação das respostas. Em uma das entrevistas o sistema de gravação falhou e ela não pôde ser registrada ou decupada. Nesse último caso, os dados analisados serão apenas das anotações feitas após a entrevista.

### 3.3.1 Análise dos dados das entrevistas

A análise das entrevistas foi realizada por meio da análise do conteúdo das respostas dos participantes. A análise do conteúdo é composta por três fases, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação (BARDIN, 2009).

Na fase de pré-análise é feita uma leitura flutuante do material, ou seja, uma leitura mais geral para tomar conhecimento dos documentos e informações, a partir daí são selecionados os documentos que farão parte da análise, criando assim um *corpus* de análise. Finalmente são elaboradas as hipóteses e objetivos da análise e a preparação do material para a próxima fase (BARDIN, 2009).

Na fase de exploração do material temos uma etapa de codificação e categorização do material baseada em unidades de registro, que nada mais são que palavras, temas, objetos, personagens, acontecimentos ou documentos encontrados ao longo dos documentos e que podem ser utilizados como referências das mensagens (BARDIN, 2009).

A autora também descreve unidades de contexto, que nada mais são que referências à situação ou contexto em que as mensagens foram trocadas (BARDIN, 2009). As unidades são então enumeradas pela sua presença (ou ausência), frequência, frequência ponderada, intensidade, direção ou ordem (BARDIN, 2009).

Após a codificação e ainda na fase de exploração do material é feita a categorização dos dados seguindo critérios semânticos, sintáticos, léxicos ou expressivos (BARDIN, 2009). No caso da presente tese a codificação se dá por critérios semânticos, tentando identificar os diferentes pontos de vista e significados que os participantes construíram a respeito do modelo proposto, sobretudo em relação à sua clareza e utilidade.

Finalmente, na fase de tratamento dos dados pode ser feita a inferência, ou interpretação controlada dos dados, apoiando-se nos mecanismos clássicos da comunicação, emissor, mensagem e receptor (BARDIN, 2009).

Neste estudo as inferências vão levar em consideração as mensagens, ou seja, as opiniões expressas pelos participantes, e o perfil do próprio emissor, sobretudo em relação à sua experiência na publicação de livros. A partir destes procedimentos a pesquisa foi realizada e os resultados serão discutidos a seguir.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados alcançados ao longo do processo de coleta de dados e proposição do modelo de leitura social. O capítulo é dividido em quatro partes: a análise dos dados, a descrição da proposição do modelo propriamente dito, a análise geral dos resultados e a apresentação dos resultados da verificação.

### 4.1 ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

#### 4.1.1 Análise de confiabilidade

A primeira análise realizada foi a análise de confiabilidade dos dados por meio do teste Alpha Cronbach's (Tabela 4) em relação aos dois grupos de variáveis identificados nesta tese, a saber, as ferramentas de interação social internas ao dispositivo e as ferramentas externas, conforme discutido na seção 2.4.4.

Tabela 4 - Resultados da análise de confiabilidade Alpha de Cronbach para a dimensão interna do Kindle

<b>ALPHA DE CRONBACH</b>	<b>ALFA DE CRONBACH BASEADO EM ITENS PADRONIZADOS</b>	<b>Nº DE ITENS</b>
,683	,698	5

Fonte: do autor

Como pode ser observado, as respostas relacionadas às possibilidades de socialização de leitura da dimensão interna do dispositivo Kindle podem ser considerados confiáveis, visto que o valor de Alpha é próximo a 0,7. O valor de Alpha recomendado fica entre 0,7 e 0,9 para amostras com mais de 100 casos e entre 0,5 e 0,9 para amostras de até 10 casos. Como a amostra do presente estudo é menor que 100, mas muito próxima de 0,7, ela pode ser considerada confiável.

Tabela 5 - Resultados da análise de confiabilidade Alpha de Cronbach para a dimensão externa do Kindle

<b>ALPHA DE CRONBACH</b>	<b>ALFA DE CRONBACH BASEADO EM ITENS PADRONIZADOS</b>	<b>Nº DE ITENS</b>
,829	,827	7

Fonte: do autor

A partir do teste as respostas para as possibilidades de socialização da dimensão externa ao Kindle (Tabela 5) também podem ser consideradas confiáveis, visto que o valor de Alpha é maior que 0,7 e menor que 0,9.

#### 4.1.2 Médias e desvios padrão

Para identificar o peso de cada elemento da leitura social e os consensos dentro da coleta de dados foram calculadas as médias e os desvios padrão de cada resposta. Sendo a média utilizada para identificar os pesos e o desvio padrão os consensos, conforme descrito na seção 3.2.1, os resultados desse cálculo podem ser observados na Tabela 6.

Tabela 6 - Médias e desvios padrão

	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>
Postagens em grupos de leitura	<b>5,67</b>	<b>1,24</b>
Postagens de amigos e seguidores	<b>5,58</b>	<b>1,57</b>
Publicações especializadas	<b>5,16</b>	<b>1,74</b>
Avaliações feitas fora da plataforma Kindle	<b>4,96</b>	<b>1,73</b>
Comentários feitos no Kindle	<b>4,87</b>	<b>1,83</b>
Avaliações feitas no Kindle	<b>4,75</b>	<b>1,93</b>
Postagens de influenciadores	<b>4,61</b>	<b>2,02</b>
Postagens de autores	<b>4,40</b>	<b>2,01</b>
Postagens de editoras	<b>4,11</b>	<b>2,02</b>
Postagens de livrarias	<b>3,87</b>	<b>2,02</b>
Destaque de trechos	<b>3,62</b>	<b>2,31</b>
Página de autores no Kindle	<b>3,45</b>	<b>1,83</b>

Fonte: do autor

Após o cálculo das médias e desvios padrão, foram calculados os coeficientes de correlação entre os diferentes itens, conforme descrito a seguir.

#### 4.1.3 Cálculos das correlações entre as variáveis

O objetivo desta tese é propor um modelo da experiência de leitura que demonstre, além da quantificação, a relação entre as variáveis. Essas relações foram identificadas por meio do teste de correlação de Pearson, teste este recomendado para o cálculo de correlações. A tabela completa com todos os resultados pode ser observada no Apêndice 9.

Os resultados do teste apresentam uma grande variação de correlações, porém apenas duas com alta significância ( $p < 0,005$ ) e alto valor de correlação ( $> 0,7$ ), sendo estas descritas na Tabela 7.

Tabela 7 - Correlações significativas identificadas

<b>Cruzamentos</b>	<b>Significância</b>	<b>Correlação</b>
<b>Avaliações no Kindle x Comentários no Kindle</b>	,00	,759
<b>Postagens de livrarias x Postagens de editoras</b>	,00	,773

Fonte: do autor

Outras oito correlações apresentaram alta significância ( $p < 0,005$ ), porém com uma correlação média (aproximadamente 0,5) apresentadas na Tabela 8.

Tabela 8 - Correlações intermediárias

<b>Cruzamentos</b>	<b>Sign.</b>	<b>Corr.</b>
<b>Postagens de seguidores x Publicações especializadas</b>	,00	,547
<b>Postagens de autores x Postagens de editoras</b>	,00	,649
<b>Postagens de autores x postagens de livrarias</b>	,00	,484
<b>Postagens de autores x postagens de influenciadores</b>	,00	,531
<b>Postagens de influenciadores x publicações especializadas</b>	,00	,428
<b>Postagens de influenciadores x postagens de seguidores</b>	,00	,624
<b>Postagem de influenciadores x postagem de livrarias</b>	,00	,459

Fonte: do autor.

A partir destas análises foi realizada a proposição do modelo, conforme descrito a seguir.

#### 4.1.4 Análise do espaço aberto

Além das questões apresentadas na forma de escala Likert, ao final do formulário foram disponibilizados dois espaços abertos a fim de proporcionar aos participantes o compartilhamento de outras percepções a respeito da leitura social no Kindle.

Uma das questões é a relação da origem dos livros e sua relação com a experiência de leitura. A participante 20 disse: “Talvez pesquisar sobre pirataria. Sou estudante desempregada e não compro todos os livros que quero. Piratar e ler no Kindle fez eu aumentar 100% a quantidade de livros que leio”.

O participante 31 também comentou: “Comprar livros originais tem impacto na minha experiência de leitura”, mas não especificou que tipo de impacto a compra de livros originais tem na sua experiência de leitura.

Já o participante 79 afirmou que:

“Quando um livro já está em domínio público, a edição afeta a minha leitura. Tenho a sensação - talvez sem sentido - que uma versão gratuita não vai ter a mesma qualidade em relação a publicação de alguma editora. E nem estou considerando que o livro pode ter material de apoio, é sobre o texto da obra em si. Já comprei o mesmo ebook, 1984, duas vezes porque havia optado por uma edição mais barata e tempos depois a edição de uma editora conceituada estava em promoção”.

De fato, os meios e as características de circulação de um livro podem ser considerados ao se analisar a leitura social, visto que elas podem ter um caráter de intencionalidade, como uma estratégia de guerrilha de distribuição de um certo título fora do sistema proposto pelo Kindle, ou pelo peso simbólico de cópias gratuitas ou de valores muito baixos, como no comentário do participante 79.

Além disso, como comentou a participante 20, o valor de um título tem efeito direto no acesso dos leitores, criando barreiras ou circuitos específicos de circulação, o que tem efeito na forma como eles são socializados e consequentemente na experiência de leitura.

Esses ambientes de circulação social dos livros também foram identificados pelo participante 24. Ele comentou: “Limitações nas funcionalidades do Kindle no Brasil por parte do sistema, enquanto o mesmo aparelho na América do Norte tem muito mais funcionalidades”. A diferença de tratamento entre diferentes regiões,

dada por restrições jurídicas ou estratégia de negócio da empresa, pode ter efeito na experiência de leitura, uma vez que criam públicos com altas possibilidades de socialização e outros com socialização restrita.

Uma questão levantada pelo participante 4 foi a possibilidade do empréstimo de livros dentro da plataforma Kindle, sendo esse de fato uma possibilidade de socialização comum nos livros impressos e provavelmente viável na plataforma Kindle. Essa questão também impacta outros agentes do setor livreiro, como as bibliotecas, que perdem relevância por não ser possível o empréstimo de livros digitais. Apesar da existência de bibliotecas digitais e muitas delas serem gerenciadas por bibliotecas físicas, elas não existem diretamente dentro da plataforma Kindle.

Exceto estas contribuições dadas pelos participantes, de uma forma geral não foram apresentados novos elementos dentro das respostas para os espaços abertos, sugerindo que os elementos apresentados neste estudo são significativos do ambiente geral do ecossistema da leitura social relacionada à plataforma Kindle.

## 4.2 REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO MODELO

A representação gráfica do modelo leva em consideração a organização dos tipos de ferramentas de leitura social online organizadas em dois grandes grupos, a saber, as internas presentes no próprio dispositivo e as ferramentas externas, ambas identificadas por meio da revisão bibliográfica apresentada na seção 2.3.

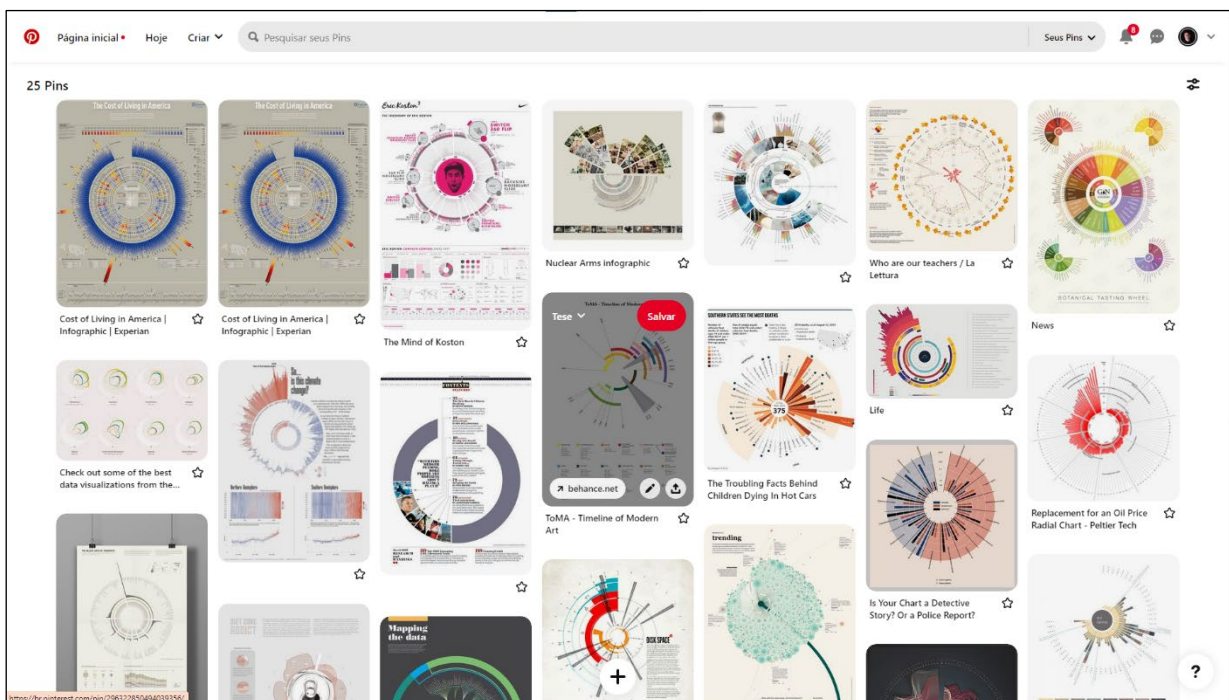
Conforme Gerlee e Lundh (2018), a proposição de um modelo leva em consideração a análise e a representação visual dos dados, conforme discutido na seção 4.1. Em um primeiro momento foi criada uma pasta na plataforma Pinterest<sup>19</sup> (Figura 23), onde foram buscadas referências visuais para guiar o desenvolvimento do diagrama do modelo.

---

<sup>19</sup> Pinterest. Disponível em: <<https://pinterest.com>>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.



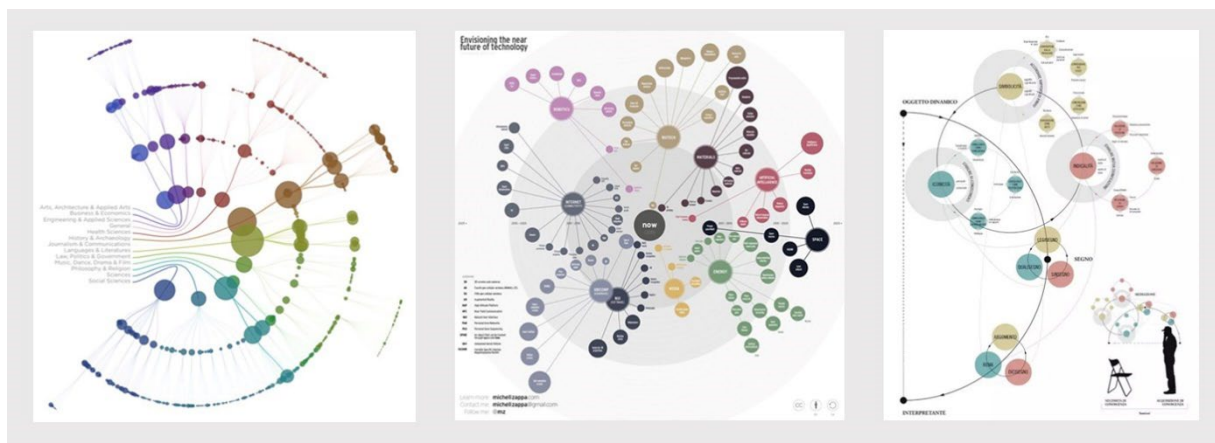
Figura 23 - Imagens coletadas na plataforma Pinterest



Fonte: do autor.

O tipo de representação buscada nesta tese é a representação de relações, sendo esta uma das bases da teoria sistêmica. Assim, foram selecionadas referências que de alguma maneira representassem relações, sobretudo relações complexas. Ao todo foram levantadas 42 imagens representando de alguma forma relações entre grupos, elementos (que poderiam representar os estoques do sistema de leitura social) e relações. Algumas dessas imagens podem ser vistas na Figura 24.

Figura 24 - Exemplos de representações de relações



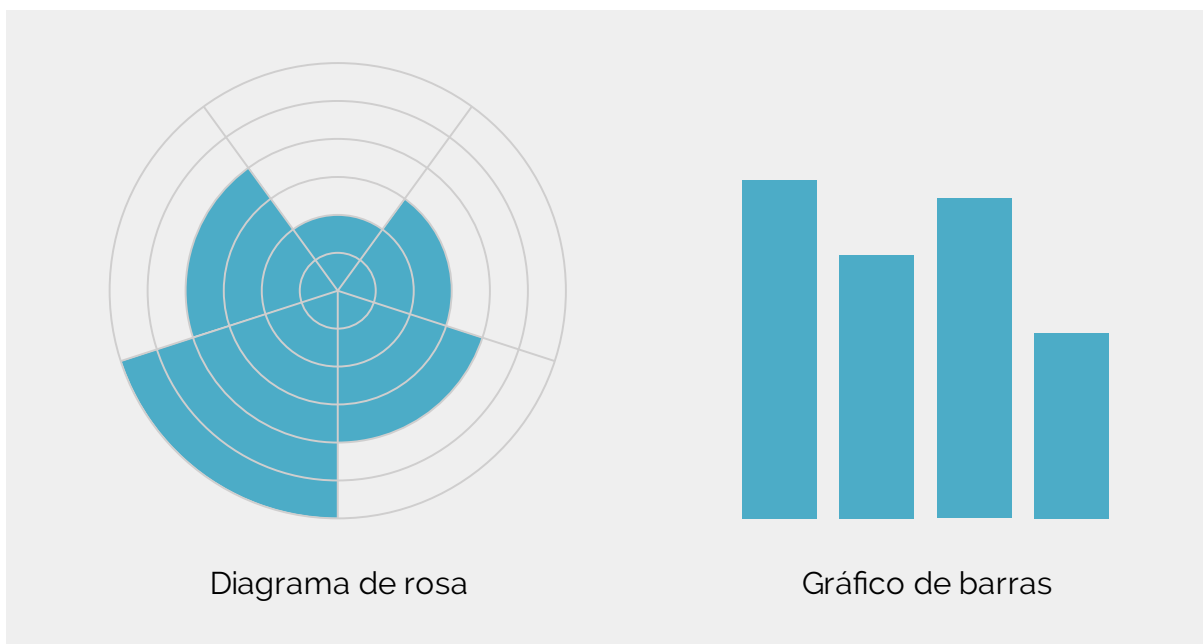
Fonte: do autor

Contudo, uma das preocupações iniciais era ter uma forma gráfica que acomodasse a representação das ferramentas de leitura social e suas relações de forma simplificada, tendo em vista que no momento dessa primeira representação só se tinham os resultados numéricos, ainda não era conhecida visualmente a relação entre os elementos.

Assim, a forma de diagrama de rosa foi escolhida por ser provavelmente a que melhor acomoda as relações internas entre as ferramentas de leitura social de uma maneira relativamente homogênea, lembrando novamente que as relações ainda não eram conhecidas. A ideia era usar o centro do gráfico radial como o espaço onde essas relações seriam representadas.

O diagrama de rosa é um tipo de representação de dados onde as formas emergem em frações a partir do centro de um círculo ao invés de seguir uma estrutura linear, como é o caso dos gráficos de barra. Assim, em um gráfico de barras quanto maiores forem os valores mais eles vão se distanciar da linha de base. No diagrama de rosa quanto maior o valor maior será o seu tamanho em relação ao centro (Figura 25).

Figura 25 - Comparação dos tipos de gráfico



Fonte: do autor

A principal crítica ao diagrama de rosa é que por conta de sua característica radial os dados podem ser visualmente exagerados, ou seja, pequenas variações numéricas ganham um peso visual desproporcional pois quanto mais longe do centro da visualização maior a área ocupada pelo elemento visual (SANDERSON; PEACOCK, 2020).

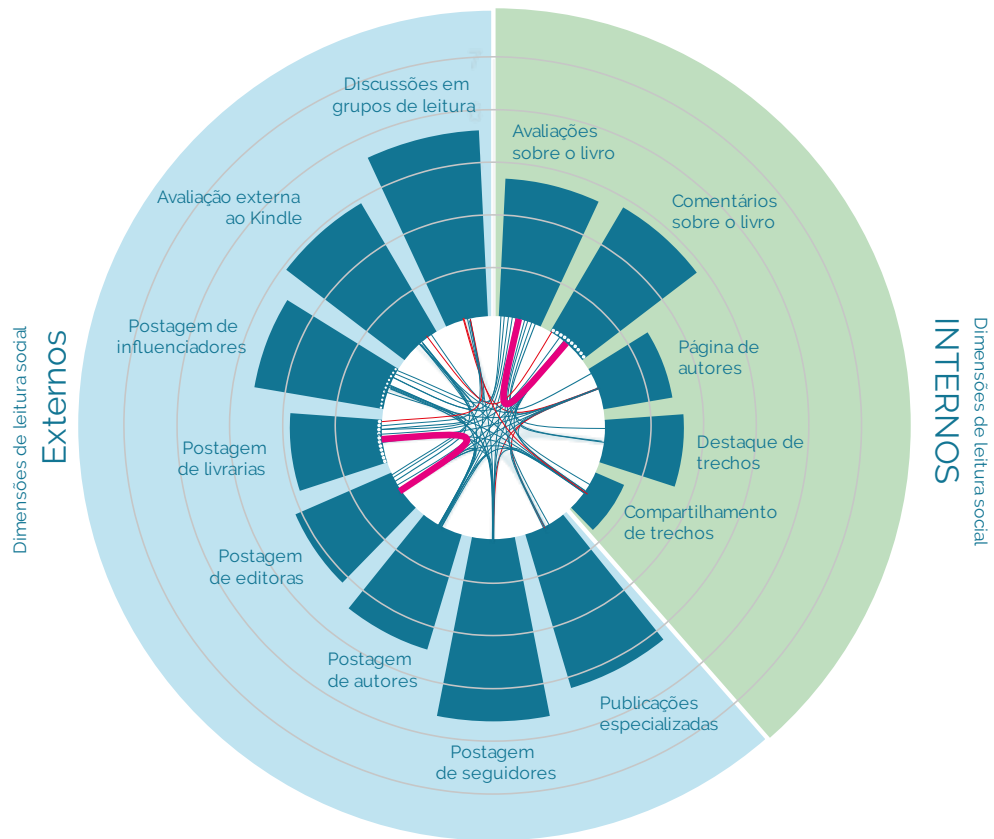
Contudo, neste estudo o valor dos elementos é secundário em relação à representação das relações entre os elementos, que foi facilmente representada utilizando-se o centro do diagrama de rosa como base para a representação das relações entre os elementos, conforme será descrito a seguir.

Em um primeiro momento, as médias obtidas em cada um dos itens foram representadas no gráfico e foram acompanhadas por uma escala também radial a fim de criar uma referência visual para a interpretação dos dados.

Ainda nesse momento foi gerada uma primeira proposta da representação das correlações, sendo que a força de cada correlação foi representada por meio da espessura das linhas que conectavam os elementos de socialização. Por exemplo, a correlação entre os sistemas de avaliação externos ao Kindle e as postagens das editoras é de 0,23, dessa forma a linha que conecta os dois elementos tinha 0,23 pontos de espessura.

Ainda nessa primeira proposta de modelo as duas correlações mais significativas ( $p < 0,05$  e correlação  $> 0,7$ ) foram representadas na cor magenta e com uma espessura de 2pt, a fim de se destacarem das outras e possibilitar a visualização mais clara dessas relações (Figura 26).

Figura 26 – Primeiro modelo proposto

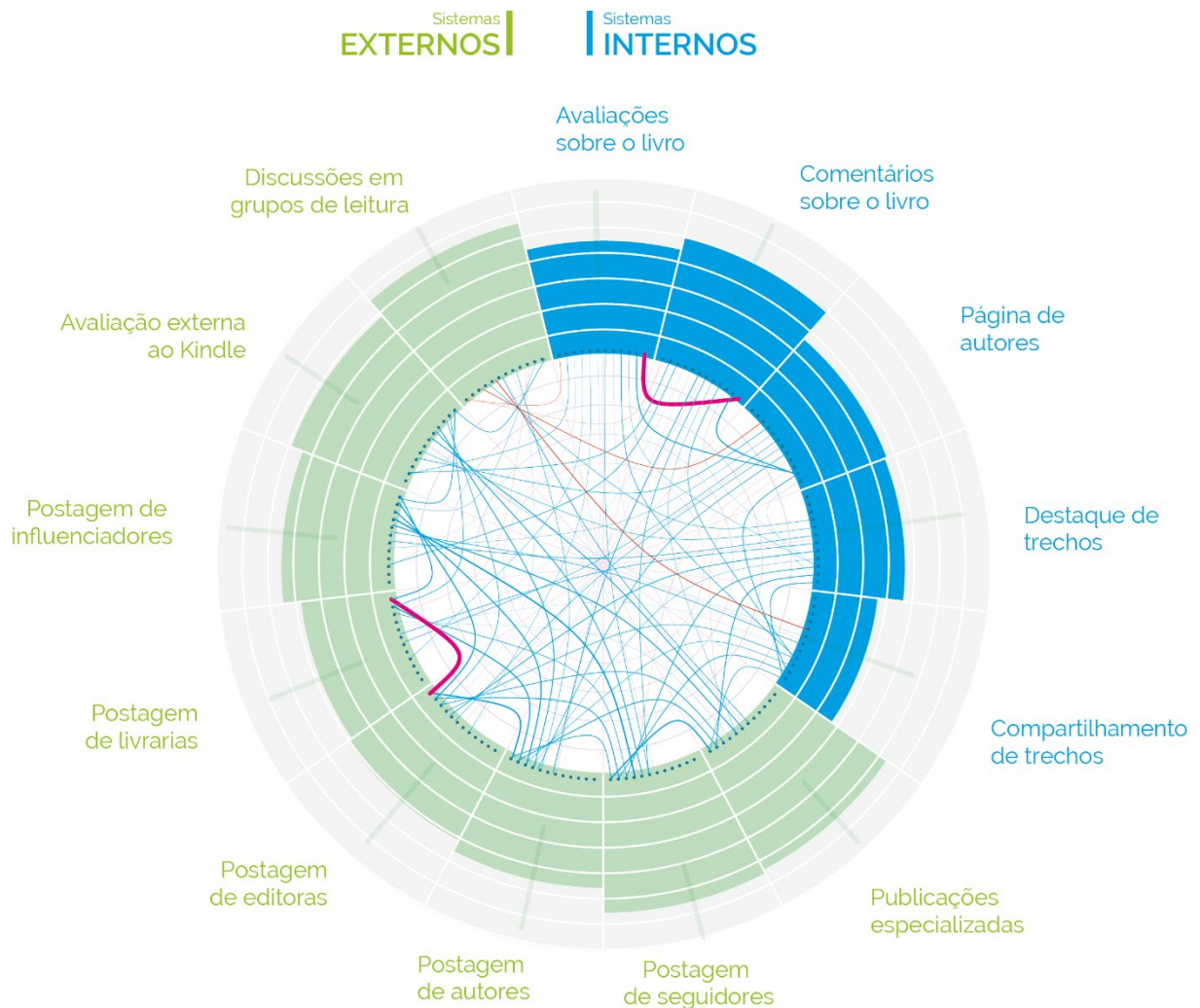


Fonte: do autor.

No primeiro modelo proposto as linhas que conectam os elementos passavam todas por um ponto central e o espaço ocupado pelas correlações era muito pequeno, o que dificultava a identificação individual das relações. Além disso havia uma falta de equilíbrio visual, dada pelos espaços entre os elementos do diagrama de rosa. Ainda em relação ao diagrama de rosas havia um raio muito grande das grades de referência, resultando na desproporção já discutida em relação a esse diagrama.

Assim, foi gerada uma segunda proposta. Nesta versão foi ampliado o espaço central a fim de acomodar melhor a representação das correlações evitando a sobreposição de linhas. Essa ampliação do espaço central também reduziu as discrepâncias gráficas comuns ao diagrama de rosas contribuindo para um equilíbrio visual maior conforme pode ser visto na Figura 27.

Figura 27 - Segunda versão do modelo



Fonte: do autor.

A maior parte das correlações tinham um sinal positivo (quando as duas variáveis aumentam juntas), porém duas correlações tinham sinais negativos (quando uma aumenta e a outra diminui), sendo representadas na cor vermelha, sugerindo algo fora do padrão. Porém, em ambos os casos o valor da correlação era muito baixo ( $<0,2$ ) e pouco significativo ( $p>0,05$ ). Tendo em vista a baixa correlação a espessura dessas linhas ficou pequena, não gerando um grande destaque visual.

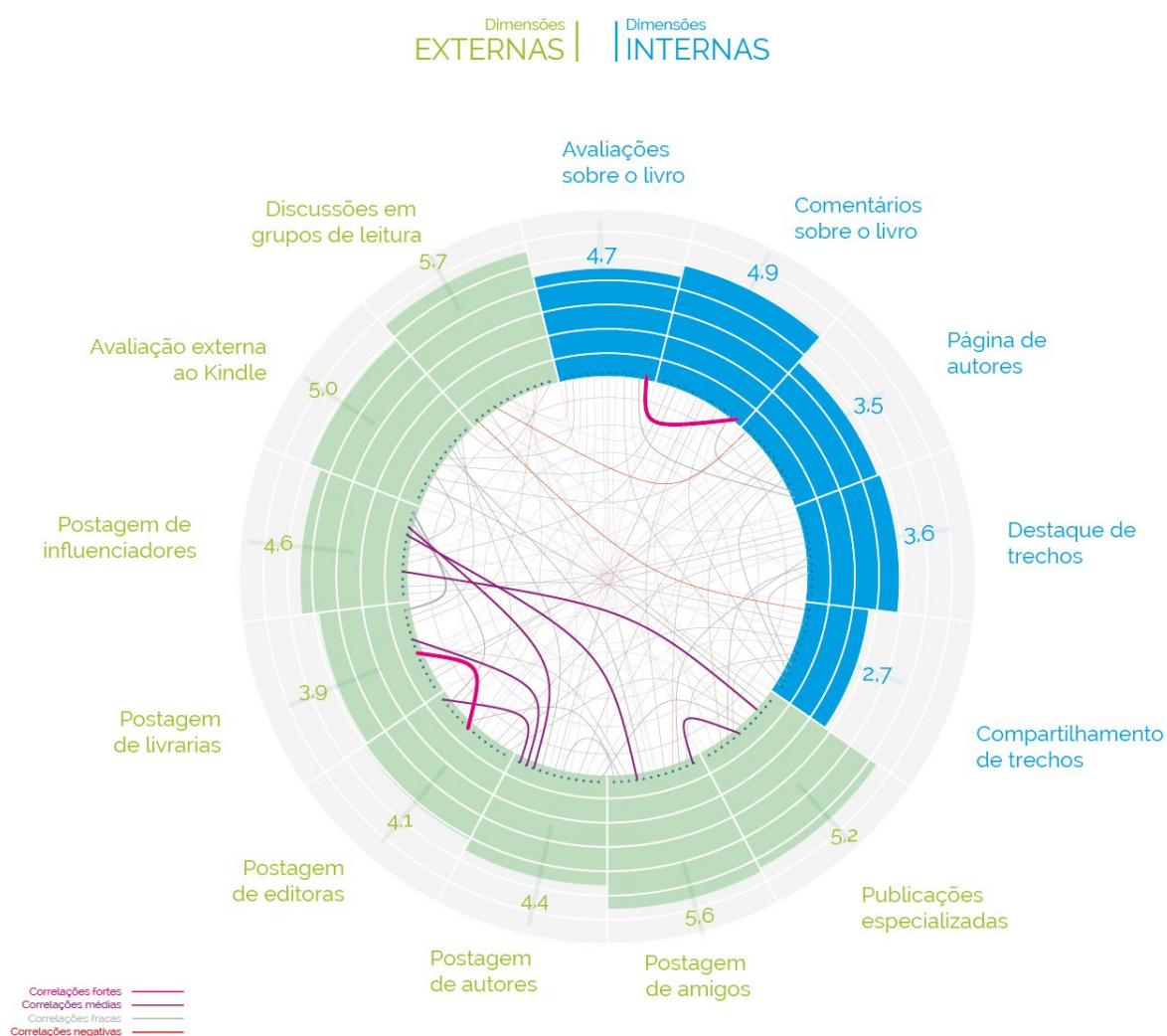
Os desvios padrão para cada elemento foram representados por uma linha suave acima de cada elemento e seguindo o eixo central de cada faixa relacionada aos elementos de leitura social.

Inicialmente apenas as correlações muito fortes ( $p<0,01$  e correlação maior que  $0,7$ ) foram destacadas usando linhas na cor magenta. Porém, ao observar essa

versão do modelo foi notado que as linhas que relacionam os elementos internos ao Kindle estavam levemente mais fracas que as cores que compõem os elementos externos. A partir dessa observação os dados foram retomados a fim de verificar se haviam correlações significativas. Dessa forma, também as correlações significativas ( $p < 0,05$ ), mas de força intermediária, (próximas de 0,5) foram representadas por meio de linhas de cor vinho.

As outras linhas com correlações menos significativas ( $p > 0,05$ ) receberam uma cor cinza a fim de não se destacar visualmente. Com essas revisões foi proposta a terceira e última versão do modelo (Figura 28).

Figura 28 - Versão final do modelo



Fonte: do autor.

Com as relações altamente e medianamente significativas destacadas e as demais correlações devidamente representadas, foi iniciada a verificação dos resultados, apresentada a seguir.

### 4.3 VERIFICAÇÃO DOS RESULTADOS

Na fase de pré-análise (BARDIN, 2009) as entrevistas foram transcritas utilizando-se o *software* Adobe Premiere Pro, tendo em vista a disponibilidade deste pelo pesquisador. Após a transcrição os textos resultantes foram lidos e corrigidos os erros de transcrição.

As entrevistas e a análise foram feitas pelo próprio pesquisador, que por isso mesmo conhecia previamente o *corpus* de análise. Além disso, tendo em vista que as entrevistas tinham como objetivo verificar a clareza e a utilidade do modelo proposto, estas se tornaram as hipóteses desta fase do estudo, a saber:

#### **H1:** Sobre a clareza do modelo

- a) O modelo não é claro sob o ponto de vista dos autores.
- b) O modelo é parcialmente claro sob o ponto de vista dos autores.
- c) O modelo é claro sob o ponto de vista dos autores.

#### **H2:** Sobre a utilidade do modelo

- a) O modelo como um todo não é útil sob o ponto de vista dos autores.
- b) O modelo como um todo é parcialmente útil sob o ponto de vista dos autores.
- c) O modelo como um todo é útil sob o ponto de vista dos autores.

#### **H3:** Sobre a utilidade das médias e desvios padrão

- a) As médias e desvios padrão não são úteis sob o ponto de vista dos autores.
- b) As médias e desvios padrão são parcialmente úteis sob o ponto de vista dos autores.
- c) As médias e desvios padrão são úteis sob o ponto de vista dos autores.

#### **H4:** Sobre a representação das correlações

- a) As correlações não são úteis sob o ponto de vista dos autores.
- b) As correlações são parcialmente úteis sob o ponto de vista dos autores.

c) As correlações são úteis sob o ponto de vista dos autores.

Além da verificação das hipóteses propriamente ditas, foram buscados elementos adicionais relacionados à socialização não descritos dentro do estudo até o momento. A seguir, na fase de exploração do material (BARDIN, 2009), as transcrições foram revistas e os vídeos retomados a fim de verificar esses dois itens principais (clareza e utilidade), bem como itens não intencionais encontrados ao longo do processo, considerando que as pesquisas qualitativas podem e devem contribuir para ampliar as informações e o conhecimento de um objeto de estudo (PROVDANOV; FREITAS, 2013).

Ao longo da pré-análise também foram identificados comentários relacionados à representação das correlações, do uso dos resultados como estratégias de mercado para autores, dos resultados relacionados aos grupos de leitura online, do efeito da pandemia de COVID-19 nos hábitos de leitura e socialização, de elementos da teoria sistêmica (como a importância de se observar o todo e as relações entre os elementos), sendo estes utilizados como unidades de registro (BARDIN, 2009). A descrição e o número de menções a cada unidade de registro podem ser observados na Tabela 9.

Tabela 9 - Frequências das unidades de registro

<b>NOME</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>MENÇÕES</b>
<b>CLAREZA</b>	Menções à clareza dos resultados	5
<b>CORRELAÇÕES</b>	Menções às correlações	11
<b>ESTRATÉGIA PARA AUTORES</b>	Menções às possibilidades de estratégias de mercado para autores	8
<b>GRUPOS DE LEITURA</b>	Menções aos resultados relacionados aos grupos de leitura	4
<b>PANDEMIA</b>	Menções à pandemia	3
<b>TEORIA SISTÊMICA</b>	Menções a elementos da teoria sistêmica	9
<b>UTILIDADE</b>	Menções à utilidade do estudo de forma geral	10

Fonte: do autor.



Finalmente, após a codificação dos resultados passa-se para a fase de tratamento dos dados, onde se pode fazer as inferências do estudo (BARDIN, 2009). Em relação à clareza do modelo (Hipótese 1), todos os entrevistados afirmaram que o modelo era claro em relação à representação das médias, desvios padrão e correlações. Entre os comentários estavam menções às cores e proporções dos elementos representados no modelo. Assim, podemos reter a hipótese H1c.

A utilidade do estudo (Hipótese 2) foi corroborada por todos os participantes ao afirmarem que o estudo era relevante para eles como autores, porque contribui para a compreensão do mercado editorial, visto que trata das percepções dos leitores em relação aos elementos de leitura social online, podendo-se reter assim a hipótese H2c.

O participante B, por exemplo, é bastante experiente na publicação de livros, nove livros publicados na plataforma Kindle e outros cinco publicados em formatos tradicionais. Ele comentou que os resultados reforçam as percepções pessoais e as estratégias que ele já utiliza como escritor, destacando o relacionamento com influenciadores, no caso dele blogueiros<sup>20</sup> que escrevem resenhas sobre livros e que geralmente também possuem contas em redes sociais, usando assim os dois meios simultaneamente para publicar seus textos.

[...] isso para mim, como escritor, me aponta um caminho que eu tenho que investir mais nesses casos. É a influência do blogueiro que eu tenho que continuar indo por ali, que está certo, que é verdade. E eu vejo isso na prática. E as pessoas gostam de ouvir a opinião dos outros sobre um livro antes de comprar. E aí, depois que elas compram, elas querem dizer a própria opinião. Então a sua pesquisa mostra bastante<sup>21</sup>. (Participante A)

O participante C tem um único livro publicado tanto na plataforma Kindle como impresso. Para ele, os resultados demonstram um caminho a seguir com a divulgação do livro para além das postagens pessoais e divulgação na plataforma

---

<sup>20</sup> Blogueiro é um termo que descreve um autor de blogs, pequenos websites de conteúdo pessoal na internet.

<sup>21</sup> As falas a seguir transcritas não foram corrigidas do ponto de vista gramatical e/ou de concordância, registrando a fala dos participantes da maneira como ocorreram.

Facebook e reforçando a importância dos comentários de avaliação do livro na plataforma Kindle.

Sim, sim, sim [foi útil]. Na verdade, eu já tinha uma ideia de algumas coisas. Aí, quando colocou que é o que eu faço, eu faço divulgação pelo Facebook, divulgação para. Então eu e eu já percebi que, até pelo que a gente vê nos grupos, nos comentários, eu até anotei aqui [...] Eu estava muito contente com a avaliação do meu livro lá na Amazon. Está com quatro estrelas e meia e eu percebo aqui. E eu tinha essa dúvida e eu acho que isso se concretiza nesse estudo, porque os comentários quando tem um comentário no livro, a avaliação não é só a botar as estrelinhas, mas como um comentário junto. Isso agrega e o resultado aponta isso exatamente. Então [foi útil] sim. Na verdade, aqui me mostrando isso, eu já penso em como vou focar. [...] As próximas divulgações e, de repente, incentivar as pessoas a comentar. Agora eu estou mais inclinado para esse sentido e acho que ajuda bastante. (Participante C)

O participante D também tem apenas um livro publicado tanto no Kindle quanto impresso, mas no caso dele o livro já está há um bom tempo na plataforma e não está propiciando os resultados desejados. Para ele, o estudo ajuda a apontar caminhos para divulgar o livro e melhorar as vendas.

[O estudo] é bem útil porque ele abriu uma um leque de possibilidades que eu estava meio não, não tenho que fazer bem, deixa para lá e deixar ele pegando poeira. E não, na verdade dá para fazer alguma coisa. Dá para fazer algo mais ativo assim, principalmente essa questão de como falei. Já surgiu uma possibilidade muito de hoje, de trabalhar com postagem, então tem que trabalhar e junto com postagem na livraria e postagem editora tem que ser ao mesmo tempo. Não adianta a postagem até adianta, mas a postagem em livraria sozinha não vai ter tanta, tanta importância quanto fazer as duas coisas. Então talvez se viesse porventura uma livraria, uma editora interessada deixava publicar até o livro. (Participante D)

As percepções dos outros participantes (A, E e F) vão em direção às percepções do participante D de que o estudo dá uma visão geral mais ampla do processo de socialização do livro e que isso é importante para eles como autores.

Mais especificamente, as médias e desvios padrão (Hipótese 3) foram percebidos como úteis para todos os entrevistados porque demonstram a proporção de cada elemento para a experiência de leitura sob o ponto de vista dos leitores,

propiciando subsídios para a tomada de decisões estratégicas em relação aos seus livros. Assim, é retida a hipótese H3c.

Finalmente, os participantes foram instados a comentar sobre a utilidade da representação das correlações (Hipótese 4) no estudo. Nesse caso não houve unanimidade sobre a utilidade dessas representações. A participante D comentou que a representação das correlações é algo curioso, mas não chega a modificar a percepção geral dos resultados imediatamente. Ela contribui para chamar a atenção para alguns detalhes, mas depois seria importante verificar outros dados para que se possa fazer uma análise útil.

Eu acho que é curioso, mas não. Não sei se ajuda muito, porque como é que eu vou dizer, o que a gente vê é a questão das discussões em grupos de leituras, é importante a comunicação especializada, meio óbvia, acho que é importante também. Mas as correlações não funcionam. Não vejo muito. Acho curioso fazer uma lógica, mas não gera um debate para mudar o modo de ação. [...] Eu gosto de lidar com números, de ver, de fazer análises, de ter os dados ali, analisar de cara um primeiro olhar, algumas coisas saltam aos olhos. A coisa que teria que pegar é ver aquela correlação que eu acho interessante e acho que pode ser útil tendo isso mais detalhado. (Participante D)

Também para o participante C as correlações representadas trazem uma informação, mas não servem como elemento principal de informação, e nem seriam úteis imediatamente em relação à sua estratégia como autor.

Vou ser sincero que para mim o que mais chamou a atenção e mais me motivou realmente foi a avaliação, não as correlações, mas as variações individuais ali, sabe? Isso aqui é o mais [sugerindo o elemento que mais se destaca visualmente no modelo], e não chama as relações. Não, não. A princípio. Para mim não agrega muito. É legal e interessante saber. E acho que segue uma lógica mesmo. Mas eu não vou mudar a minha forma de divulgação por conta dessas correlações. (Participante C)

Já o participante B considera as correlações como algo muito importante na representação do modelo. O participante é formado em Desenvolvimento de Sistemas e afirma conhecer o conceito de correlação. Para o participante, as

informações de médias e desvios padrão são superficiais, e o que realmente suscita uma discussão são as correlações.

Eu acho que, de um modo geral, os meios tradicionais eles são suficientes de uma forma superficial. Essa correlação é que é assim. Eu sou formado em Desenvolvimento de Sistemas. Ela te dá um nível muito mais profundo do que realmente está acontecendo, então é importante ver correlações ali. Na sua pesquisa tem coisas que aparentemente talvez não faça sentido uma coisa com a outra [o participante indica a correlação entre livrarias e editoras] mas aí, com a correlação, você consegue entender que uma coisa depende da outra. Elas [correlações] pode trazer hipóteses também. E aí, já conhece esse mercado? Mas de repente, o autor que está começando talvez entendendo que existe correlação, ele vai buscar e vai [tentar] entender. Por que esses dois aqui estão se relacionando aqui na pesquisa? Como é que é esse universo?

O participante E também concorda que as correlações são relevantes porque permitem a visualização do sistema de leitura social como um todo, permitindo aos autores traçar uma estratégia a partir dessa visão geral.

À primeira vista causa impacto. O modelo é encarado como algo perdido com um monte de linhas. Depois, fica bem mais claro que significa, principalmente quando se entende a correlação de cores e as cores estão adequadas também porque o cinza fica meio apagado. E isso é importante, na minha opinião, não tão importantes quanto números, mas são importantes porque na verdade, ajuda a atacar várias frentes. Se eu fosse atacar, só se eu fosse olhar só para os números, não tivesse indicação de correlações, eu ia só de e me focar só numa coisa, numa coisa só que seria a avaliação do livro ou que partiria direto para comentários e não. É que eu acho que é tipo um ecossistema, né? (Participante E)

A participante F afirmou que as correlações são importantes como representações porque sugerem um relacionamento que de fato existe entre os elementos e que pode ser usado para interpretações. Para ela, inclusive as correlações fracas podem trazer uma carga de significados e sugerir outras análises.

Eu acho que é válido porque elas não estão ali, aleatórias, soltas, porque senão pode parecer que uma coisa não tem nada a ver com outra e em alguns momentos elas se relacionam. Inclusive pensar assim, mesmo que

de maneira fraca, pouca é possível perceber essa relação tão claramente, mas ela ainda sim existe um mapa. Está todo aqui, todo riscado ali dentro. Então, mesmo que seja pouco interno e externo, ainda existe uma relação do interno com o externo ainda. Se existe, são mais fortes as que estão no externo, entre elas e no interno, aquelas duas ali das avaliações dos comentários. Mas ainda existe vários rascunhos no meio que estão traçando pontos importantes. (Participante D)

Não existindo um consenso entre os participantes é retida a hipótese H4b, onde a utilidade das correlações é apenas parcialmente útil sob o ponto de vista dos autores entrevistados. Em geral as correlações são relevantes para uma visão geral e como elemento para levantamento de hipóteses, mas isoladamente aparentemente não atendem aos anseios dos autores.

Outra questão que pode ser levantada é que possivelmente o desconhecimento do conceito de correlação pode ter efeito nas respostas dos entrevistados, uma vez que o entrevistado B, conhecedor do conceito de correlação pela sua formação, considerou-as mais importantes que os resultados numéricos.

## 4.4 DISCUSSÃO

### 4.4.1 Análise da questão da leitura social

Em relação à questão da leitura social é possível identificar nos resultados obtidos nesta tese uma tendência de predomínio das mídias sociais em relação à socialização, o que parece ser óbvio. Contudo, Cordón García e Jarvio Fernández (2015) e Alonso Arévalo *et al.* (2015) destacam a preocupação do avanço das grandes empresas de tecnologia em relação aos atores tradicionais do mercado, tais como editoras e livrarias, mas essa tendência parece não ser tão relevante em relação à leitura social no Kindle.

Segundo Cordón García e Jarvio Fernández (2015) e Alonso Arévalo *et al.* (2015), as gigantes da tecnologia como Amazon e Google estariam tomando o lugar dos atores tradicionais por meio de suas plataformas. A Amazon com o comércio eletrônico de livros e mais recentemente por meio do dispositivo Kindle, e o Google por meio do Google Livros, uma plataforma de livros digitais. Mas nesta tese foi identificado que as principais ferramentas de socialização se dão via mídias sociais e mesmo em mídias tradicionais, como as publicações especializadas.

Na análise das médias e desvios padrão apresentados no modelo é possível observar um predomínio das ferramentas externas à plataforma Kindle, entre elas as mídias sociais, em detrimento das ferramentas internas. Sendo o tema central a leitura social, obviamente o efeito das mídias sociais seria relevante. Mesmo assim, é interessante notar como elas prevalecem, visto que os leitores já estão inseridos no ecossistema da plataforma e de certa forma poderiam ser seduzidos a socializar dentro dela.

Outro ponto a ser notado nos resultados deste estudo é o engajamento dos leitores que fazem parte de grupos de leitura online, e que as postagens feitas nesse tipo de grupo foram as que tiveram a maior influência na experiência de leitura (média 5,67) e o maior consenso (desvio padrão 1,24). É possível supor que isso se dá em função dos leitores já estarem engajados e envolvidos na socialização da leitura

Outro fator a ser destacado são as direções negativas presentes nas correlações entre os grupos de leitura e três elementos presentes na dimensão externa ao Kindle, a saber: avaliações sobre os livros, a página dos autores e o compartilhamento de trechos. A direção negativa se dá quando as avaliações de um elemento baixam enquanto as outras sobem, o que sugere de novo uma prevalência dos grupos de estudo sobre esses elementos internos ao Kindle. Porém, é importante notar que em todos esses casos a correlação é baixa ( $>0,3$ ), mas talvez seja acentuada caso em amostragens maiores de estudos semelhantes a este.

Esse resultado é importante para autores e editores, que podem se engajar nesse tipo de grupo para conhecer as preferências e mesmo discutir abertamente os livros, criando um ambiente mais rico e aumentando a proximidade com os leitores, sendo esta possibilidade aventada pelos autores que participaram das entrevistas de validação deste estudo.

É importante lembrar que a média desses grupos é muito maior do que as postagens feitas por autores, editoras e livrarias, o que sugere que são mais importantes sob o ponto de vista dos leitores que participam deles, desta vez concordando com Cordón García e Jarvio Fernández (2015) e Alonso Arévalo *et al.*

(2015), quando dizem que a digitalização modifica o cenário do livro, e atores tradicionais perdem parte de sua relevância.

Outro resultado nesse sentido é que as postagens feitas por pessoas que os leitores seguem nas mídias sociais são, dentro do escopo deste estudo, mais relevantes para os leitores do que as postagens feitas por autores, editoras e livrarias. Esse tipo de comportamento não é novidade, já que tendemos a confiar mais em pessoas próximas do que distantes, mas é importante notar que mesmo os influenciadores digitais não tiveram uma relevância muito significativa (média 4,61 e desvio padrão de 2,02).

As correlações significativas identificadas no modelo (avaliações do livro x comentários sobre o livro e postagens de livrarias x postagens de editoras) são resultados bastante óbvios, visto que são complementares. As avaliações na forma de notas e os comentários são exibidos quase sempre juntos na interface, o que justifica a forte correlação. Isso sugere serem estas duas as possibilidades de socialização internas ao Kindle mais relevantes dentro do escopo deste estudo. Essa relevância pode ser vista pela criação de um mercado de avaliações e comentários descrita pelo Participante C: “E eu já vi autores que pagam para as pessoas ir lá e comentarem nos livros que têm o mercado um pouco assim”.

Já a correlação entre as postagens de livrarias e editoras acontece em meio a médias de avaliação bastante baixas comparadas com outras médias no estudo. As postagens de editoras tiveram média de 4,40 com desvio padrão de 2,01 e as postagens das livrarias receberam uma pontuação de 4,11 com desvio padrão de 2,02. Esses resultados reforçam a mudança no mercado livreiro e a redução da influência dos atores tradicionais (editoras, livrarias, etc.), concordando com Arévalo *et al.* (2015).

A ferramenta de compartilhamento recebeu as menores médias do estudo em função de o compartilhamento de trechos via Twitter aparentemente ter sido descontinuado para alguns dispositivos, sendo inclusive citado pelo participante 31 nos espaços abertos (Apêndice 10). Finalmente, as correlações médias ( $p < 0,05$  e correlações maiores que 0,5 e menores que 0,7) presentes no estudo sugerem um

ambiente de socialização mais dinâmico externamente ao Kindle do que por meio das ferramentas internas.

Nesse sentido destacam-se as correlações das postagens dos atores do mercado do livro presentes neste estudo (autores, editoras, livrarias e influenciadores), o que sugere um ambiente social de fato, com diversas conexões (aqui representadas pelas correlações). Contudo, dada a abordagem quantitativa deste estudo, não foi possível investigar mais profundamente os detalhes dessas conexões por parte dos leitores.

Porém, é possível sugerir alguns detalhes por meio das contribuições dos autores entrevistados. De maneira geral os influenciadores e as mídias especializadas se alinham, visto que muitas vezes eles fazem parte do mesmo sistema onde o influenciador é também autor das postagens em mídias especializadas, quando não é ele o proprietário dessas mídias, como nos blogs de resenhas de livros.

Isso é destacado pelo Participante B, que afirma se utilizar da estratégia de fazer contato com blogs de resenhas sugerindo o seu livro, e que isso contribui para a visibilidade dele como autor e para as vendas dos livros.

Eu divulgo muito com aquela parte dos blogs especializados. Aí tem a blogueira que faz resenha, hoje é muito forte no Instagram e no YouTube uma resenha de livros. Então ali, geralmente, quem publica no Instagram também tem um blog. Então acaba colocando blogues em replica no Instagram. Se em grupos no Facebook, então a mídia social e esses influenciadores também, eles são um carro chefe para promover a verdade. Acho que hoje, sem isso, não consegue. Porque uma coisa é pegar um anúncio e botar ele online, seja no Instagram ou no Facebook, ou anunciar. [...] Tem todo um mundo de gente que segue ela, que são leitores que são daquele nicho, ouvindo ela dizer que é bom. Então eu trabalho muito com a blogueira, com o blogueiro que faz e revende livro. Acho que é a melhor forma de promover até hoje. Desde sempre, na verdade, é alguém especializado em alguém que vai além. E isso é bom porque o público dele também é o meu público (Participante B).

Essa afirmação também ajuda a explicar a correlação média entre autores e influenciadores presente no modelo.



A novidade do modelo aqui proposto é a representação das relações entre diferentes variáveis que podem compor a experiência de leitura de forma a propor uma visualização não somente dos elementos de socialização isoladamente, mas padrões e mesmo uma visão geral do todo desse processo de socialização, ou seja, possibilita uma visualização sistêmica desse processo.

#### 4.4.2 Análise da questão sistêmica

Sendo uma abordagem sistêmica voltada à percepção do fenômeno como um todo e das relações entre diversas variáveis em problemas complexos, possibilitando um outro tipo de compreensão desses problemas que não pode ser atendido por uma abordagem analítica (BERTALANFFY; HOFKIRCHNER; ROUSSEAU, 2015; CAPRA; LUISI, 2014; HOFKIRCHNER; SCHAFRANEK, 2011; MEADOWS, 2008), neste estudo buscou-se alcançar essa visualização do todo, por meio de um modelo visual e das relações entre as variáveis por intermédio de testes de correlação.

Segundo os participantes da validação do estudo, essa visualização do todo é importante porque permite uma forma de pensar as suas estratégias de atuação no mercado livreiro, e para ao menos quatro deles a visualização dos dados contribuiu para mudar a forma de ver esse mercado, concordando com os autores acadêmicos desse tipo de abordagem.

O participante B por exemplo afirmou que o modelo permite que os autores tomem conhecimento do universo do mercado editorial, e que isso se dá pela representação das correlações e da apresentação visual do modelo:

E aí, já conhece esse mercado? Mas de repente, o autor que está começando, talvez seja entendendo que existe correlação. Ele vai buscar e vai entender. Talvez porque esses dois aqui estão se relacionando aqui na pesquisa. Como é que é esse universo? (Participante B)

O próprio uso do termo “universo” sugere o tipo de conhecimento que pode ser usado pelo uso da abordagem sistêmica em relação a problemas complexos como a experiência de leitura, a experiência do usuário ou a leitura social, caso

desta tese. Indo ao encontro do Participante B, o Participante C usa o termo “ecossistema”, usado quando se discute a abordagem sistêmica.

Também o uso de diagramas e modelos visuais é discutido na abordagem sistêmica, visto que esse tipo de representação permite inferências que não são possíveis em uma abordagem analítica. Nesse caso, todos os participantes comentaram que a representação visual é clara e que permite inferências. O ponto de discordância entre os participantes se dá em relação à utilidade direta das representações, e mesmo os participantes que afirmaram que a representação das correlações não era imediatamente útil destacaram que ela é “curiosa” e que pode suscitar outros tipos de interpretação.

Além disso, todos os participantes afirmaram que o modelo como um todo é interessante e útil, sendo as representações das correlações apenas menos útil que as informações dadas pelas médias e desvios padrão. Finalmente, é importante reforçar que a abordagem quantitativa nesse caso é apenas uma das possibilidades, e que outros estudos ou mesmo um aprofundamento deste pode trazer à tona outros tipos de relações ou mesmo uma reconfiguração do modelo à luz de outros pontos de vista, como por exemplo por meio de um complemento qualitativo.

#### 4.4.3 Análise da questão do modelo

Tendo em vista que o uso de representações visuais e diagramas faz parte da teoria sistêmica, pode-se afirmar que o mesmo acontece com os modelos visuais. Sendo um modelo uma simplificação da realidade para melhor compreendê-la (GERLEE; LUNDH, 2018; BATISTA; SALVI; LUCAS, 2011; KHINE; SALEH, 2011), torna-se importante frisar uma vez mais que ao tratar quantitativamente os dados obtidos naturalmente existem uma normalização desses dados, no sentido de reduzir a complexidade deles a algo observável. Essa, por exemplo, é uma das características da escala Likert utilizada neste estudo, e que, apesar de ser útil como instrumento de psicometria, reduz a complexidade de cada item do questionário em um valor numérico de 1 a 7.

Além disso, as representações visuais presentes no modelo são simplificadas a fim de identificar padrões. Na imagem inicial (Figura 26, p.107), por exemplo, as correlações médias ( $p < 0,05$  e correlações entre 0,5 e 0,7) eram representadas com

as mesmas cores das correlações fracas ( $p > 0,05$  e correlações menores que 0,5), o que dificultava a identificação dos padrões entre os elementos de socialização externos ao Kindle.

Para atender a essa situação é que as cores das linhas que representam as correlações médias foram modificadas, o que reforça a intencionalidade da visualização dos modelos sugeridas pelos autores (GERLEE; LUNDH, 2018; BATISTA; SALVI; LUCAS, 2011; KHINE; SALEH, 2011). Assim, é possível afirmar que outros formatos de representação desses mesmos dados trariam outras possibilidades de interpretação, sendo esta apenas uma delas.

## 5 CARACTERIZAÇÃO DO MODELO

A principal discussão desta tese é a que a experiência de leitura e a experiência do usuário (no caso desta tese relacionadas ao Kindle) são comumente abordadas de forma analítica, isolando os seus elementos constitutivos, e que dada a complexidade desses construtos (experiência de leitura e experiência do usuário) eles deveriam ser abordados de uma forma mais holística, sintética e sistêmica, conforme sugerem Bertalanffy, Hofkirchner e Rousseau (2015), Capra e Luisi (2014), Hofkirchner e Schafranek (2011) e Meadows (2008).

Nesse sentido, o modelo aqui apresentado dá um passo em direção a esse tipo de abordagem por assumir as relações entre as variáveis e propor uma forma de visualizá-las na forma de um modelo. O simples cálculo de correlações entre as variáveis de um formulário não resulta em uma compreensão efetiva dessas relações, que são subjetivas, emocionais, imprecisas, voláteis e impalpáveis, apenas para citar algumas características do que constitui de fato uma experiência. Nesse sentido, a abordagem quantitativa aqui proposta consegue mostrar apenas em linhas gerais (e até mais óbvias) os elementos e as relações da experiência de leitura.

Como todo modelo, a representação é simplificada (GERLEE; LUNDH, 2018; KHINE; SALEH, 2011), não sendo um retrato absolutamente real das relações existentes, mas pode servir como referência para a identificação de padrões, um dos objetivos da abordagem sistêmica (BERTALANFFY; HOFKIRCHNER; ROUSSEAU, 2015; CAPRA; LUISI, 2014; HOFKIRCHNER; SCHAFRANEK, 2011; MEADOWS, 2008).

Ainda em relação à abordagem sistêmica podemos considerar os elementos da leitura social descritos neste estudo como os elementos do sistema. As médias e desvios padrão podem ser considerados os estoques (MEADOWS, 2008) do sistema da leitura social no Kindle. As correlações neste estudo representam as relações (BERTALANFFY; HOFKIRCHNER; ROUSSEAU, 2015; MEADOWS, 2008) entre esses estoques. Já o propósito (BERTALANFFY; HOFKIRCHNER; ROUSSEAU, 2015; MEADOWS, 2008) do sistema à princípio seria o aprimoramento

da experiência de leitura, visto que a socialização pode ter efeito na pré-leitura, na leitura propriamente dita e na pós-leitura.

Tendo em vista ser este um estudo transversal não foi possível identificar fluxos (MEADOWS, 2008) dentro do sistema, sendo esta uma limitação que deve ser atendida posteriormente.

Na pré-leitura a socialização pode criar expectativas nos leitores e dar a eles motivação para ler um livro, investigar um autor ou dar preferência a uma editora ou livraria. Durante a leitura seriam concretizadas ou frustradas essas expectativas, o que tem efeito na pós-leitura, seja em uma nova socialização, a cristalização de uma ideia a respeito do processo de leitura, como o fato de se gostar de um gênero ou autor, por exemplo.

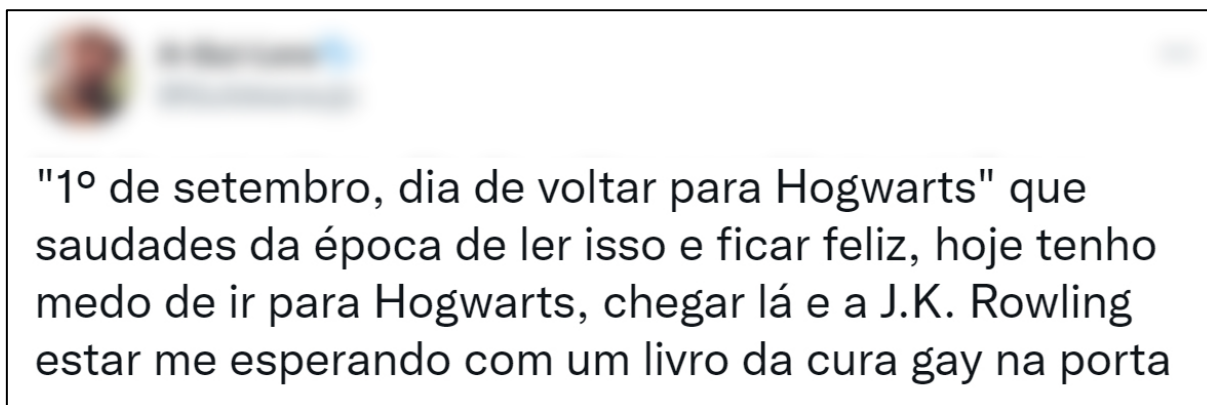
Esses movimentos de concretização e frustração de expectativas podem ser considerados dentro do modelo como ciclos de *feedback* de amplificação, visto que a experiência de leitura pode ser amplificada ou deteriorada exponencialmente por meio da socialização.

Ações dos atores do mercado livreiro também podem ter efeito na pós-leitura. Declarações polêmicas de autores ou um posicionamento impopular de uma editora podem fazer com que uma experiência já estabelecida se modifique, mesmo que levemente.

Um exemplo foram as declarações consideradas homofóbicas da escritora J. K. Rowling, que para alguns leitores deram contornos mais amargos às suas memórias, como é o caso da declaração dada em uma rede social por um leitor descrita na Figura 29.

Na postagem se lê “1º de setembro, dia de voltar para Hogwarts’ que saudades da época de ler isso e ficar feliz, hoje tenho medo de ir para Hogwarts, chegar lá e a J.K. Rowling estar me esperando com um livro da cura gay na porta”, sugerindo uma mudança na forma de perceber os livros da série Harry Potter.

Figura 29 - Exemplo de efeito da socialização pós-leitura



Fonte: do autor

A partir da análise das correlações foram identificados alguns possíveis padrões, entre eles a forte correlação entre as avaliações e comentários dentro da dimensão interna do Kindle, e a forte correlação entre postagens de editoras e livrarias. No primeiro caso uma explicação plausível é o fato de ambas estarem presentes quase sempre juntas quando são apresentadas as avaliações de um livro, o que pode criar nos usuários um forte modelo mental em relação às duas.

Um fato a ser observado é que não foram identificadas correlações significativas entre as avaliações e comentários dentro da dimensão do Kindle e fora dela, geralmente feita por meio de websites de avaliação de livros, como o Skoob por exemplo.

A segunda forte correlação está nas postagens de editoras e livrarias, ambas com médias de avaliação 4,1 para as postagens das editoras e 3,9 para a postagens das livrarias. Isso provavelmente acontece pois as duas são atores tradicionais do setor livreiro, tendo também uma possível presença consistente no modelo mental dos leitores.

Outro padrão identificado é a consistência mediana de correlações ( $p < 0,05$  e correlação entre 0,5 e 0,7) entre os elementos que compõem os sistemas externos ao Kindle, como as mídias sociais, por meio das postagens de autores, editoras, livrarias e influenciadores, bem como as publicações especializadas. Essas correlações podem sugerir um ambiente levemente mais maduro em termos de socialização digital do que a dimensão interna do Kindle.

Nesse sentido é importante lembrar que as possibilidades de socialização possíveis no contexto brasileiro diferem daquelas em outros países. Nos Estados Unidos da América (EUA) existe um serviço que conecta o Kindle com uma rede social dedicada aos livros o GoodReads, o que amplia um pouco mais as possibilidades de socialização.

Esse fato expõe a influência das grandes empresas de tecnologia no mercado, conforme sugerem Cordón García e Jarvio Fernández (2015) e Alonso Arévalo *et al* (2015) e uma possível exclusão digital dos usuários brasileiros, ao menos em relação à essas possibilidades de socialização.

Ainda dentro das correlações medianas pode-se notar o efeito mediador de autores e influenciadores. Os autores dentro do modelo mediam as relações entre editoras e livrarias, representando de certa forma a dinâmica tradicional do mercado livreiro, onde autores, editoras e livrarias formam a base do circuito de produção e distribuição dos livros tradicionais (ALONSO ARÉVALO *et al.*, 2015).

Já as postagens de influenciadores mediam as postagens de autores, amigos e publicações especializadas, configurando um segundo eixo de circulação do livro, mas agora mais próximo de um viés de comunicação.

Esclarecendo esse ponto, durante a entrevista o autor “participante B” lembra que muitas vezes o influenciador é também um componente das publicações especializadas, sendo geralmente um autor nesse tipo de mídia e que posteriormente publica o mesmo conteúdo em suas mídias sociais. Também é possível supor que ambas as postagens (publicações especializadas e nas mídias sociais do influenciador) sirvam de base para as discussões entre autores e outros usuários.

Dentro do modelo o elemento que mais tem correlações negativas são as discussões em grupos de estudo, sugerindo um tipo de socialização bastante particular. É importante contudo notar que as discussões em grupos de estudo são as que tiveram as maiores médias segundo os leitores, o que sugere um nicho bastante relevante, mas que não se relaciona facilmente com os outros elementos de socialização presentes no modelo.

Finalmente, a utilidade do modelo depende do nível de envolvimento dos interessados, agentes com pouca experiência de mercado podem perceber apenas as médias e desvios padrão como úteis no seu dia a dia. Porém, agentes mais experientes podem ser interessar mais pelos detalhes das relações do que os dados brutos.

Além disso, a visualização do modelo pode ajudar os atores a terem uma visão do todo e com isso criar estratégias específicas de socialização. Os autores B, E, e F observam a importância de se observar o todo em relação ao mercado livreiro. Para eles isso ajuda na percepção de que é preciso “atacar em várias frentes” para se ter sucesso, e isso reforça a tendência sistêmica do mercado livreiro descrita por Price (2020), Chartier (2018) e Alonso Arévalo *et al* (2015).

Para os designers, essa percepção do todo também implica em visualizar o livro não somente como artefato, mas como um nó em um amaranhado de elementos culturais, simbólicos, econômicos e estéticos, e a partir daí pensar a inserção do livro ou mesmo criar estratégias específicas.

Um exemplo de estratégia levando em consideração os elementos presentes neste modelo foi dado pelo autor participante E, ele afirma que pensou em criar links e chamadas ao longo do seu livro no Kindle para as suas redes sociais e mesmo para ferramentas de avaliação de livro “mais ou menos como os Youtubers pedem ‘dê um like e se inscreva no canal’”.

Finalmente, o modelo proposto é a primeira versão tanto em termos de coleta e tratamento dos dados, quanto em termos de visualidade. É preciso lembrar que durante a criação do modelo todos os elementos aqui descritos eram desconhecidos, e só vieram à tona durante o processo de pesquisa. A partir das características aqui levantadas será possível refinar o modelo como um todo, permitindo identificar outras nuances e possivelmente novas relações e conclusões.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta tese foi caracterizar um modelo representando os principais elementos da experiência de leitura social no *e-reader* Kindle tendo como base o ponto de vista dos seus usuários de forma a permitir aos principais atores do mercado livreiro uma compreensão a respeito desse sistema. Essa caracterização deu-se tendo como base uma possibilidade de abordagem sistêmica da experiência de leitura, alicerçada tanto no conceito de experiência de leitura como no conceito de experiência do usuário.

Os procedimentos metodológicos que permitiram esta caracterização utilizaram um questionário online abordando os principais elementos da leitura social online hierarquizados utilizando-se uma escala Likert de sete pontos. Essa escolha deu-se pela possibilidade de levantar as percepções de um volume relevante de usuários/leitores e assim resumir o efeito da leitura social na experiência de leitura.

Tendo em vista que é pouco comum o uso da abordagem sistêmica no estudo da experiência de leitura, esta tese descreve sua exequibilidade por meio do cálculo de correlações em uma pesquisa quantitativa e posterior representação dessas correlações em um diagrama, destacando os aspectos visuais como facilitadores do entendimento. Os resultados foram avaliados como positivos pelos autores de livros para a plataforma Kindle, por propiciarem uma visão mais ampla da leitura social em relação a esse tipo de dispositivo.

Enquanto a experiência de leitura é comumente discutida sob o ponto de vista exclusivo do texto, nesta tese ela é discutida a partir do conceito de experiência do usuário levando-se em conta os momentos anteriores ao uso/leitura e posteriores a ele, contribuindo para a ampliação do conceito de experiência de leitura e permitindo aos atores do setor livreiro uma visão mais ampla dos elementos que definem essa experiência.

Além disso, tendo em vista que esta tese se enquadra dentro do campo do Design, e mais especificamente da Interação Humano Computador, dada a dimensão digital do artefato Kindle, este estudo se exime de tratar do texto propriamente dito, mas sim da relação entre um ser humano, seu usuário e o artefato, sobretudo em relação à socialização da leitura.

Nesse sentido também sugere-se o estudo de elementos de socialização ligados a outros tipos de produtos digitais, como os jogos eletrônicos multijogador por exemplo, onde o processo de socialização acontece dentro do próprio dispositivo, pela interação e comunicação entre os jogadores, e fora dele utilizando-se meios semelhantes aos descritos nesta tese, como mídias sociais, fóruns de discussão, mídias especializadas, entre outros.

Assim, a experiência de leitura aqui considerada se configura como uma experiência holística entre uma pessoa e o Kindle e onde os diferentes elementos se relacionam de forma dinâmica, simultânea e recíproca, sendo por isso abordados sob uma perspectiva sistêmica e apresentada de forma visual.

Dada a impossibilidade de se mapear totalmente todos os elementos da experiência de leitura, foi realizado um recorte para uma das questões que consegue abarcar os momentos pré-uso, uso e pós-uso, a leitura social, sendo descrita como as diferentes formas de socializar a leitura, seja por meio de conversas, comentários, marcações, citações, entre outros.

Outro recorte se dá dentro das possibilidades de socialização online, incluindo as ferramentas e possibilidades de socialização internas ao Kindle e as possibilidades mais comuns de socialização online externas ao dispositivo, tais como mídias sociais, muito recorrentes atualmente, publicações especializadas, sistemas de avaliação e comentários externos ao Kindle, como Skoob, Goodreads, entre outros, e os grupos de leitura online, que se tornaram comuns durante os períodos de isolamento social necessários nos primeiros momentos da pandemia de COVID-19.

Finalmente, este estudo se restringe às percepções dos leitores/usuários do dispositivo e mais especificamente leitores assíduos com idades entre 20 e 35 anos participantes do grupo no Facebook Amazon Kindle: Brasil". Assim, a pergunta problema, "Como é possível caracterizar por meio de um modelo a experiência de leitura social no *e-reader* Kindle tendo como base a perspectiva de seus usuários?", foi respondida na forma da proposição de um modelo visual tendo como base uma pesquisa quantitativa com cálculos das médias, desvios padrão e correlações entre os diferentes elementos da leitura social online.

Os instrumentos de coleta de dados, um questionário online e entrevistas com autores, atenderam parcialmente os objetivos. No caso do questionário, o volume de participações foi pequeno em termos estatísticos - 55 respostas -, o que resultou em uma margem de erro de 13,2%, sendo considerada bastante expressiva. O ideal em termos estatísticos seria a participação de cerca de 350 indivíduos, mas mesmo o convite sendo publicado em um grupo que possui mais de 31 mil membros foram relativamente poucos os interessados.

Já em relação às entrevistas, foi encontrada a mesma dificuldade: dos 38 autores presentes no mesmo grupo, apenas seis concordaram em participar do estudo. Foram cogitadas outras formas de recrutamento, como o contato direto com autores presentes na plataforma, porém, a página de autores do Kindle não apresenta ferramentas de comunicação direta com os autores.

Também foi cogitado o envio de mensagens por outros meios, como e-mails ou mensagens via mídias sociais, porém esse esforço seria muito dispendioso, tendo em vista que seria necessário levantar em quais dessas mídias os autores estão presentes e ainda filtrar homônimos, autores que usam de pseudônimos e autores que usam apenas as iniciais tanto na plataforma Kindle quanto nas mídias sociais.

No entanto, como este estudo não teve como pretensão ser exaustivo sobre o tema, mas propor uma abordagem que poderá ser ampliada em termos de participantes e mesmo de questionamentos, os resultados em termos de participantes podem ser considerados satisfatórios.

Ainda em relação aos instrumentos de coleta de dados, como já discutido a escala Likert é muito útil como instrumento de psicometria, mas carece de granularidade e com amostras menores, como a deste estudo. A limitação a um número de respostas reduzido faz com que se perca parte de sua potência no fornecimento de resultados fidedignos. Por outro lado, um número maior de alternativas potencialmente pode afastar alguns respondentes, como pode ser observado na resposta de um participante que não quis participar da pesquisa.

Assim, como possibilidades de estudos futuros relacionados a este estudo estão uma nova rodada de coleta de dados, e ao invés de se utilizar um grupo no

Facebook, cuja distribuição depende de vários fatores relacionados ao próprio algoritmo da plataforma, utilizar de postagens patrocinadas (pagas) cujo alcance é maior.

Uma apresentação do modelo proposto também será disponibilizada na forma de um webinar<sup>22</sup> e em um pequeno curso online, com o objetivo de disseminar para autores e outros interessados o conhecimento construído até aqui, e ainda possibilitar uma nova rodada de troca de percepções a respeito da clareza e utilidade do modelo proposto.

Tendo em vista a dinâmica constante das mídias digitais e do mercado do livro eletrônico, também se sugere (e serão realizadas pelo autor deste estudo) rodadas periódicas de coleta de dados a fim de identificar mudanças na configuração do modelo proposto ao longo do tempo em um estudo longitudinal. Isso será possível pelas características cambiantes do modelo, não limitado a uma configuração fixa, mas flexível em função das mudanças no perfil dos respondentes.

Apesar de flexível e útil neste momento, a configuração visual do modelo pode e deve ser revisada a fim de torná-lo mais claro e permitir outros tipos de análise.

É necessário ainda validar o presente modelo especificamente com designers a fim de identificar as suas percepções e possíveis usos como ferramenta de projeto. Nesse sentido é importante pensar o designer não somente como o responsável pelo artefato livro, mas aquele que pode ativar toda a gama de possibilidades de socialização e propondo experiências cada vez mais ricas para o livro digital.

Também se sugere um aprofundamento qualitativo dos resultados deste estudo, de forma a esclarecer outros detalhes das correlações entre os elementos, e outras possibilidades de padrões, tendo como base a percepção dos leitores. São sugeridos ainda estudos que tratem de outros públicos do Kindle não contemplados nesta tese, a saber, pessoas maiores de 35 anos e/ou leitores pouco assíduos e mesmo leitores infanto-juvenis.

---

<sup>22</sup> Webinar ou *webinar* é uma webconferência ou videoconferência transmitida via internet onde apenas o palestrante fala e coleta percepções dos participantes por meio de comentários na plataforma onde é transmitido.

Finalmente, sugere-se o estudo e a proposição de um modelo relacionado ao uso de outros dispositivos de leitura como o Kobo, por exemplo, ou mesmo os livros físicos, de forma a comparar e compreender as diferenças na experiência de leitura de cada um deles.

## REFERÊNCIAS

ABNT. **Ergonomia da interação humano-sistema – Parte 210**: Projeto centrado no ser humano para sistemas interativos. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

AGARWAL-HOLLANDS, Usha; ANDREWS, Richard. From Scroll... to Codex... and Back Again. **Education, Communication & Information**, v. 1, n. 1, p. 59–73, 2001.

AL-AZZAWI, Ali. **Experience with Technology**: Dynamics of User Experience with Mobile Media. Berlim: Springer, 2014.

ALONSO ARÉVALO, Julio *et al.* El libro como sistema: hacia un nuevo concepto de libro. **Cuadernos de Documentación Multimedia**, v. 26, n. 0, p. 25–47, 2015.

ALONSO ARÉVALO, Julio; CORDÓN GARCÍA, José Antonio. Lectura Social, metadatos y visibilidad de la información. **XLV Jornadas Mexicanas de Biblioteconomía**. Monterrey, 2014.

ALONSO-ARÉVALO, Julio; CORDÓN-GARCÍA, José Antonio. Mediación y legitimación cultural: la impronta de las redes sociales. **Anuario ThinkEPI**, v. 6, p. 264–268, 2011.

APARICIO, Manuela. Data visualization. **Communication Design Quarterly**, v. 1, n. 3, p. 7–11, 2014.

ARMSON, Rosalind. **Growing Wings on the Way**: Systems Thinking for Messy Situations. Charmouth: Triarchy Press, 2011.

BAIRON, Sérgio. **O que é hipermídia**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

BALAS, Janet L. Developing library collections for a wired world. **Computers in Libraries**, v. 20, n. 6, p. 61–63, 2000.

BALLING, Gitte. **Litterær æstetisk oplevelse: læsning, læseoplevelser og læseundersøgelser**: en diskussion af teoretiske og metodiske tilgange. 2009. - University of Copenhagen, 2009.

BALLING, Gitte. What is a reading experience? *In*: ROTHBAUER, Paulette M. *et al.* (org.). **Plotting the Reading Experience**: Theory/Practice/Politics. Wilfrid Laurier University Press, 2016. v. 1, p. 417.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 2009.

BARON, Naomi S.; CALIXTE, Rachelle M.; HAVEWALA, Mazneen. The persistence of print among university students: An exploratory study. **Telematics and Informatics**, v. 34, n. 5, p. 590–604, 2017.

BATISTA, Irinéa de Lourdes; SALVI, Rosana Figueiredo; LUCAS, Lucken Bueno. Modelos científicos e suas relações com a epistemologia da ciência e a educação científica. **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

BERTALANFFY, Ludwig von; HOFKIRCHNER, Wolfgang; ROUSSEAU, David. **General System Theory: Foundations, Development, Applications**. New York: George Braziller Inc., 2015.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, v. 2, n. 1, p. 68–88, 2005.

BOONE JR., Harry N.; BOONE, Deborah A. Analyzing Likert Data. **Journal of Extension**, v. 50, n. 2, 2012.

BUSH, Vannevar. As We May think. **The Atlantic Monthly**, 1945.

CAIRO, Alberto. **The Truthful Art: Data, Charts, and Maps for Communication**. 1ª edição. Indianapolis: New Riders Publishing, 2016. v. 1

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. **Visão Sistêmica da Vida: Uma Concepção Unificada e Suas Implicações Filosóficas, Políticas, Sociais e Econômicas**. 1ª edição. São Paulo: Editora Pensamento - Cultrix, 2014.

CARD, Stuart K.; MACKINLAY, Jock. Structure of the information visualization design space. **Proceedings of the IEEE Symposium on Information Visualization**, Novembro de 1997, p. 92–99, 1997.

CARRARO, Aryane Beatryz. **Livros digitais infantis: Narrativa e leitura na era do tablet**. 2014. Orientadora: Katia Canton Monteiro. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2014.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Unesp, 2014.

CHARTIER, Roger. Novas tecnologias e a história da cultura escrita. Obra, leitura, memória e apagamento. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 35, n. 71, p. 17–29, 2018.

CHEN, Min; FLORIDI, Luciano; BORGIO, Rita. What is Visualization Really for?. **The Philosophy of Information Quality**, Maio, 2014.

CORDÓN GARCÍA, José Antonio; JARVIO FERNÁNDEZ, A. Olivia (2015). ¿Se está transformando la lectura y la escritura en la era digital?. **Revista Interamericana De Bibliotecología**, 38(2), 137–145. <https://doi.org/10.17533/udea.rib.v38n2a05>

CORDÓN-GARCÍA, José-Antonio *et al.* **Social Reading: Platforms, Applications, Clouds and Tags**. Witney: Chandos Publishing, 2013.

COUTINHO, Pedro; PESTANA, Olívia. **eBOOKS** : evolução, características e novas problemáticas para o mercado editorial. v. 3, n. 2015, p. 169–195, 2015.

DADICO, Luciana. Modos de Ler Livros em Meios Digitais: Transformações da Experiência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 3, p. 725–737, 2017.

DAMÉ, Gabriela de Moraes. **Livro eletrônico: um estudo prospectivo da leitura interativa**. 2014. 147 f. Orientadora: Berenice Santos Gonçalves. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica, Florianópolis, 2014.

DENARDI, D. F. A., CATTANI, A. Elementos não literários da experiência de leitura em e-books e livros físicos: uma revisão bibliográfica *In*: OLIVEIRA, G. G. de; NÚÑEZ, G. J. Z. **Design em Pesquisa – Volume 4**. Porto Alegre: Marcavizual, 2021. cap. 21, p. 418-434. E-book. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>. Acesso em: 5 ago.2021

DESTEFANO, Diana; LEFEVRE, Jo-Anne. Cognitive load in hypertext reading: A review. **Computers in Human Behavior**, v. 23, p. 1616–1641, 2007.



DICK, Maurício Elias; GONÇALVES, Berenice Santos. O pensamento sistêmico no processo de design de livros digitais: a proposta “Framebook”. **Estudos em Design**, v. 27, n. 3, 2019.

DONALD, T. H. Electronic books: a major publishing revolution. **Online** v. 24, n. 4, pp 14-28, 2000.

EVANGELISTA, Eduardo. **Quadrinhos Digitais: Potencializando a Leitura**. 2013. 1–159 f. Orientador: Gilson Braviano. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FINKELSTEIN, David; MCCLEERY, Alistair. **Introduction to book history**. Routledge, 2012.

NIELSEN BOOKDATA. **Produção e vendas do setor editorial brasileiro**. Nielsen Consumer LLC. 2022.

FLATSCHART, Fábio. **Livro Digital Etc**. Rio de Janeiro: Editora Brasport, 2014.

FORLIZZI, Jodi; FORD, Shannon. The building blocks of experience: an early framework for interaction designers. *In: Proceedings of the 3rd conference on Designing interactive systems: processes, practices, methods, and techniques*. 2000. p. 419-423.

GERLEE, Philip; LUNDH, Torbjörn. **Scientific models: Red Atoms, White Lies and Black Boxes in a Yellow Book**. Suíça: Springer, 2016.

HABER, Robert B; MCNABB, David A. Visualization Idioms: A Conceptual Model for Scientific Visualization Systems. **Visualization in scientific computing**, v. 74, p. 93, 1990.

HASSENZAHN, Marc. Experience Design: Technology for All the Right Reasons. **Synthesis Lectures on Human-Centered Informatics**, v. 3, n. 1, p. 1–95, 2010.

HASSENZAHN, Marc. The effect of perceived hedonic quality on product appealingness. **International Journal of Human-Computer Interaction**, v. 13, n. 4, p. 481-499, 2001.

- HASSENZAHL, Marc. User experience (UX) towards an experiential perspective on product quality. *In: Proceedings of the 20th Conference on l'Interaction Homme-Machine*. 2008. p. 11-15.
- HASSENZAHL, Marc; LAW, E. Lai-Chong; HVANNBERG, Ebba Thora. User Experience-Towards a unified view. *Ux Ws Nordichi*, v. 6, p. 1-3, 2006.
- HELLWEGER, Stefan; WANG, Xiaofeng. **What is user experience really**: towards a UX conceptual framework. arXiv preprint arXiv:1503.01850, 2015.
- HOFKIRCHNER, Wolfgang; SCHAFRANEK, Matthias. General system theory. *In: HOOKER,Cliff. Philosophy of complex systems*. North-Holland, 2011. p. 177-194.
- JOSHI, Ankur *et al.* Likert scale: Explored and explained. *British journal of applied science & technology*, v. 7, n. 4, p. 396, 2015.
- KALBACH, James. **Mapping experiences**. O'Reilly Media, 2020.
- KHINE, Myint Swe; SALEH, Issa M. (ed.). **Models and modeling**: Cognitive tools for scientific enquiry. Springer Science & Business Media, 2011.
- LAW, Effie *et al.* Towards a shared definition of user experience. *In: CHI'08 extended abstracts on Human factors in computing systems*. 2008. p. 2395-2398.
- LAW, Effie Lai Chong; VAN SCHAİK, Paul; ROTO, Virpi. Attitudes towards user experience (UX) measurement. *International Journal of Human Computer Studies*, v. 72, n. 6, p. 526–541, 2014.
- LEIRO, Jayme; FILHO, Vilan. Hipertexto: visão geral de uma nova tecnologia de informação. *Ciência da informação*, v. 23, n. 3, p. 295–308, 1994.
- LÉVY, Pierre. **Inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4ª edição São Paulo: Loyola, 2003.
- LIEBERS, Nicole; SCHRAMM, Holger. Friends in books: The influence of character attributes and the reading experience on parasocial relationships and romances. *Poetics*, v. 65, n. September, p. 12–23, 2017.

LOWDERMILK, Travis. **Design Centrado no Usuário**. 1ª edição ed. São Paulo: Novatec Editora, 2013.

MALDONADO, Tomás. **Design industrial**. Lisboa: Edições 70, 2006.

MANLEY, Laura; HOLLEY, Robert P. History of the Ebook: The Changing Face of Books. **Technical Services Quarterly**, v. 29, n. 4, p. 292–311, 2012.

MEADOWS, Donella H. **Thinking in Systems**. Chelsea: Chelsea Green Publishing, 2008.

MORAES, Dijon De. **Metaprojeto: o design do design**. 1ª edição ed. São Paulo: Blücher, 2010.

MORGAN, E. L. Electronic books and related technologies. **Computers in Libraries**, v. 1, p. 36–19, 1999.

MOSCHIN, Isabela Zamboni. **Experiência do usuário e e-readers: uma análise a partir da perspectiva do design emocional**. 2019. 84 f. Orientadora: Vânia Cristina Pires Nogueira Valente. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Artes e Comunicação - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2019.

MURRAY, Janet Horowitz. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Unesp, 2003.

NORMAN, Donald Arthur.; DEIRO, Ana. **Design emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia**. São Paulo: Rocco, 2008.

NORMAN, Donald Arthur; DEIRÓ, Ana. **O design do dia-a-dia**. São Paulo: Rocco, 2006.

OLLAIK, Leila Giandoni; ZILLER, Henrique Moraes. Concepções de validade em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 1, p. 229–242, 2012.

ONWUEGBUZIE, Anthony J.; LEECH, Nancy L. Validity and qualitative research: An oxymoron?. **Quality and Quantity**, v. 41, n. 2, p. 233–249, 2007.

PRICE, Leah. **What we talk about when we talk about books: The history and future of reading**. 1ª edição. Nova Iorque: Basic Books, 2020-. ISSN 2475-0158.

PROVDANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª edição. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013. ISSN 1098-6596.

RAMDARSHAN BOLD, Melanie; WAGSTAFF, Kiri L. Marginalia in the digital age: Are digital reading devices meeting the needs of today's readers? **Library and Information Science Research**, v. 39, n. 1, p. 16–22, 2017.

ROTO, Virpi *et al.* **User experience white paper: Bringing clarity to the concept of user experience**. 2011.

ROVAI, Alfred P.; BAKER, Jason D.; PONTON, Michael K. **Social Science Research Design and Statistics: A Practitioner's Guide to Research Methods and IBM SPSS Analysis**. 2ª edição. Chesapeake: Watertree Press LLC, 2013.

SANDERSON, David J.; PEACOCK, David CP. **Making rose diagrams fit-for-purpose**. *Earth-Science Reviews*, v. 201, p. 103055, 2020.

SALVETTE, Paul. **The eBook Design and Development Guide**. Suan Luang: BB eBooks, 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SHNEIDERMAN, Ben. Eyes have it: a task by data type taxonomy for information visualizations. **IEEE Symposium on Visual Languages, Proceedings**, p. 336–343, 1996.

SKYTTNER, Lars. **General systems theory: ideas & applications**. 1ª edição. World Scientific Publishing Company, 2001.

SZABO, Peter W. **User Experience Mapping: Enhance UX with User Story Map, Journey Map and Diagrams**. 1ª edição. Birmingham: Packt Publishing, 2017.

TEIXEIRA, Fabricio. **Introdução e boas práticas em UX Design**. 1ª edição. São Paulo: Casa do Código, 2014.

TEIXEIRA, Deglaucy Jorge; GONÇALVES, Berenice S. Interatividade e multimídia no contexto de narrativas para ebook infantil em dispositivos móveis: uma revisão sistemática. **Conexão – Comunicação e Cultura**, v. 13, n. 26, p. 56–73, 2014.

THUMALA OLAVE, María Angélica. Book love. A cultural sociological interpretation of the attachment to books. **Poetics**, v. 81, n. July 2019, p. 101440, 2020.

UNGER, Ross; CHANDLER, Carolyn. **A Project Guide to UX Design: For user experience designers in the field or in the making**. 2ª edição. Indianapolis: New Riders, 2012.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1

### Revisão bibliográfica sistemática

Com o objetivo de identificar o estado da arte em relação à leitura social e verificar o ineditismo desta tese foi realizada a revisão bibliográfica sistemática descrita a seguir.

A revisão foi realizada nas bases de dados Science Direct, Scopus, Periódicos da Capes e Google Acadêmico no período compreendido entre os dias 18 a 22 de julho de 2020 utilizando a seguinte *string* de busca:

```
("reading experience" OR "experiência de leitura" OR "user experience" OR "experiência do usuário") AND ("social reading" OR "lectura social" OR "leitura social")
```

Como critérios de inclusão foram selecionados apenas estudos publicados a partir de 2018 a fim de incluir apenas as pesquisas mais recentes dentro do tema.

Nenhum resultado foi encontrado na plataforma Scopus. Dentre as outras plataformas foram localizados 118 artigos, sendo 10 artigos na plataforma Science Direct, dois na plataforma Periódicos da Capes e 106 no Google Acadêmico. Destes, 10 não puderam ser recuperados por estarem protegidos em plataformas pagas ou por terem links quebrados. Outros 10 artigos apareciam em mais de uma plataforma, sendo por isso excluídos da contagem final. Assim, esta amostra é composta por 108 artigos.

Após a identificação e catalogação dos artigos, foi realizada uma filtragem com base nos títulos e resumo dos artigos. Com base nas leituras os artigos foram classificados em relação ao tema e em relação a abordagem do problema.

Em relação ao tema os resultados foram classificados em 12 categorias, a saber: Experiência de leitura, relacionada a estudos que abordavam aspectos relacionados ao processo de leitura propriamente dito; Literatura, estudos que tratavam da arte da escrita e da literatura de uma forma geral; Tecnologia: artigos

que propõem ou analisam tecnologias ligadas ao livro eletrônico; Leitura social, artigos que tratam da socialização do processo de leitura; Educação, artigos que tratam de processos educacionais de uma maneira geral; Biblioteconomia, pesquisas ligadas ao uso de *e-readers* e livros eletrônicos e sua relação com a biblioteconomia; Economia: estudos das relações econômicas que envolvem os livros eletrônicos; Acessibilidade: estudos dedicados à acessibilidade em livros eletrônicos; Editorial, tratando de textos introdutórios em livros e também foi apresentado como resultado um texto sobre o psicólogo Lacan, sendo classificado como “não relacionado” ao tema. As distribuições de frequências dos temas podem ser observados na tabela a seguir.

Distribuição de frequência dos temas gerais

<b>Tema</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Experiência de leitura</b>	41
<b>Literatura</b>	11
<b>Tecnologia</b>	7
<b>Leitura social</b>	27
<b>Inacessível</b>	10
<b>Educação</b>	12
<b>Biblioteconomia</b>	2
<b>Economia</b>	4
<b>Não relacionado</b>	1
<b>Acessibilidade</b>	1
<b>Editorial</b>	2
<b>Total</b>	<b>98</b>

Fonte: do autor

Uma segunda filtragem foi realizada a fim de identificar as abordagens dos artigos para encontrar estudos relacionados à proposição de modelos dentro do universo da leitura social.



41 artigos tratavam de ensaio teóricos sobre a experiência de leitura e a leitura social; 26 foram classificados como levantamentos quando descreviam processos de coletas e análise de dados; nove artigos foram classificados como análise por analisarem dados já existentes; cinco artigos propunham novas tecnologias relacionadas ao livro eletrônico; quatro artigos tratavam de propostas de artefatos como a criação de livros eletrônicos específicos; três artigos foram classificados como estudos comparativos por compararem diferentes tecnologias ou abordagens; um artigo apresentava um estudo de caso; um artigo apresentava uma revisão de literatura; um artigo era um guia de boas práticas; e quatro artigos propunham algum tipo de modelo, sendo estes analisados a seguir. As distribuições de frequências das classificações pela abordagem dos estudos podem ser observadas na tabela a seguir.

Distribuição de frequências em relação à abordagem dos estudos

<b>Tema</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Ensaio teórico</b>	41
<b>Levantamento</b>	28
<b>Análise</b>	9
<b>Proposição de tecnologias</b>	5
<b>Modelo</b>	4
<b>Proposta de artefato</b>	4
<b>Estudo comparativo</b>	3
<b>Estudo de caso</b>	1
<b>Revisão de literatura</b>	1
<b>Psicologia</b>	1
<b>Guia</b>	1
<b>Total</b>	<b>98</b>

Fonte: dos autores

Sendo o objetivo desta tese estudar e caracterizar um modelo de leitura social no *e-reader* Kindle sob o ponto de vista de seus usuários, faz-se necessário conhecer outros estudos que tratem do mesmo tema a fim de caracterizar o ineditismo dele. Assim, a seguir serão analisados os quatro artigos identificados nesta revisão e que propõem modelos relacionados à experiência de leitura e/ou a leitura social.

O primeiro artigo é “Framebook: um framework para o processo de design de livros digitais” de Maurício Elias Dick, o estudo é uma proposta de framework para o processo de livros digitais, incorporando elementos da teoria sistêmica para pensar e apresentar o framework. O framework foi proposto tendo como base a literatura atual sobre o tema bem como entrevistas com profissionais que atuam no desenvolvimento de livros digitais.

A principal diferença da proposta do estudo de Maurício Elias Dick para esta tese é que no caso do primeiro interessavam as percepções dos profissionais ligados ao livro eletrônico, enquanto nesta tese o recorte se dá pelas percepções dos leitores/usuários do *e-reader* Kindle.

O segundo artigo “Captivating, splendid or instructive? Assessing the impact of reading in online book reviews” de Peter Boot e Marijn Koolen avalia o impacto afetivo geral (sentimentos narrativos, resposta ao estilo e reflexão) por meio da análise de resenhas de livros holandeses propondo a seguir um modelo preditivo desse tipo de experiência.

Aqui a diferença se dá tanto no recorte dado ao dispositivo Kindle quanto ao método de coleta de dados, enquanto no estudo de Peter Boot e Marijn Koolen ele se dá pela análise de resenhas, neste estudo ele acontece pela interrogação direta dos usuários/leitores.

O terceiro artigo relacionado é “I've Got All My Readers With Me: A Model of Reading as a Social Activity” de Huiwen Zhang, Dana McKay e George Buchanan que propõem um modelo do processo de leitura social por meio de um estudo diário, complementado com entrevistas buscando capturar os comportamentos sociais de leitura dos leitores. Os autores identificaram as etapas que compõem o processo de

leitura social, a saber Inspiração e Motivação, Leitura, Compreensão e Enriquecimento e Interação Social propondo um fluxo que descreve esse processo.

Nesse caso, a diferença está novamente no recorte, enquanto o estudo de Huiwen Zhang, Dana McKay e George Buchanan pretende descrever o processo de leitura social, nesta tese buscam-se relacionar os elementos da leitura social.

O quarto estudo é “The Impact of Interactivity on User Satisfaction in Digital Social Reading: Social Presence as a Mediator” de Wu Li, Yuanyi Mao e Liuning Zhou busca descrever o efeito da interatividade na satisfação de leitura dos usuários por meio do efeito mediador da presença social, tendo como base principalmente as mídias sociais. O modelo foi proposto por meio de formulários online tendo como base a Teoria dos Efeitos de Mídia Interativa.

Finalmente, no estudo de Wu Li, Yuanyi Mao e Liuning tem como base a Teoria dos Efeitos de Mídia Interativa, relacionando os seus elementos em um modelo que descreve o relacionamento entre os elementos de interatividade e a satisfação dos leitores. Já nesta tese se busca descrever os relacionamentos de outros elementos além das mídias sociais, como por exemplo os sistemas internos de socialização da leitura presentes no *e-reader* Kindle.

Assim, pode-se afirmar que esta tese atende ao requisito de ineditismo.

Todos os artigos analisados nesta revisão sistemática de literatura podem ser observados no quadro a seguir.

Lista de todos os estudos identificados na revisão sistemática de literatura

<b><i>Autores</i></b>	<b><i>Título</i></b>	<b><i>Publicação</i></b>	<b><i>Ano</i></b>
Warren, John W;	Always the eBook of the Future	The Journal of Electronic Publishing	2022
Liu CC,Liao MG,Chang CH,Lin HM	An analysis of children' interaction with an AI chatbot and its impact on their interest in reading	Computers & Education	2022
Liu CC,Liao MG,Chang CH,Lin HM	An Indigenous Australian student's perezhivanie in reading and the evolvement of reader identities over three years	Computers and education	2022
Pinzon, Vitória de Oliveira;	Configurational Path to Chinese Reading Stickiness of Digital Library		2022

Benedict, Timothy O;	DIPARTIMENTO DI LETTERATURA, FILOLOGIA E LINGUISTICA		2022
Green, Mel;	Four Shades of Gray: The Amazon Kindle Platform		2022
Rowberry, Simon Peter;	Framebook: um framework para o processo de design de livros digitais		2022
Portela, Manuel;	Literary Theory and Social Reading Models		2022
Mercanti, Fabio;	Post-digital printing: exploring the relation between print and digital publishing	AIB studi	2022
Cetto, Sara;	Posthuman Modes of Reading Literature Online		2022
Pink, Elizabeth I;	Publishing and Digital Culture: Agility, Community, Collaboration		2022
Lizunova, Irina V; van der Weel, Adriaan; Garcia-Febo, Loida; Pshenichnaya, Evgeniya V;	Reading online: updating the state of the discipline	Annals of Library and Information Studies (ALIS)	2022
Lizunova IV, van der Weel A, Garcia-Febo L, Pshenichnaya EV	Reading socially: Transforming the in- home reading experience with a learning-companion robot	Annals of library and information studies	2022
Cremin, Teresa; Hendry, Helen; Leon, Lucy Rodriguez; Kucirkova, Natalia;	Reading: skilled linguistic action		2022
Egger, Miranda L;	Representations of Social Media in Popular Discourse		2022
Rowberry, Simon;	The impact of interactivity on user satisfaction in digital social reading: Social presence as a mediator	Digital Humanities Quarterly	2022
Vivarelli, Maurizio;	The limits of Big Data for analyzing reading	Cases on Developing Effective Research Plans for Communications and Information Science	2022
Loh, Chin Ee; Sun, Baoqi;	The past, present, and future of social annotation	Literacy	2022
Santa María L, Aliagas C, Rutten K		Learning, Culture and Social Interaction	2022
Reichl, Susanne; Mayrhofer, Miriam; Schuster, Christina;	"I'm So Confused!": Social Reading Practices and Their Semiotic Affordances on Goodreads	Mediation and Multimodal Meaning Making in Digital Environments	2021
Clapp, Jeffrey; DeCoursey, Matthew; Lee, Sze Wah	"Something fruitful for all of us": Social annotation as a signature pedagogy	Arts and Humanities in Higher Education	2021

Sarah; Li, Kris;	for literature education		
Chen J,Lin CH,Chen G	A cross-cultural perspective on the relationships among social media use, self-regulated learning and adolescents' digital reading literacy	Computers & Education	2021
Peng, Yuan;	Ancient ancestors for modern practices: An evolutionary concept analysis of digital marginalia	2021 International Conference on Economic Development and Business Culture (ICEDBC 2021)	2021
Blackwell, Brianna;	Aplicativos móveis para praticar a leitura social: análise e avaliação de recursos úteis		2021
Li, Peixuan; Liu, Zhen;	Being chatty is allowed: Design implications of an innovative online reading experience	International Conference on Human-Computer Interaction	2021
Deng, Yongliang; Zhang, Hua;	Could the Digital Option Work for a Book Market under Stress?	Transactions on Asian and Low-Resource Language Information Processing	2021
Rebora, Simone; Boot, Peter; Pianzola, Federico; Gasser, Brigitte; Herrmann, J Berenike; Kraxenberger, Maria; Kuijpers, Moniek M; Lauer, Gerhard; Lendvai, Pirooska; Messerli, Thomas C;	Digital Reading and Writing in Composition Studies	Digital Scholarship in the Humanities	2021
Sorrentino, Pasqualina;	E-book accessibility		2021
Zhang, Huiwen; Buchanan, George; McKay, Dana;	Hyperparatextuality: Meaning-making in the digital reading frame	International Conference on Information	2021
Zhang, Huiwen; McKay, Dana; Buchanan, George;	Identification of key influencing factors of user experience of mobile reading APP in China based on the fuzzy-DEMATEL model	Proceedings of the 2021 Conference on Human Information Interaction and Retrieval	2021
Zhang, Yi; Rong, Xing; Shu, Mengfei; Chen, Qiang;	Interatividade em livros digitais: adaptação de um livro impresso para o meio digital	Mathematical Problems in Engineering	2021
Cajazeiras, Mateus Henrique Costa;	Knowledge Service in Social Reading Platform: Mechanism, Technical Logic and Path		2021
Zhuyuan, YANG;	La lectura digital: intelección, apropiación y contextos	Journal of Jishou University (Social Sciences Edition)	2021
Garcia, Jose Antonio Cordon;	Lacan's Trash Talk: Three Objects for	Biblioteche oggi trends	2021

	the Internet		
Burnham, Clint;	Lady Chatterley's Library: Books and Reading as Public Performance and Private Act	Lacan and the Environment	2021
Mckay, Dana; Twidale, Michael B; Buchanan, George;	Learning with fiction, together	Proceedings of the 2021 Conference on Human Information Interaction and Retrieval	2021
Pianzola, Federico;	Lectura literaria en las redes sociales: un tiempo para plantar y un tiempo para cosechar	Digital Social Reading	2021
Mulas, María Antonia Moreno;	Leyendo al lector social: evolución de la literatura infantil y juvenil española en Goodreads	Patrimonio textual y humanidades digitales	2021
Sánchez-García, Patricia; Hernández-Ortega, José; Rovira-Collado, José;	Literary Pragmatics and Intercultural Dialogue in the Beginning Language Class: A Study in Social Reading	Ocnos. Revista de estudios sobre lectura	2021
Alfred, Peju; Warner, Chantelle;	Literary Simulation and the Digital Humanities: Reading, Editing, Writing	Teaching and Learning Second Language Pragmatics for Intercultural Understanding	2021
Falguera-García, Enric; Selfa-Sastre, Moisés;	Novos produtos e serviços na Educação 5.0	Ocnos	2021
Tang, Kai-Yu;	Peer Reading Promotion in University Libraries	Computers & Education	2021
Jiang, Yiping; Chi, Xiaobo; Lou, Yan; Zuo, Lihua; Chu, Yeqi; Zhuge, Qingyi;	Per una visione sistemica del prestito digitale bibliotecario	Information Technology and Libraries	2021
Glavanakova, Alexandra;	Practices and Technologies across Two Reading Revolutions: Reading the Eighteenth Century into the Twenty-First.	Transhumanism and Posthumanism in Twenty-First Century Narrative	2021
Tanderup, Sara;	Reading Teachers: Nurturing Reading for Pleasure	SoundEffects: an interdisciplinary journal of sound and sound experience	2021
Linkis ST	Reading with Social, Digital Annotation: Encouraging Engaged Critical Reading in a Challenging Age	SoundEffects (Aarhus, Denmark)	2021
Cowley SJ	Social reading e gruppi di lettura: un rapporto controverso?	Language Sciences	2021
Pianzola, Federico;	Social Reading Experiment : 電子メディアにおける読書体験の共有	Digital Social Reading	2021

がもたらす読書行動の変化

Birke, Dorothee;	The discourse of pre-school storytime: a Text World Theory account	Poetics Today	2021
Thomas B	The Ebook Imagination: Patents and the development of digital publishing	Language Sciences	2021
Li, Wu; Mao, Yuanyi; Zhou, Liuning;	The Nature and Potential of Digital Collaborative Reading Practices for Developing English as a Foreign Language.	International Journal of Human–Computer Interaction	2021
Laffer A	Worth 1000 Words? The Influence of Image Versus Text Content on the Book Selection Process	Poetics	2021
Boot, Peter; Koolen, Marijn;	Comunicação e literatura: a cultura de resenhas na plataforma Goodreads	Scientific Study of Literature	2020
CORRIGAN-KAVANAGH, EMILY MARY; FROHLICH, DAVID MARK; Yuan, Haiyue; BOBER, MIROSLAW Z;	Digital humanities and digital social reading	Journal of design research: JDR	2020
Baron, Naomi S;	Digital Social Reading and Annotation in the Japanese University Classroom: A Case Study Using Perusall	Handbook of Reading Research, Volume V	2020
Krömer C	Exploring Goodreads reviews for book impact assessment		2020
Barnett, Tully;	I've Got All My Readers With Me: A Model of Reading as a Social Activity	Book 2.0	2020
Filatro, Andrea; Loureiro, Ana Claudia;	Obiettivi e strumenti delle digital PR in editoria: relazionarsi con i lettori nei social media		2020
Kraft, Tobias;	Reading on paper and screens: advantages, disadvantages, and digital divide	Latin American Literatures in the World Literaturas Latinoamericanas en el Mundo	2020
Broughton, Abby R;	The digital revolution and the future of American reading		2020
Baron, Naomi S;	The Global Market 1970–2015: Consumers	A Companion to American Literature	2020
Jackson, Sarah;	The Identity of the Public Library and Reading Practices: Overview of the Reading (&) Machine Project and Its Context		2020
Solmaz, Osman;	Trends in E-book Research.	International Online Journal of Education and Teaching	2020

Pianzola, Federico; Reborá, Simone; Lauer, Gerhard;	Why Digital Displays Cannot Replace Paper: The Cognitive Science of Media for Reading and Writing	PloS one	2020
Mackey, Margaret;	Youth's literary socialisation practices online: A systematic review of research	Handbook of Reading Research, Volume V	2020
Shibata, Hirohito; Omura, Kengo;			2020
Zhang, Huiwen; McKay, Dana; Buchanan, George;		32nd Australian Conference on Human-Computer Interaction	2020
Liang, Xiaofeng;	A New Model of Social Reading Based on Blockchain technology		2019
De La Vega Fernández, Valeria María;	Adaptación del e-book en Colombia		2019
Ng C, Renshaw P	Analysis of Characteristics of Social Reading APP Use Behavior of High School Students	Learning, Culture and Social Interaction	2019
Zhou, Ziwei;	Analysis of the Marketing Strategy of WeChat Reading App Based on the Four Ps of Marketing	1st International Symposium on Education, Culture and Social Sciences (ECSS 2019)	2019
Kukreja, Prateek;	Augmented Reality Enhanced Traditional Paper Book Reading Experience Design: A Case for University Library		2019
de Azevedo Junior, Delmir Peixoto; FILATRO, ANDREA CRISTINA; Cavalcanti, Carolina Costa; Nogueira, Osvaldo; Silva, Elka Juttel;	Designing for the next generation of augmented books		2019
Lamb, Mary R; Parrott, Jennifer M;	Digital reading: A research assessment		2019
Wang K, Liu X, Han Y	Faraway, so Close: Seeing the intimacy in Goodreads reviews	Journal of Informetrics	2019
Driscoll, Beth; Rehberg Sedo, DeNel;	For the love of good stories: a narrative inquiry into a reading for enjoyment pedagogy	Qualitative Inquiry	2019
Dick, Maurício Elias;	Gatekeeping algorithms with human ethical bias: The ethics of algorithms in archives, libraries and society		2019
Berenike, Herrmann; Messerli, Thomas C;	Multi-modal, multi-source reading: A multi-representational reader's	DH2020 Conference	2019



	perspective		
Vogrincic Cepic, Ana; Kukkonen, Karin;	Pre-service teachers' beliefs and intended practices around the promotion of reading for pleasure among primary children	International Journal of the Book	2019
Davies, Rosamund; Sorrentino, Miriam;	Read in Browser: Reading platforms, frames, interfaces, and infrastructure		2019
Barnett, Tully;	Reading and Ownership	Participations: Journal of Audience and Reception Studies	2019
Towheed, Shafquat; Nash, Andrew; Squires, Claire;	Reading in the Digital Age		2019
Squires, Claire;	The impact of technology use on adolescents' leisure reading preferences	A Companion to the History of the Book	2019
Rowberry, Simon;	The Writer's Guide to Wattpad: The Comprehensive Guide to Building and Sustaining a Successful Career	Participations	2019
Licastro, Amanda;	Violências e formas de representação: estudo comparado entre romances e museus	Digital reading and writing in composition studies	2019
Marçal, Quele Pinheiro Valença;	A leitura no mundo digital: reflexões acerca do livro eletrônico		2018
Rebora, Simone; Pianzola, Federico;	A new research programme for reading research: analysing comments in the margins on Wattpad	DigitCult-Scientific Journal on Digital Cultures	2018
Dantas, Taísa;	AREAS AND OPTIONS FOR THE USE OF GAMES IN LIBRARY ACTIVITIES	Palabra clave	2018
Barnett, Tully; Kooyman, Ben;	Assessing the impact of annotation on understanding and retaining online news articles	Adapting Frankenstein	2018
Jordan, Beth; Smith, Glenn; Austin, Diane;	Bookpar. A localized book sharing service: create a new scenario for physical bookstore	EdMedia+ Innovate Learning	2018
YANG, XIAODAN;	Captivating, splendid or instructive?: Assessing the impact of reading in online book reviews		2018
KARAKATSOULI, ANNA;	Customers' value perceptions: A case study of ebook service customers' value constructs		2018
Leinonen, Aarne;	Design instrucional 4.0		2018
Shahzad, Hina;	Expériences de lecture Babelio		2018
van Otterlo, Martijn;	Hey Alexa, What Should I Read?	arXiv preprint	2018

	Comparing the Use of Social and Algorithmic Recommendations for Different Reading Genres	arXiv:1801.01705	
Salgaro, Massimo; Rebor, Simone;	Metaphors we read by: Finding metaphorical conceptualizations of reading in web 2.0 book reviews	AIUCD 2018	2018
Ainsworth SE	Networked poetry: reading and writing on Wattpad	Learning and Instruction	2018
Murray, Simone;	Reading Spaces: Original Audiobooks and Mobile Listening	Book History	2018
Michaelis, Joseph E; Mutlu, Bilge;	Reading still matters: What the research reveals about reading, libraries, and community	Science Robotics	2018
Ross, Catherine Sheldrick; McKechnie, Lynne EF; Rothbauer, Paulette M;	Reading, Making, and Metacognition: Teaching Digital Humanities for Transfer.		2018
Fyfe, Paul;	Social reading becomes digital	DHQ: Digital Humanities Quarterly	2018
Ingleton, Pamela;	Social Reading e Social Book Networks		2018
Di Carlo, Chiara;	Social Reading: Developing a Multi-Literate Community in the French Classroom	DigitCult-Scientific Journal on Digital Cultures	2018
Marchese, Viola;	Social Reading? On the Rise of a "Bookish" Reading Culture Online	DigitCult-Scientific Journal on Digital Cultures	2018
Sobieck, Benjamin;	Wattpad as a resource for literary studies. Quantitative and qualitative examples of the importance of digital social reading and readers' comments in the margins		2018
Kumbhar, Rajendra;	When readers talk about characters as if they were real, how do they talk about them? Empathy and gossip in reading group discourse	DESIDOC Journal of Library & Information Technology	2018
WÓJCIK, MAGDALENA;	Assembling the body/text: Frankenstein in new media	zeszyt 2	
STORYTELLING, UN PROGETTO DI TRANSMEDIA; LA REALIZZAZIONE, DI UNE; DEL SITO, BOOK E LA CREAZIONE;	Does the medium matter? Digital vs. paper reading for leisure and foreign language learning		
Frye, Northrop; Barthes,	Measuring the 'Critical Distance'. A		

Roland;	corpus-based analysis of Italian book reviews
Kozhanova, Daria;	Paradigm shifts in e-book-supported learning: Evidence from the Web of Science using a co-citation network analysis with an education focus (2010–2019)
園 道晴,岸 博幸	The #bookstagram: distributed reading in the social media age
Valle, Ana Luiza Rocha do;	Who Reads What, in Which Formats, and Why?

## APÊNDICE 2

### Questionário

#### Levantamento de percepções a respeito da leitura social no e-reader Kindle

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada "Proposta de modelo de experiência de leitura social no e-reader Kindle" com o objetivo principal de propor um modelo relacionando elementos da leitura social com a experiência de leitura no e-reader Kindle tendo como base as percepções dos usuários do dispositivo.

Esse documento possui todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão de participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Se você concordar em participar basta selecionar a opção no formulário concordando com a participação na pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com os responsáveis pela pesquisa cujos contatos estão disponibilizados a seguir.

Para participar da pesquisa você terá que responder a um questionário contendo perguntas abertas e fechadas sobre a sua percepção de uso do e-reader Kindle. Você não precisa se identificar, mas solicitamos seu e-mail para envio de uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As suas respostas serão analisadas e apenas os pesquisadores envolvidos no projeto conhecerão esse material para discutir os resultados. Todos os procedimentos para a garantia da confidencialidade aos participantes serão observados, procurando-se evitar descrever informações que possam lhe comprometer.

O benefício esperado com a pesquisa será contribuir para esclarecer os componentes da experiência de leitura e da leitura social sob o ponto de vista dos usuários do dispositivo, permitindo a autores, editores e designers propor livros eletrônicos mais adequados às preferências do público.

Os riscos que você pode correr ao realizar a pesquisa é de ser identificado mesmo com todos os cuidados de sigilo adotados e o aborrecimento por ter que disponibilizar o seu tempo para a pesquisa. Para minimizar esses riscos os dados coletados apenas serão acessados pelos pesquisadores responsáveis, que se comprometem a manter essas informações seguras. Quanto ao tempo dedicado à pesquisa essa tem um tempo médio de resposta de 5 minutos. Mas, se diante dessas explicações você acha que está suficientemente informado(a) a respeito da pesquisa que será realizada e concorda de livre e espontânea vontade em participar da pesquisa é só clicar em concordo no formulário da pesquisa.

Caso você possua perguntas sobre o estudo ou se pensar que houve algum prejuízo pela sua participação nesse estudo, pode conversar a qualquer hora com a pesquisadora da pesquisa pof. Dr. Airtton Cattani através do telefone (51) 9352-3736, com o pesquisador assistente Davi Frederico do Amaral Denardi (53) 98158-1262.

denardi.davi@gmail.com [Alternar conta](#)



\*Obrigatório

E-mail \*

denardi.davi@gmail.com

Diante das explicações você acha que está suficientemente informado(a) a respeito da pesquisa que será realizada e concorda de livre e espontânea vontade em participar, como colaborador? \*

- Concordo
- Não concordo

Próxima

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

## Levantamento de percepções a respeito da leitura social no e-reader Kindle

denardi.davi@gmail.com [Alternar conta](#)



\*Obrigatório

### Perfil de uso

Nesta seção vamos tentar identificar o seu perfil de uso do e-reader Kindle.

Qual sua idade \*

42 \_\_\_\_\_

Há quanto tempo você possui um e-reader Kindle? \*

- Menos de 6 meses
- De 6 meses a um ano
- Mais de um ano

Quantas vezes você costuma usar o e-reader Kindle? \*

- Mais de uma vez por semana
- Uma vez por semana
- Uma vez por mês
- Menos de uma vez por mês

Sexo \*

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não responder

Qual a versão do Kindle você usa \*

- Amazon Kindle Paperwhite
- Amazon Kindle
- Amazon Kindle Oasis
- Aplicativo Kindle para smartphones
- Kindle Cloud Reader (usado em navegadores)
- Não sei responder
- Outro: \_\_\_\_\_

[Voltar](#)

[Próxima](#)

[Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

# Levantamento de percepções a respeito da leitura social no e-reader Kindle

denardi.davi@gmail.com [Alternar conta](#)



\*Obrigatório

## Sobre o uso do Kindle

Utilizaremos nesta pesquisa o termo "Experiência de Leitura", ele inclui todas as emoções, crenças, preferências, percepções, respostas físicas e psicológicas, comportamentos e realizações do usuário que ocorrem antes, durante e depois do uso. Em outras palavras a "Experiência de Leitura" inclui todas as suas percepções antes, durante e depois do uso, e não apenas durante a leitura do livro.

Nosso objetivo é descrever a experiência de leitura como um fator social, então este será o foco das perguntas a seguir.

As avaliações de um livro dentro da plataforma do Kindle na internet tem reflexo \* na minha experiência de leitura

### 1984 eBook Kindle

por George Orwell (Author) | Formato: eBook Kindle

★★★★★ 2.524 avaliações de clientes

Exemplo de avaliação de livro dentro da plataforma do Kindle

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente        Concordo plenamente

Os comentários de outros leitores dentro da plataforma do Kindle na internet tem \* reflexo na minha experiência de leitura



artlaw

★★★★★ **Sopro mental**

Avaliado no Reino Unido em 6 de janeiro de 2019

Compra verificada

Este livro foi recomendado para mim inúmeras vezes por alguns anos, e agora eu finalmente li... Eu entendo o porquê. Não só foi engolido pelo enredo Orwells e bela exibição de descrição, mas também, esta mente mans... Sua esquerda questionando verdade e realidade como se fosse um novo conceito. Além disso, ele basicamente criou uma nova linguagem que, quando você a quebra, poderia funcionar... Não é de admirar que tantos artistas e pesquisadores referenciem seu trabalho... Estou me perguntando, esta é uma previsão terrivelmente precisa do futuro (mal cronometrado) ou um aviso metafórico de um homem no saber?... De qualquer forma, muito é evidente no mundo de hoje, então vamos tomá-lo como um aviso!

16 pessoas acharam isso útil

Exemplo de comentário dentro da plataforma do Kindle

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente        Concordo plenamente

As informações sobre os autores dentro da plataforma do Kindle na internet tem \* reflexo na minha experiência de leitura

**George Orwell**

George Orwell is one of England's most famous writers and social commentators. Among his works are the classic political satire Animal Farm and the dystopian nightmare vision Nineteen Eighty Four. Orwell was also a prolific essayist, and it is for these works that he was perhaps best known during his lifetime.

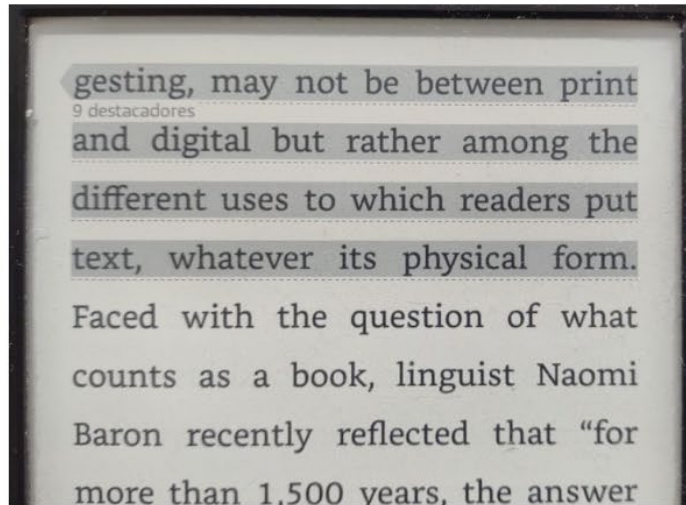
**Atualizações do Autor**

Exemplo de página de um autor dentro da plataforma Kindle

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente        Concordo plenamente

O número de vezes que um trecho é destacado dentro do Kindle tem reflexo na minha experiência de leitura \*

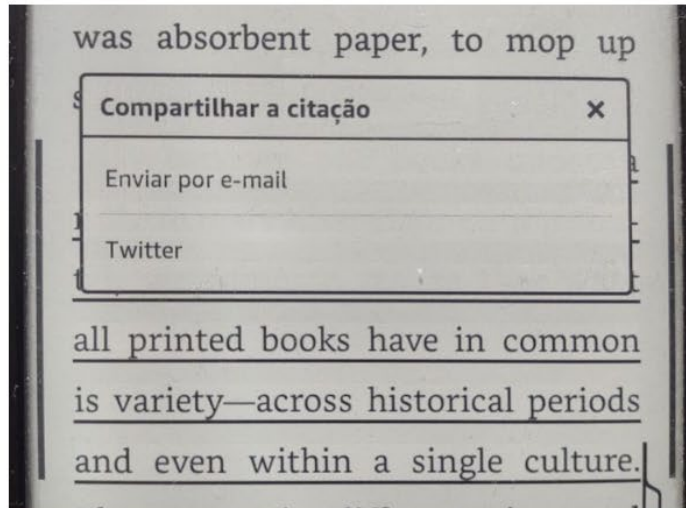


Exemplo onde o trecho foi destacado por 9 pessoas

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente        Concordo plenamente

A possibilidade de compartilhar trechos do livro no Twitter ou por e-mail dentro do Kindle tem reflexo na minha experiência de leitura \*



Exemplo de compartilhamento de trechos

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente        Concordo plenamente

[Voltar](#)

[Próxima](#)

[Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

# Levantamento de percepções a respeito da leitura social no e-reader Kindle

denardi.davi@gmail.com [Alternar conta](#)



\*Obrigatório

## Outros fatores

Textos e avaliações postadas em publicações especializadas em livros tem reflexo na minha experiência de leitura \*

Podem ser consideradas "publicações especializadas" os portais de notícias, blogs, canais do Youtube, entre outros.

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente

Concordo plenamente

Postagens de pessoas que eu sigo a respeito do Kindle ou de livros tem reflexo na minha experiência de leitura \*

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente

Concordo plenamente

Postagens feitas por autores de livros tem reflexo na minha experiência de leitura \*

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente

Concordo plenamente

Postagens feitas por perfis de editoras de livros tem reflexo na minha experiência de leitura \*

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente

Concordo plenamente



Postagens feitas por perfis de livrarias tem reflexo na minha experiência de leitura \*

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente        Concordo plenamente

Postagens sobre livros feitas por influenciadores digitais tem reflexo na minha experiência de leitura \*

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente        Concordo plenamente

Notas e comentários feitos em sistemas de avaliação além do Kindle tem reflexo na minha experiência de leitura \*

Como por exemplo Goodreads, Skoob, LibraryThing ou sistemas disponibilizados por livrarias.

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente        Concordo plenamente

Você faz parte de algum grupo de leitura online? \*

Sim

Não

[Voltar](#)

[Próxima](#)

[Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

## Levantamento de percepções a respeito da leitura social no e-reader Kindle

denardi.davi@gmail.com [Alternar conta](#)



\*Obrigatório

### Grupos de leitura

Postagens e comentários feitos nos grupos de leitura online que participo tem reflexo na minha experiência de leitura \*

1 2 3 4 5 6 7

Discordo plenamente        Concordo plenamente

[Voltar](#)

[Próxima](#)

[Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

## Levantamento de percepções a respeito da leitura social no e-reader Kindle

denardi.davi@gmail.com [Alternar conta](#)



### Outras questões

Use esse espaço para compartilhar outros aspectos que afetam a sua experiência de leitura além dos descritos neste formulário

Sua resposta

Use esse espaço para fazer outros comentários que voce considera importante a respeito da pesquisa

Sua resposta

[Voltar](#)

[Enviar](#)

[Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

## APÊNDICE 3

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as entrevistas**



### **Termo de consentimento livre e esclarecido**

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário da pesquisa intitulada “Proposta de modelo de experiência de leitura social no e-reader Kindle”, vinculada ao programa de Pós-graduação em Design (PGDesign) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que será conduzida pelo pesquisador Davi Frederico do Amaral Denardi, e com orientação do Prof Dr Airton Cattani.

Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Peça orientação quantas vezes for necessário para esclarecer todas as suas dúvidas. A proposta deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo. A pesquisa cumpre as exigências referentes ao sigilo e aspectos éticos conforme instituído na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) para pesquisas envolvendo seres humanos.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender de que forma os elementos da leitura social se relacionam com a experiência de leitura sob o ponto de vista dos usuários do e-reader Kindle. Para participar desse estudo você precisará responder a uma entrevista semiestruturada, que terá como base um roteiro de entrevista elaborado pelas pesquisadoras e concordar que as respostas sejam gravadas em áudio e vídeo para posterior transcrição e análise. A entrevista ocorrerá de forma remota utilizando a ferramenta Google Meet e levará em torno de 40 (quarenta) minutos para ser respondida.

A entrevista será gravada em formato de áudio e vídeo para posterior transcrição das informações na íntegra. Essa entrevista contém em torno de 6 (seis) perguntas, incluindo os dados de identificação e sociodemográficos.

Você não é obrigado a responder todas as perguntas e poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ser prejudicado por isso. Não há respostas certas ou erradas, pois o que importa é como você compreende o assunto abordado. Os pesquisadores responsáveis pelo estudo irão analisar as informações passadas por você através de seu relato nas entrevistas. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo.

Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar participar desse estudo, rubrique todas as folhas e assine ao final deste documento.

As folhas também terão sido rubricadas pelos pesquisadores e assinados por eles, na última página. Este documento tem 2 (duas) vias e 1 (uma) delas é sua. A outra ficará com as pesquisadoras responsáveis.

Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma.

Com relação aos benefícios proporcionados pela presente pesquisa, estão a importância de conhecer como os elementos da leitura social, como o compartilhamento de trechos de livros em redes sociais ou a avaliação dos livros feitas em plataformas web afetam a experiência de leitura, contribuindo para a tomada de decisão de autores, editores e outras partes interessadas na cadeia de produção de livros no Kindle.

Dentre os riscos, considerados mínimos, identificam-se possíveis constrangimentos ao expor suas percepções e vivências pessoais, a mobilização emocional frente aos conteúdos abordados nas questões da entrevista em profundidade, o tempo despendido durante a coleta de dados, além de cansaço e falta de motivação para participar do estudo.

Além dos riscos já mencionados, há a possibilidade do risco de quebra de sigilo, sendo este comum a todas as pesquisas realizadas com seres humanos. Neste sentido, salienta-se que, como medida de proteção, todos os dados coletados

serão analisados em caráter científico, portanto, serão registrados sem menção aos dados de identificação do participante. Todos os documentos relativos à pesquisa serão guardados em local restrito pelo prazo de 5 (cinco) anos, sem dados que possibilitem a identificação dos participantes.

Contudo, apesar da consciência da possibilidade destes riscos existirem, esta pesquisa buscará trabalhar de forma a evitar a sua ocorrência.

Caso os dados fornecidos necessitem ser utilizados em eventos ou artigo científico, serão adotados códigos de identificação ou nomes fictícios. Você poderá questionar ou solicitar informações sobre a pesquisa quando achar necessário, mesmo depois de realizada a entrevista, por meio do contato dos pesquisadores que constam no final deste documento.

Não haverá nenhum custo a você relacionado a este estudo, bem como não haverá remuneração, pagamento ou recompensa pela sua participação, sendo ela totalmente livre.

A presente pesquisa está baseada na Resolução CNS 466/12 e os pesquisadores declaram expressamente que se comprometem a cumprir essa resolução e demais orientações do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH).

## **IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO**

**Título:** Proposta de modelo de experiência de leitura social no e-reader Kindle.

**Pesquisador principal:** Davi Frederico do Amaral Denardi

**Pesquisador responsável e Orientador:** Prof. Dr. Airton Cattani

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi, de forma clara e objetiva, todas as explicações sobre o estudo. Entendi que as informações fornecidas serão tratadas com sigilo, garantindo a minha privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Também fui informado(a) de que os eventuais riscos da pesquisa são baixos e que não há qualquer despesa para mim. Declaro ainda, que fui informado(a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento sem prejuízo a mim. Esse Termo está em duas vias e ambas serão rubricadas e assinadas, sendo que uma das vias será obrigatoriamente entregue para você (participante), e outra de igual teor ficará guardada, sob sigilo, com os pesquisadores.

....., ..... de ..... de 2020.

Nome por extenso do(a) participante:

.....  
.....  
.

Assinatura:.....

**Davi Frederico do Amaral Denardi**

Pesquisador

(53) 98158-1262

## APÊNDICE 4

### **Texto do convite para participação enviado para os autores**

Oi [nome do autor], tudo bem?

Sou doutorando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estou finalizando uma pesquisa sobre a socialização de livros dentro da plataforma Kindle. Como você é um[a] autor[a] de livros para Kindle gostaria de te convidar para participar da fase final da pesquisa.

A participação seria uma entrevista online onde eu apresentaria os resultados alcançados até agora e você me daria a sua percepção/opinião sobre eles.

Se tiver interesse é só responder essa mensagem com os melhores dias e horários para a realização da entrevista e se puderes responder esse formulário para que eu conheça o seu perfil eu também agradeceria.

[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdSYepI098uguRk9I692qx8og5TWE8obPyyX5\\_dfuLCsYQKFQ/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdSYepI098uguRk9I692qx8og5TWE8obPyyX5_dfuLCsYQKFQ/viewform?usp=sf_link)

Obrigado e boa sorte nos livros! :)

## APÊNDICE 5

### Resultados do teste de Kruskal Wallis para as ferramentas internas do Kindle

	<b>CHI-SQUARE</b>	<b>DF</b>	<b>ASYMP. SIG.</b>
<b>AVALIAÇÕES DO LIVRO</b>	,965	2	,617
<b>COMENTÁRIOS</b>	2,439	2	,295
<b>INFORMAÇÕES DOS AUTORES</b>	1,215	2	,545
<b>DESTAQUE DE TRECHO</b>	,956	2	,620
<b>COMPARTILHAR TRECHOS</b>	,034	2	,983
<b>POSTAGEM DE SEGUIDORES</b>	3,836	2	,147
<b>POSTAGEM DE AUTORES</b>	1,438	2	,487
<b>POSTAGEM DE EDITORAS</b>	,436	2	,804
<b>POSTAGEM DE LIVRARIAS</b>	,625	2	,732
<b>PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS</b>	,508	2	,776
<b>POSTAGENS DE INFLUENCIADORES</b>	3,219	2	,200
<b>AVALIAÇÕES FORA KINDLE</b>	9,280	2	,10

Fonte: do autor



## APÊNDICE 6

### Resultados do teste de Kruskal Wallis por sexo

	CHI-SQUARE	DF	ASYMP. SIG.
<b>AVALIAÇÕES DO LIVRO</b>	0,014	2	0,906
<b>COMENTÁRIOS</b>	0,177	2	0,674
<b>INFORMAÇÕES DOS AUTORES</b>	2,733	2	0,098
<b>DESTAQUE DE TRECHO</b>	0,001	2	0,971
<b>COMPARTILHAR TRECHOS</b>	0,138	2	0,711
<b>POSTAGEM DE SEGUIDORES</b>	0,824	2	0,364
<b>POSTAGEM DE AUTORES</b>	0,782	2	0,376
<b>POSTAGEM DE EDITORAS</b>	3,718	2	0,054
<b>POSTAGEM DE LIVRARIAS</b>	2,811	2	0,094
<b>PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS</b>	3,983	2	0,046
<b>POSTAGENS DE INFLUENCIADORES</b>	2,69	2	0,101
<b>AVALIAÇÕES FORA KINDLE</b>	1,82	2	0,177

Fonte: organizado pelo autor.

## APÊNDICE 7

### Resultados do teste de Kruskal Wallis por tipo de dispositivo

	CHI-SQUARE	DF	ASYMP. SIG.
<b>AVALIAÇÕES DO LIVRO</b>	2,225	3	0,527
<b>COMENTÁRIOS</b>	1,024	3	0,795
<b>INFORMAÇÕES DOS AUTORES</b>	1,169	3	0,761
<b>DESTAQUE DE TRECHO</b>	1,901	3	0,593
<b>COMPARTILHAR TRECHOS</b>	2,361	3	0,501
<b>POSTAGEM DE SEGUIDORES</b>	1,911	3	0,591
<b>POSTAGEM DE AUTORES</b>	2,65	3	0,449
<b>POSTAGEM DE LIVRARIAS</b>	3,199	3	0,362
<b>PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS</b>	2,648	3	0,449
<b>POSTAGENS DE INFLUENCIADORES</b>	7,784	3	0,051
<b>AVALIAÇÕES FORA KINDLE</b>	2,943	3	0,4

Fonte: organizado pelo autor.

## APÊNDICE 8

### Formulário para participação na verificação dos resultados

### Verificação de resultados de pesquisa

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada "Proposta de modelo de experiência de leitura social no e-reader Kindle" com o objetivo principal de propor um modelo relacionando elementos da leitura social com a experiência de leitura no e-reader Kindle tendo como base as percepções dos usuários do dispositivo.

Esse documento possui as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada e sobre a sua colaboração. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.


Se você concordar em participar basta selecionar a opção no formulário concordando com a participação na pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com os responsáveis pela pesquisa cujos contatos estão disponibilizados a seguir.

Para participar da pesquisa você terá que responder a uma entrevista contendo perguntas abertas relacionadas à sua percepção sobre o modelo de experiência de leitura proposto. A entrevista tem previsão de duração de 30 minutos e você poderá escolher os melhores dias e horários para a realização por meio deste formulário. Você não precisa se identificar, mas solicitamos seu e-mail e telefone para formalizar a entrevista e identificar para envio de uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os seus dados de contato jamais serão divulgados e serão usados apenas para marcar as entrevistas. As suas respostas serão analisadas e a entrevista será gravada, mas apenas os pesquisadores envolvidos no projeto conhecerão esse material para discutir os resultados. Os registros da entrevista não serão publicados em qualquer meio e todos os procedimentos para a garantia da confidencialidade aos participantes serão observados, procurando-se evitar descrever informações que possam lhe comprometer.

O benefício esperado com a pesquisa será contribuir para esclarecer os componentes da experiência de leitura e da leitura social sob o ponto de vista dos usuários do dispositivo, permitindo a autores, editores e designers propor livros eletrônicos mais adequados às preferências do público.

Os riscos que você pode correr ao realizar a pesquisa é de ser identificado mesmo com todos os cuidados de sigilo adotados e o aborrecimento por ter que disponibilizar o seu tempo para a pesquisa. Para minimizar esses riscos os dados coletados apenas serão acessados pelos pesquisadores responsáveis, que se comprometem a manter essas informações seguras. Mas, se diante dessas explicações você acha que está suficientemente informado(a) a respeito da pesquisa que será realizada e concorda de livre e espontânea vontade em participar da pesquisa é só clicar em concordo no formulário da pesquisa.

Caso você possua perguntas sobre o estudo ou se pensar que houve algum prejuízo pela sua participação nesse estudo, pode conversar a qualquer hora com a pesquisadora da pesquisa prof. Dr. Airton Cattani através do telefone (51) 9352-3736, com o pesquisador assistente Davi Frederico do Amaral Denardi (53) 98158-1262.

[denardi.davi@gmail.com](mailto:denardi.davi@gmail.com) [Alternar conta](#) 

\*Obrigatório

E-mail \*

Você concorda em participar da pesquisa? \*

Concordo

Discordo

[Próxima](#) [Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

## Verificação de resultados de pesquisa

denardi.davi@gmail.com [Alternar conta](#)



### Seção sem título

#### Seu telefone

Preferencialmente Whatsapp. Será usado exclusivamente para marcar um horário para a entrevista.

Sua resposta

#### Qual sua idade

Sua resposta

#### Quantos livros você já publicou no Kindle

Sua resposta

Qual o nome do(s) último(s) livro(s) publicado(s) no Kindle?  
Sem pressão, e só pra conhecer você melhor! ;)

Sua resposta

Quantos livros você já publicou de outras formas  
Livro impresso, e-book em PDF, por exemplo.

Sua resposta

#### Qual sua escolaridade

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior
- Pós-graduação

#### Quais são os melhores dias para você participar da entrevista

- Segunda-feira
- Terça-feira
- Quarta-feira
- Quinta-feira
- Sexta-feira
- Sábado

#### Quais são os melhores períodos para você participar da entrevista

- Manhã
- Tarde
- Noite

Existe algum detalhe que você queira compartilhar sobre sua participação  
Dias e horários específicos, por exemplo

Sua resposta

[Voltar](#)

[Enviar](#)

[Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

## APÊNDICE 9

### Tabelas de correlações

		<i>Avaliacoes</i>	<i>Comentarios</i>	<i>Autores</i>	<i>Trecho</i>
<i>Avaliacoes</i>	Pearson Correlation	1	,753**	,432**	,090
	Sig. (2-tailed)		,000	,001	,516
	N	54	54	54	54
<i>Comentarios</i>	Pearson Correlation	,753**	1	,473**	,059
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,670
	N	54	54	54	54
<i>Autores</i>	Pearson Correlation	,432**	,473**	1	,070
	Sig. (2-tailed)	,001	,000		,613
	N	54	54	54	54
<i>Trecho</i>	Pearson Correlation	,090	,059	,070	1
	Sig. (2-tailed)	,516	,670	,613	
	N	54	54	54	54
<i>Compartilhar</i>	Pearson Correlation	,252	,289*	,322*	,425**
	Sig. (2-tailed)	,066	,034	,018	,001
	N	54	54	54	54
<i>Pubespecializadas</i>	Pearson Correlation	,081	,185	-,022	,415**
	Sig. (2-tailed)	,560	,181	,875	,002
	N	54	54	54	54
<i>postseguidores</i>	Pearson Correlation	,186	,254	,000	,339*
	Sig. (2-tailed)	,177	,064	,998	,012
	N	54	54	54	54
<i>postautores</i>	Pearson Correlation	,095	,295*	,287*	,155
	Sig. (2-tailed)	,495	,030	,035	,262
	N	54	54	54	54
<i>posteditoras</i>	Pearson Correlation	,178	,089	,181	,331*
	Sig. (2-tailed)	,199	,521	,189	,014
	N	54	54	54	54
<i>postlivrarias</i>	Pearson Correlation	,134	-,002	,184	,208
	Sig. (2-tailed)	,335	,990	,183	,131
	N	54	54	54	54
<i>postinfluenciadores</i>	Pearson Correlation	,038	,226	,100	,233
	Sig. (2-tailed)	,789	,104	,475	,094
	N	53	53	53	53
<i>avalfora</i>	Pearson Correlation	,205	,241	,246	,174
	Sig. (2-tailed)	,137	,079	,073	,208
	N	54	54	54	54
<i>post_grupo</i>	Pearson Correlation	-,136	-,089	-,246	,181
	Sig. (2-tailed)	,483	,645	,199	,348
	N	29	29	29	29

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

		<i>Compartilhar</i>	<i>Pubespecializadas</i>	<i>postseguidores</i>
<i>Avaliacoes</i>	Pearson Correlation	,252	,081	,186
	Sig. (2-tailed)	,066	,560	,177
	N	54	54	54
<i>Comentarios</i>	Pearson Correlation	,289*	,185	,254
	Sig. (2-tailed)	,034	,181	,064
	N	54	54	54
<i>Autores</i>	Pearson Correlation	,322*	-,022	,000
	Sig. (2-tailed)	,018	,875	,998
	N	54	54	54

<i>Trecho</i>	Pearson Correlation	,425**	,415**	,339*
	Sig. (2-tailed)	,001	,002	,012
	N	54	54	54
<i>Compartilhar</i>	Pearson Correlation	1	,233	,289*
	Sig. (2-tailed)		,091	,034
	N	54	54	54
<i>Pubespecializadas</i>	Pearson Correlation	,233	1	,536**
	Sig. (2-tailed)	,091		,000
	N	54	54	54
<i>postseguidores</i>	Pearson Correlation	,289*	,536**	1
	Sig. (2-tailed)	,034	,000	
	N	54	54	54
<i>postautores</i>	Pearson Correlation	,172	,348*	,324*
	Sig. (2-tailed)	,215	,010	,017
	N	54	54	54
<i>posteditoras</i>	Pearson Correlation	,228	,273*	,370**
	Sig. (2-tailed)	,098	,046	,006
	N	54	54	54
<i>postlivrarias</i>	Pearson Correlation	,039	,089	,289*
	Sig. (2-tailed)	,777	,521	,034
	N	54	54	54
<i>postinfluenciadores</i>	Pearson Correlation	,270	,427**	,625**
	Sig. (2-tailed)	,050	,001	,000
	N	53	53	53
<i>avalfora</i>	Pearson Correlation	,085	,408**	,359**
	Sig. (2-tailed)	,543	,002	,008
	N	54	54	54
<i>post_grupo</i>	Pearson Correlation	-,290	,274	,031
	Sig. (2-tailed)	,127	,151	,873
	N	29	29	29

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

		<i>postautores</i>	<i>posteditoras</i>	<i>postlivrarias</i>
<i>Avaliaco</i>	Pearson Correlation	,095	,178	,134
	Sig. (2-tailed)	,495	,199	,335
	N	54	54	54
<i>Comentarios</i>	Pearson Correlation	,295*	,089	-,002
	Sig. (2-tailed)	,030	,521	,990
	N	54	54	54
<i>Autores</i>	Pearson Correlation	,287*	,181	,184
	Sig. (2-tailed)	,035	,189	,183
	N	54	54	54
<i>Trecho</i>	Pearson Correlation	,155	,331*	,208
	Sig. (2-tailed)	,262	,014	,131
	N	54	54	54
<i>Compartilhar</i>	Pearson Correlation	,172	,228	,039
	Sig. (2-tailed)	,215	,098	,777
	N	54	54	54
<i>Pubespecializadas</i>	Pearson Correlation	,348*	,273*	,089
	Sig. (2-tailed)	,010	,046	,521
	N	54	54	54
<i>postseguidores</i>	Pearson Correlation	,324*	,370**	,289*
	Sig. (2-tailed)	,017	,006	,034
	N	54	54	54
<i>postautores</i>	Pearson Correlation	1	,652**	,488**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000
	N	54	54	54
<i>posteditoras</i>	Pearson Correlation	,652**	1	,794**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000
	N	54	54	54
<i>postlivrarias</i>	Pearson Correlation	,488**	,794**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	
	N	54	54	54

	N	54	54	54
<i>postinfluenciadores</i>	Pearson Correlation	,531**	,524**	,464**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000
	N	53	53	53
<i>avalfora</i>	Pearson Correlation	,362**	,232	,216
	Sig. (2-tailed)	,007	,091	,116
	N	54	54	54
<i>post_grupo</i>	Pearson Correlation	,173	,039	-,014
	Sig. (2-tailed)	,370	,842	,944
	N	29	29	29

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

		<i>postinfluenciadores</i>	<i>Aval Ext</i>	<i>post_grupo</i>
<i>Avaliacoes</i>	Pearson Correlation	,038	,205	-,136
	Sig. (2-tailed)	,789	,137	,483
	N	53	54	29
<i>Comentarios</i>	Pearson Correlation	,226	,241	-,089
	Sig. (2-tailed)	,104	,079	,645
	N	53	54	29
<i>Autores</i>	Pearson Correlation	,100	,246	-,246
	Sig. (2-tailed)	,475	,073	,199
	N	53	54	29
<i>Trecho</i>	Pearson Correlation	,233	,174	,181
	Sig. (2-tailed)	,094	,208	,348
	N	53	54	29
<i>Compartilhar</i>	Pearson Correlation	,270	,085	-,290
	Sig. (2-tailed)	,050	,543	,127
	N	53	54	29
<i>Pubespecializadas</i>	Pearson Correlation	,427**	,408**	,274
	Sig. (2-tailed)	,001	,002	,151
	N	53	54	29
<i>postseguidores</i>	Pearson Correlation	,625**	,359**	,031
	Sig. (2-tailed)	,000	,008	,873
	N	53	54	29
<i>postautores</i>	Pearson Correlation	,531**	,362**	,173
	Sig. (2-tailed)	,000	,007	,370
	N	53	54	29
<i>posteditoras</i>	Pearson Correlation	,524**	,232	,039
	Sig. (2-tailed)	,000	,091	,842
	N	53	54	29
<i>postlivrarias</i>	Pearson Correlation	,464**	,216	-,014
	Sig. (2-tailed)	,000	,116	,944
	N	53	54	29
<i>postinfluenciadores</i>	Pearson Correlation	1	,321*	,127
	Sig. (2-tailed)		,019	,520
	N	53	53	28
<i>avalfora</i>	Pearson Correlation	,321*	1	,267
	Sig. (2-tailed)	,019		,162
	N	53	54	29
<i>post_grupo</i>	Pearson Correlation	,127	,267	1
	Sig. (2-tailed)	,520	,162	
	N	28	29	29

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

## APÊNDICE 10

### Respostas para o espaço aberto

PARTICIPANTE	Use esse espaço para compartilhar outros aspectos que afetam a sua experiência de leitura além dos descritos neste formulário	Use esse espaço para fazer outros comentários que você considera importante a respeito da pesquisa
<b>PARTICIPANTE 4</b>	<p>Como meu kindle não tem iluminação, isso tem pontos positivos e negativos. O positivo é que é mais confortável pra leitura por não ter luz e o negativa é depender de iluminação pra poder ler.</p> <p>Um fator que me atrai no Kindle é o conforto na hora da leitura. Normalmente, com um livro físico, tu fica dependente de uma posição confortável que permita que tu vire as páginas e segure o livro. Com o Kindle tu pode deitar por horas numa mesma posição e só clicar na tela para avançar. Parece coisa de preguiçoso, hahahahaha, mas quando tenho dor nas costas, ajuda bastante a ficar numa posição confortável e poder ler ao mesmo tempo.</p> <p>Além disso, normalmente quando vou viajar, prefiro levar o Kindle do que um livro impresso. Tanto pela questão do peso, como pela facilidade de ler nele.</p>	<p>Meu Kindle é de 2017, então na pergunta sobre o compartilhamento por Twitter, coloquei que discordava pois nunca usei a função. Mas penso que poderia interessante ter uma opção de compartilhar uma avaliação nos Stories do Instagram. Algo parecido com o compartilhamento do Letterboxd.</p> <p>E falando sobre compartilhando, acho que poderia ter uma opção de emprestar o livro pra outro usuário do Kindle, algo por um tempo determinado, por exemplo. Para a Amazon poderia ser interessante pois atrairia mais usuários e né, todo mundo sabe que eles lucram vendendo o aparelho do que os e-books, hahaha.</p>
<b>PARTICIPANTE 5</b>	<p>A possibilidade de ler em mais de uma plataforma (Kindle e celular, Kindle e livro físico). Outra coisa que percebi que impactou foi a pandemia. Fiquei quase um ano sem ler no Kindle porque não conseguia passar para a página seguinte e, analisando o contexto, acho que o fato de em 2020 ter que usar muito o eletrônico impactou bastante.</p>	<p>Achei bem interessante a pesquisa espero ver o resultado em breve</p>
<b>PARTICIPANTE 6</b>		<p>Não necessariamente que a opinião de outros (pessoas ou livrarias ou editoras) me façam querer ler tal livro. Acaba que estas sugestões ficam na minha lista de livros que eu quero ler mas que dificilmente saem do papel</p>
<b>PARTICIPANTE 19</b>	<p>Recomendação de amigos/pessoas próximas.</p>	



<b>PARTICIPANTE 20</b>	gosto de ler de noite, e o kindle tem luz interna. infelizmente queria que o meu tivesse modo noturno (fundo preto atras do texto) p machucar menos os olhos, mas a versao q tem isso esta muito cara	talvez pesquisar sobre pirataria. sou estudante desempregada e nao compro todos os livros q quero. piratear e ler no kindle fez eu aumentar 100% a quantidade de livros q leio
<b>PARTICIPANTE 22</b>	Faltou a opção diariamente na pergunta sobre periodicidade de uso do kindle	
<b>PARTICIPANTE 24</b>	Limitações nas funcionalidades do Kindle no Brasil por parte do sistema, enquanto o mesmo aparelho na América do Norte tem muito mais funcionabilidades.	No geral usuários de kindle, quase todas são chatas preguiçosas. Querem ostentar o leitor por modismo, comprar aparelhos caros para ostentar mas pagam 5 Reais em um Ebook do autor que gostam.
<b>PARTICIPANTE 31</b>	No kindle brasileiro não tem opção de compartilhar no twitter por isso não é relevante.	Comprar livros originais tem impacto na minha experiencia de leitura.
<b>PARTICIPANTE 40</b>	Sinopses dos livros	
<b>PARTICIPANTE 47</b>	Gosto quando outros leitores indicam livros do gênero que eu gosto: fantasia. Geralmente qualquer outro gênero eu não me importo muito.	
<b>PARTICIPANTE 57</b>	Amo meu kindle, leio todos os dias	
<b>PARTICIPANTE 58</b>	Na decisão de comprar e ler um livro, eu me guio bastante pelas indicações de reais autoridades sobre o assunto. Se um CEO reconhecido pelo mercado indica um livro que não foi ele quem escreveu, eu compraria e leria esse livro. Mesma coisa para um professor que indica leituras técnicas. Raramente me inclino para literatura.	
<b>PARTICIPANTE 61</b>	Em geral, escolho minhas leituras por afinidades com o tema, ou por estarem relacionados à área de trabalho	
<b>PARTICIPANTE 66</b>	A questão da	Que amazon melhore e o espaço para pdf
<b>PARTICIPANTE 67</b>	O resumo influência totalmente na minha leitura, a capa tbm ajuda a decidir.	
<b>PARTICIPANTE 69</b>	As avaliações	
<b>PARTICIPANTE 74</b>	O Kindle é ótimo no geral, simples e perfeito no que se propõem a fazer. Só sinto falta de uma agenda no sistema.	
<b>PARTICIPANTE 79</b>	Quando um livro já está em domínio público, a edição afeta a minha	N/A

leitura. Tenho a sensação - talvez sem sentido - que uma versão gratuita não vai ter a mesma qualidade em relação a publicação de alguma editora. E nem estou considerando que o livro pode ter material de apoio, é sobre o texto da obra em si. Já comprei o mesmo ebook, 1984, duas vezes porque havia optado por uma edição mais barata e tempos depois a edição de uma editora conceituada estava em promoção.